

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

Itamar Ary Sacramento Santos

SOCIEDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO:
História e análise da sua crise de renovação institucional

Belo Horizonte

2017

ITAMAR ARY SACRAMENTO SANTOS

SOCIEDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO:

História e análise da sua crise de renovação institucional

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Agostinho Nogueira
Baptista

Área de concentração: Cultura e Religião
Linha de Pesquisa: Religião, Política e Educação

Belo Horizonte

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S237s Santos, Itamar Ary Sacramento
Sociedade de São Vicente de Paulo: história e análise da sua crise de renovação institucional / Itamar Ary Sacramento Santos. Belo Horizonte, 2017. 135 f.: il.

Orientador: Paulo Agostinho Nogueira Baptista
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

I. Sociedade de São Vicente de Paulo - História. 2. Vicentinos. 3. Igreja e problemas sociais - Igreja Católica. 4. Religião e sociologia. 5. Secularização (Teologia). I. Baptista, Paulo Agostinho Nogueira. II Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 261.7

ITAMAR ARY SACRAMENTO SANTOS

SOCIEDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO:

História e análise da sua crise de renovação institucional

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Área de Concentração: Religião e Cultura

Linha de Pesquisa: Religião, Política e Educação

Professor Dr. Paulo Agostinho Nogueira Baptista

Professor Dr. Carlos Frederico Barboza de Souza

Professor Dr. Sinivaldo Silva Tavares

Belo Horizonte, 31 de agosto de 2017.

AGRADECIMENTOS

A Deus e aos meus pais: Itamar dos Santos e Marta Maria dos Santos.

Aos meus irmãos, respectivas esposas e sobrinhos: Adriano, Renata, Eros, Lara, Ivan, Tereza e Pedro, pela força e apoio durante toda a vida.

Ao meu orientador, Professor Dr. Paulo Agostinho Nogueira Baptista, pela paciência, sabedoria, ensinamentos, inteligência e incentivo, meus eternos agradecimentos.

A minha esposa Cátia Amaral, pelo apoio, paciência, gratidão, auxílio e toda força nos momentos mais tortuosos.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas.

Ao Lucas Ed. pelo incentivo e apoio.

As tias, Ângela e Lica, pelo idéias e sugestões.

Aos primos, Pituka e Taís, pelo auxílio.

Aos novos amigos do Conselho Central Sagrados Corações, em especial, aos integrantes da Conferência Vicentina Santo Antônio.

A Dênia e toda a equipe de funcionários do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas.

A todos que, de alguma forma direta ou indireta, auxiliaram nesta empreitada.

RESUMO

O presente estudo teve como objeto a Sociedade de São Vicente de Paulo - SSVP, e visou analisar a crise institucional da associação, relacionando-a com a crise religiosa contemporânea, tendo em vista a dificuldade na admissão de novos quadros para a entidade, como também a complexidade da manutenção de seus membros. A motivação do trabalho foi compreender como a crise socioreligiosa contemporânea contribui para esse processo, valendo-se também da observação empírica nas reuniões, festas e eventos realizados pela instituição. Buscou-se ainda identificar alguns fatores externos e internos à instituição, e suas implicações, que estão contribuindo para esse desequilíbrio. Para isso, foi utilizado como método principal de coleta de dados a pesquisa bibliográfica, em fontes e documentos da SSVP, como a Regra e o Regulamento; boletins, revistas e atas da entidade, como também obras de autores que estudam a SSVP. Houve também, metodologicamente, a observação através da presença numa Conferência Vicentina, pertencente ao Conselho Central Sagrados Corações. Bibliograficamente, ainda foram analisadas algumas obras de pesquisadores que refletem sobre a realidade religiosa contemporânea, abordando temas como secularização, modernidade, pluralismo religioso, crise de sentido, transmissão religiosa, crise religiosa contemporânea, mobilidade social e religiosa e juventude, a fim de entender de que maneira tais temas podem ajudar na análise do catolicismo e, conseqüentemente, da crise institucional da SSVP. A dissertação procurou refletir sobre perspectivas e as novas demandas sociais que podem desafiar a entidade a dialogar com a sociedade contemporânea, especialmente com os jovens, oferecendo um horizonte de renovação e de futuro para o carisma da entidade. Para uma entidade centenária, se tornou difícil para os próprios vicentinos incluir seus familiares, sobretudo os próprios filhos, para o trabalho dentro da associação. A análise realizada confirmou a hipótese que realmente a entidade atravessa uma crise sem precedentes e que serão necessárias inovações, aberturas, estratégias e novas pedagogias, se houver interesse em mudar, enfrentar os desafios atuais e renovar a SSVP e seu carisma. Para isso, ela precisará contar com a força e o dinamismo da juventude e de seus membros e dirigentes. A pesquisa realizada no Programa de Pós-graduação

em Ciências da Religião da PUC Minas foi desenvolvida na Área de Concentração “Religião e Cultura” e na Linha de Pesquisa “Religião, Política e Educação”.

Palavras-chave: Sociedade de São Vicente de Paulo. Crise socioreligiosa contemporânea. Crise institucional. Vicentinos. Carisma Vicentino. Juventude.

ABSTRACT

The purpose of this study was to study the institutional crisis of the association, relating it to the contemporary religious crisis, in view of the difficulty in admitting new cadres to the entity, as well as the complexity of maintaining its members. The motivation of the work was to understand how contemporary socioreligious crisis contributes to this process, also using empirical observation in the meetings, parties and events held by the institution. It also sought to identify some external and internal factors of the institution, and its implications, which are contributing to this imbalance. For this, the bibliographical research was used as the main method of data collection, in sources and documents of the SSVP, such as the Rule and Regulation, newsletters, journals, minutes of the entity, as well as works by authors studying the SSVP. There was methodologically also the observation through the presence in a Vincentian Conference, belonging to the Sacred Hearts Central Council. Bibliographically, some of the works of researchers who reflect on contemporary religious reality, dealing with themes such as secularization, modernity, religious pluralism, crisis of meaning, religious transmission, contemporary religious crisis, social and religious mobility, and youth were also analyzed in order to understand how such themes can help in the analysis of Catholicism and, consequently, of the institutional crisis of the SSVP. It began with the history of the entity, seeking to further reflect on the socio-religious crisis and its implications on the institutional crisis of the SSVP, which also has its internal reasons. The final part of the dissertation sought to reflect on perspectives and new social demands that may challenge the entity to dialogue with contemporary society, especially with young people, offering a horizon of renewal and future for the charism of the entity. For a centenary entity, it became difficult for the Vincentians themselves to include their families, especially their own children, for the work within the association. The analysis confirmed the hypothesis that the entity is in fact experiencing an unprecedented crisis, and that innovations, openings, strategies and new pedagogies will be needed if there is an interest in changing, face the current challenges, and renew the SSVP and its charisma. To do this, the institution will need to rely on the strength and dynamism of youth and its members and leaders. The research carried out in the Post-

Graduate Program in Religion Sciences of PUC Minas was developed in the "Religion and Culture" Concentration Area and the "Religion, Politics and Education" Research Line.

Keywords: Society of St. Vincent de Paul. Contemporary socioreligious crisis. Institutional crisis. Vicentino. Charisma Vicentino. Youth.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Estrutura da hierarquia da Sociedade São Vicente de Paulo.....34

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Dados gerais sobre religiões no Brasil a partir dos Censos.....59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A SOCIEDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO – SSVP: HISTÓRIA E REALIDADE ATUAL.....	16
1.1 A SSVP: origem e história.....	17
1.1.1 Vicente de Paulo e Antonio Frederico Ozanam: as origens da imensa rede de caridade.....	19
1.1.2 Estrutura, organização e hierarquia da SSVP.....	27
1.2. A vivência socioreligiosa na SSVP no Brasil: passado e presente.....	33
1.2.1 A ação social vicentina nos primeiros tempos e hoje: alguns exemplos.....	33
1.2.2. A prática religiosa na SSVP.....	37
1.3. Conclusão.....	40
2. A CRISE SOCIORELIGIOSA CONTEMPORÂNEA E A CRISE NA SOCIEDADE SÃO VICENTE DE PAULO - SSVP.....	42
2.1 Secularização e crise religiosa.....	42
2.1.1 Pluralismo e crise de sentido.....	43
2.1.2 A crise religiosa contemporânea.....	55
2.2 A crise institucional da SSVP: fatores externos e internos.....	63
2.2.1 Contribuição de fatores externos à crise da SSVP.....	66
2.2.2 Os problemas internos da SSVP e sua afetação na crise da SSVP.....	71
2.3. Conclusão.....	77
3. A SSVP: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DIANTE DA CRISE.....	78
3.1 O diálogo com a sociedade e suas novas demandas eclesiais: implicações metodológicas.....	78
3.1.1 As mudanças e as novas demandas sociais desafiam a SSVP.....	81
3.1.2 A SSVP e os desafios eclesiais e religiosos contemporâneos.....	88
3.2 A formação, a pedagogia e a conquista dos jovens para o carisma vicentino: desafios metodológicos.....	97
3.2.1 Avaliação da metodologia da SSPV à luz da sociedade contemporânea.....	97
3.2.2 SSVP e juventude: o futuro do carisma vicentino.....	108
3.3. Conclusão.....	117
CONCLUSÃO.....	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	126

INTRODUÇÃO

A Sociedade São Vicente de Paulo - SSVP surgiu em 1833, em Paris, França, onde se localiza a sede mundial até hoje. Seu fundador foi Antônio Frederico Ozanam (1813-1853), juntamente com alguns amigos. O nome da entidade foi uma homenagem a São Vicente de Paulo (1580-1660). É uma organização católica internacional de leigos, que visa a santificação de seus membros através da práxis de assistência e promoção dos mais pobres. Os integrantes são chamados de vicentinos e pautam suas ações em tentar diminuir o sofrimento daqueles que mais necessitam, não só materialmente como também espiritualmente. A SSVP chegou ao Brasil em 1872, no Rio de Janeiro, quando foi fundada a primeira conferência, a de São José. É uma entidade católica, mas independente, pois possui seu próprio estatuto e é totalmente responsável pelas suas atividades e patrimônio.

Como membro dessa entidade, na Conferência Vicentina Santo Antônio, do Conselho Particular São Luiz Gonzaga, vinculado ao Conselho Central Sagrados Corações, desde 2015, comecei a me preocupar com o esvaziamento e conseqüentemente a diminuição de dessa associação. Daí nasceu meu interesse por esse objeto de pesquisa ao apresentar meu projeto na Linha de Pesquisa Religião, Política e Educação, no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Minas.

O ponto principal e incentivador da pesquisa, cujos resultados serão apresentados a seguir, foi uma constatação empírica no Conselho Central Sagrados Corações, pertencente a Sociedade de São Vicente de Paulo - SSVP, localizado no bairro Padre Eustáquio, em Belo Horizonte – MG, do qual participo. Em décadas atrás, percebia-se uma grande movimentação de pessoas, sobretudo de jovens, participando de eventos, festas, bazares, viagens, entre outras atividades. No entanto, nos últimos anos, observou-se uma queda considerável dessa participação, inclusive com escassez de jovens, causando naturalmente a diminuição dos eventos neste Conselho Central. E outra observação emergiu: a idade avançada dos membros que resistiram, na sua maioria de meia idade ou idosos.

Diante desse cenário, surgiram dois questionamentos: 1) o motivo por esse esvaziamento de membros deste Conselho Central; 2) a razão do desaparecimento dos jovens da associação. Mas para entender sobre esses motivos, percebeu-se a amplitude do trabalho e tornou-se necessário delimitar o tema da pesquisa: a crise de renovação institucional da Sociedade de São Vicente de Paulo.

A partir do trabalho de elaboração do projeto, algumas hipóteses surgiram: é um problema específico da SSVP? Ou esse fenômeno se deve ao problema da sociedade contemporânea? Teria relação com a situação vivida pelo catolicismo no Brasil e no mundo, com a diminuição de filiações ao lado do crescimento dos protestantes, especialmente dos pentecostais, e dos sem religião? Ou ainda: o problema estaria na história, na pedagogia, na metodologia e na formação e admissão de membros da SSVP? Ou teria também relação com as mudanças na realidade social, especialmente dos últimos anos no Brasil?

Na construção do projeto de pesquisa definiu-se a abordagem metodológica a ser utilizada no trabalho como pesquisa qualitativa, através da análise sistemática e hermenêutica de natureza bibliográfica, com fontes em revistas, boletins, atas, publicações e sites da entidade ou relacionados a ela. Também foram pesquisados autores que escreveram e refletiram academicamente sobre a SSVP, o que se constatou não serem muitos, mais especificamente: Claudia da Silva (2006), André Souza (2007) e Maria Pinto (2014), o que mostra a originalidade da temática escolhida para o trabalho.

Além disso, foi considerada importante, metodologicamente, a observação-participante do pesquisador em uma Conferência Vicentina com o intuito de conhecer a entidade por dentro e vivenciar as práticas do dia a dia da associação, como também participar de visitas domiciliares e das festas regulamentares.

Com o tema e a metodologia delimitados, começou-se a percorrer os caminhos teóricos necessários, com o intuito de compreender e contextualizar

o problema. Por tratar-se de uma instituição religiosa católica, abria-se a necessidade de se compreender a crise contemporânea religiosa, como também o que a havia causado. E para compreender isso, necessitava-se também de voltar à história e organização da entidade para entender o contexto do seu surgimento. Sendo assim, os pontos de partida dos referenciais teóricos deste trabalho foram históricos e sociológicos. Para a história, recorreu-se a fontes sobre a SSVP. A partir daí, utilizou-se a abordagem teórica da sociologia e dentre os principais autores utilizados pode-se citar Peter Berger (1985) e Danielle Hervieu-Léger (2008), dentre outros.

A estrutura do trabalho será organizada em três capítulos. O primeiro apresentará a história de vida, algumas ações e as obras criadas por São Vicente de Paulo, que foi o personagem que inspirou o nome da SSVP. Também exibirá a biografia de Frederico Ozanam, principal fundador da entidade, explicando em qual contexto ele e seus amigos articularam e colocaram em prática o que haviam idealizado em grupo. Ainda nesse capítulo, será apresentada a estrutura organizacional e hierárquica da associação e também as informações sobre o surgimento e o início das ações do Conselho Central Sagrados Corações, local de observação e de participação na coleta de dados para esta pesquisa durante os últimos dois anos, 2015 e 2016, principalmente. Na segunda parte do capítulo será relatada a chegada da SSVP em solo brasileiro e algumas obras sociais criadas pelos primeiros vicentinos. No último tópico, será evidenciada a carta magna da entidade, ou seja, a sua Regra, como também as Festas Regulamentares, o Compromisso Vicentino e a principal atividade dos vicentinos: as visitas aos assistidos.

No segundo capítulo, fonte básica do marco teórico da pesquisa, diversos autores serão fundamentais nesse processo. Berger abordará a Secularização como perda de controle da religião em locais estratégicos e diminuição de sua influência. Ele creditará ao protestantismo como um dos movimentos principais de desenvolvimento da secularização. Já Hervieu-Léger acrescentará ao significado desse tema um sentido mais paradoxal, pois acredita que as sociedades secularizadas são capazes de fomentar novas configurações religiosas. E a autora ainda apresentará a racionalidade e a

autonomia do sujeito e das instituições como características da modernidade, que contribuíram para o decréscimo da legitimidade religiosa. E ainda, tanto ela quanto Berger apresentarão outro fator importante: a separação da esfera pública e da privada.

A segunda parte do capítulo segundo discutirá a crise institucional da SSVP, apresentando alguns dos problemas externos e internos da instituição. Mostrará, através de documentos, conversas, relatórios e entrevistas, que a crise na SSVP começou por volta do início do século XXI. Dentre eles, o fato dos programas do governo federal, instituídos por volta dessa época, atenderem às necessidades básicas dos mais pobres, causando assim uma diminuição na procura dos necessitados junto a SSVP. Outro fator, foi a publicação do novo Código Civil, que acabou por deslocar alguns vicentinos de suas respectivas Conferências Vicentinas, diante da necessidade de assumirem cargos administrativos. E outro motivo fundamental da crise: a falta de renovação de integrantes. Os aspectos internos e externos serão confrontados com a parte teórica que será apresentada na primeira parte desse capítulo.

O terceiro capítulo iniciará com análise acerca da possível prática assistencialista da instituição. A seguir, será apresentada uma discussão acerca de quem seria considerado pobre no Brasil e como seria as características dos novos excluídos dos tempos atuais e se os vicentinos estariam preparados para lidar com essa nova demanda de necessidades. Também será apresentada breve discussão sobre políticas públicas de governo, com as atenções voltadas para a universalização e a focalização, com o intuito de entender se essas políticas surtiram algum efeito na população carente.

Ainda a primeira parte do terceiro capítulo trará uma análise de alguns dos novos desafios eclesiais contemporâneos, identificados no catolicismo, como possíveis motivos de sua crise. Tais aspectos serão analisados à luz da SSVP, já que se trata de uma instituição católica. E no final dessa parte, além da exposição de algumas posições do Papa Francisco, no sentido de se

trabalhar em prol de uma igreja em direção ao povo, será discutida se houve alguma relação entre a crise na igreja e a crise na SSVP.

A segunda parte do terceiro capítulo começa com a análise sobre a formação na SSVP, tendo em vista as orientações contidas na Regra, das rígidas atribuições exigidas aos aspirantes à entidade, como também aos integrantes mais antigos. Também será apresentada breve exposição de alguns dos conceitos de caridade existentes no Brasil e a relação que podem ter com a compreensão da prática da SSVP. E, por fim, serão apresentadas orientações relacionadas aos jovens, apresentadas na Regra da entidade. E, concluindo, serão apontadas algumas questões em relação à juventude atual, suas tendências, que poderão servir à SSVP na conquista de jovens para Conferências Vicentinas.

1 A SOCIEDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO - SSVP: HISTÓRIA E REALIDADE ATUAL

A Sociedade de São Vicente de Paulo, uma entidade com quase dois séculos de existência, passa por um processo de crise, desequilíbrio e esvaziamento de membros. A quantidade de vicentinos diminui a cada ano e a instituição encontra grande dificuldade não só para recrutar novos membros, como também, para formar novos quadros dentro da associação.

O principal objetivo deste capítulo é apresentar a Sociedade de São Vicente de Paulo e seu surgimento em Paris, na França, passando pela origem, história, contexto político e econômico. Da mesma forma, apresentar o contexto do seu surgimento no Brasil e sua situação atual.

O primeiro capítulo deste trabalho está dividido em dois tópicos, com dois itens cada um. O primeiro tópico traz a biografia e obras de dois expoentes da SSVP: Vicente de Paulo e Frederico Ozanam. Também apresenta o início das atividades da entidade na França e, por fim, apresenta-se a estrutura, a organização e a hierarquia da associação.

O segundo tópico relata a chegada da SSVP no Brasil, descreve alguns dos trabalhos iniciais realizados em solo brasileiro pelos primeiros vicentinos, a fundação do Conselho Nacional do Brasil, a criação de algumas Unidades Vicentinas, a apresentação do Regulamento da entidade e as práticas religiosas recomendadas aos membros.

Desta forma, este capítulo inicial do trabalho assumirá um caráter mais descritivo e explicativo, não só em virtude de propiciar um contexto histórico e institucional da entidade, mas também para conhecimento de algumas atividades pertinentes aos vicentinos.

1.1 A SSVP: origem e história

Segundo se conhece acerca de suas origens, a Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP) surgiu em 1833 em Paris, França, onde ainda hoje se localiza sua sede mundial. Seu fundador foi Antônio Frederico Ozanam e alguns amigos. O nome da entidade, escolhido em 1834, foi uma homenagem a São Vicente de Paulo, criador e inspirador de várias obras de caridade (PAROQUIA SÃO VICENTE DE PAULO, 2015). É uma organização católica internacional de leigos. Os integrantes da SSVP, chamados vicentinos, pautam suas ações em tentar diminuir o sofrimento daqueles menos afortunados, não só material como também espiritual. Conforme se descreve em documentos próprios, suas ações abarcam qualquer forma de auxílio, "tendo em vista aliviar o sofrimento ou a miséria e promover a dignidade e integridade do homem em todas as suas dimensões" (CONSELHO NACIONAL DO BRASIL DA SSVP, 2007, p. 16).

A Sociedade de São Vicente de Paulo surgiu em Paris, em meio a variadas mudanças sociais, políticas e religiosas na França, sobretudo na capital que, de acordo com Hobsbawm (1994, p. 135), era uma "cidade sempre agitada pela atividade de massa [,,,]". A nova entidade teria muitas atividades a desenvolver, já que a pauperização havia crescido devido a grande quantidade de camponeses que haviam se transferido para a capital em busca de trabalho, fazendo com que a cidade tivesse um crescimento desordenado.

Com o aumento da população em Paris, as condições de vida da maioria das pessoas se tornaram precárias e desesperadoras, e o abismo entre as classes sociais se intensificou. Des Riveres (1996, p. 45-46), retrata parte dessa situação:

O povo, amontado em casarões velhos e insalubres, vivia de biscates. O mundo operário não estava de forma alguma organizado e, por isso mesmo, era explorado. As mulheres e até as crianças de doze, dez ou oito anos trabalhavam até doze horas por dia nas fábricas imundas, sujas e escuras, não recebendo geralmente mais do que uma ração diária de pão e batatas, enquanto os ricos proprietários viviam do produto de suas terras, servidos por camponeses, reduzidos também eles a condições desumanas.

Desta forma, conforme Hobsbawm (1994), tal situação de penúria vivida pelos pobres, acrescida pelas tragédias do infanticídio, da prostituição e dos vícios, como o alcoolismo, contribuíram para o sofrimento e desmoralização dessa nova classe de trabalhadores, surgida em algumas grandes cidades européias, após o início da industrialização. Dentre as péssimas consequências para os pobres pode-se citar o surgimento de doenças que tão logo se transformavam em epidemias: "A consequência mais patente desta deterioração urbana foi o reaparecimento das grandes epidemias de doenças contagiosas, notadamente a cólera, que reconquistou a Europa a partir de 1831 [...]" (HOBSBAWM 1994, p. 224).

Ainda nesse período, na França, o catolicismo atravessava um momento de instabilidade:

A religião católica não é mais a religião do Estado; foram supressos os honorários dos cardeais, as Câmaras se negam a garantir a segurança do clero. Houve padres ameaçados de morte, outros apostaram e deixaram o hábito religioso; a maior parte deles estão, por medo, confinados nas suas igrejas. (DES RIVERES, 1996, p. 28).

Tal contexto era propício para o surgimento de grupos religiosos. Conforme Lanza e Silva (2010, p. 47), "Foi nesse ambiente que se deu o aparecimento de um movimento católico leigo voltado para o atendimento às necessidades materiais daqueles que se encontravam na miséria [...]", isto é, a Sociedade de São Vicente de Paulo. Devido ao contexto de miserabilidade já mencionado, a SSVP obteve um rápido crescimento em algumas das grandes cidades do continente europeu.

No Brasil, a SSVP chegou quase quarenta anos depois de sua fundação em Paris, e a primeira conferência vicentina, em solo brasileiro, foi fundada em 1872, no Rio de Janeiro, sob o nome de conferência São José, no Seminário Diocesano. As Conferências "são grupos formados por homens e mulheres - e também por Crianças e Adolescentes. Quem faz adesão a SSVP é chamado de Vicentino" (CONSELHO METROPOLITANO DE BELO HORIZONTE, 2015). Essas conferências realizam reuniões entre seus membros, com frequência, com o intuito de planejar e ajudar os mais necessitados. Essas estão

subordinadas aos Conselhos Particulares, que se subordinam aos Conselhos Centrais, que por sua vez, se vinculam aos Conselhos Metropolitanos. E esses Conselhos se direcionam ao Conselho Nacional do Brasil, com sede no Rio de Janeiro. E no topo da hierarquia, a instância mais importante da SSVP é o Conselho Geral Internacional, com sede em Paris, França.

Antes de mostrar como se organiza o trabalho, a hierarquia, o carisma e a fonte de inspiração da entidade, será apresentado, de forma sucinta, a vida e algumas obras de dois personagens centrais na história da SSVP. Inicialmente a biografia daquele cujo o nome foi dado à entidade, São Vicente de Paulo, e após a de Frederico Ozanam, o fundador.

1.1.1 Vicente de Paulo e Antônio Frederico Ozanam: as origens de uma imensa rede de caridade

Tradicionalmente, acredita-se que São Vicente de Paulo tenha nascido em 24 de abril de 1581, mas Teixeira (2010) aponta que estudos recentes atestam seu nascimento no ano de 1580, numa pequena aldeia de Pouy, departamento de Landes, sul da França. Seus pais eram camponeses e tiveram seis filhos. Ele era o terceiro filho de João de Paulo e de Bertranda de Moras. A família não possuía muitos recursos, mas financiaram os estudos do garoto numa escola de franciscanos, na cidade vizinha de Dax. Ainda conforme Teixeira (2010), Vicente se mostrava um aluno talentoso, por isso chamou a atenção de um juiz, amigo da família, o senhor De Comet, que convidou Vicente para ser o preceptor de seus filhos. Nesse período Vicente desenvolveu um desejo de se tornar sacerdote (CONSELHO NACIONAL DO BRASIL DA SSVP, 1989).

Para se tornar padre, Vicente lecionou para sobreviver e estudou teologia na faculdade da cidade de Toulouse. Em 1600, depois de muito esforço, ordenou-se. Foi nomeado vigário de Tilh, povoado próximo de Dax, mas não assumiu o posto. Retornou para Toulouse com o objetivo de continuar

seus estudos. Em 1604, recebeu a láurea de bacharel em Teologia (TEIXEIRA, 2010).

Para terminar seu curso de Teologia, Vicente se endividou. Ao retornar de uma viagem, soube de uma senhora que havia sucumbido e deixado uma herança para ele, o dinheiro se encontrava em Marselha. Vicente embarcou em direção a esta cidade para receber o que lhe era de direito. Obtém êxito, e no retorno para Toulouse, o navio onde estava foi capturado por piratas turcos. Ele foi levado para o sul da África, na cidade de Tunis, e vendido como escravo numa feira. Seu cativeiro durou pouco mais de dois anos (TEIXEIRA, 1979).

Quando regressou da escravidão desembarcou na cidade de Avignon no sul da França. Nessa cidade, Vicente se encontrou com Pedro Montório, vice-legado do Papa. Este, em 1607, o levou a Roma. Na “cidade eterna”, Vicente chegou a receber do próprio Papa Paulo V uma missão secreta junto ao rei da França, Henrique IV: "O Santo a cumpriu fielmente, e dela jamais fez qualquer referência a quem quer que fosse!" (TEIXEIRA, 1979. p.15).

Ao regressar de Roma, após ter se encontrado com o papa, Vicente fixa residência definitiva em Paris. Escolhe uma pensão perto de um hospital, onde visitava os doentes durante o dia. Neste lugar conheceu o Padre de Bérulle e empreenderam amizade por toda a vida. A influência deste sacerdote na vida de Vicente foi de grande importância, principalmente depois que Bérulle se tornou Cardeal de Paris. Teixeira (1979) afirma que, por influência de Bérulle, Vicente foi "esmolero da rainha Margarida de Valois, Vigário de Clichy, preceptor dos filhos de conde de Gondi e, mais tarde, diretor-espiritual da própria rainha Ana da Áustria" (TEIXEIRA, 1979, p. 17).

Em 1610, o Cardeal Bérulle convidou Vicente e um outro padre para realizarem um retiro espiritual para discutirem alternativas para criar uma forma de instrumentalizar os padres no interesse de evangelizar os fieis. Depois dessas conversas, Bérulle fundou a Sociedade do Oratório. Após um ano de estudo nesta sociedade, em 1612, Vicente foi designado para a paróquia de Clichy. Nesta aldeia, executa um árduo trabalho, organizando o lugar, catequizando, evangelizando a população e ainda conheceu Luiza de Marillac,

mulher que mais tarde o auxiliaria na fundação das Filhas de Caridade (CONSELHO NACIONAL DO BRASIL DA SSVV, 1989).

Depois de um ano na paróquia de Clichy, Vicente foi designado por Bérulle para ser o preceptor de uma das famílias mais famosas da França, os *de Gondi*: "O ofício de capelão incluía o acompanhamento de família em seus deslocamentos às aldeias e povoados que compunham seu vastíssimo território" (TEIXEIRA, 2010, p.71). Vicente exerceu uma grande influência nesta família, a matriarca Margarida, em 1617, convidou Vicente para conhecer as suas terras e fazer uma confissão geral com os moradores. Na ótica da senhora Gondi, a maioria dos camponeses morriam impenitentes. A fala de Vicente foi bem aceita entre a população e as confissões foram realizadas. Este trabalho pode ser considerado o marco inicial da Congregação da Missão, uma das mais importantes obras de Vicente (TEIXEIRA, 1979), cujo objetivo principal era cuidar da evangelização dos camponeses. Por este período, ele também criou as Confrarias de Caridade, que pretendiam dar assistência espiritual e corporal aos mesmos camponeses.

A Congregação da Missão recebeu do arcebispo de Paris um prédio onde funcionava um colégio, o *Bons-Enfants*, com a condição de que a Congregação fizesse o apostolado no campo. Os missionários da congregação foram à luta, por onde passavam traziam paz e reconciliações, conversões e apaziguamentos. Andavam geralmente de três em três. A maneira simples e inteligível de comunicar com as pessoas fez sucesso e se espalhou pelo país. Com a grande procura de padres com o desejo de ingressarem na Congregação, o espaço do antigo colégio ficou pequeno. A ela foram doados alguns edifícios de um antigo leprosário. A partir daí os missionários passaram a ser conhecidos como Lazaristas. A Congregação já havia se espalhado por todo o país, surgiram casas de apoio aos pobres em vários lugares (CONSELHO NACIONAL DO BRASIL DA SSVV, 1989).

Diante do trabalho de caridade exercido por Vicente e seus ajudantes aos necessitados de Paris, muitas camponesas iam para a cidade com o intuito de se dedicarem aos pobres. Vicente de Paulo resolveu fundar outra

sociedade, segundo Ibáñez (1996, p. 9), com o nome de "As Filhas da Caridade de Vicente de Paulo, servas dos pobres". Foi dada a chefia à Luiza de Marillac, admirada por Vicente de Paulo desde o tempo da paróquia de Clichy. Ela trabalhou junto a Vicente na direção da sociedade por quase quarenta anos. A obra foi das mais importantes de São Vicente de Paulo. O objetivo era ajudar os pobres, os doentes, os hereges, os condenados e demais necessitados (TEIXEIRA, 1979), "a abertura, a disponibilidade, a mobilidade e a sensibilidade para todas as formas de pobreza são os critérios operativos e a garantia de fidelidade da Companhia das Filhas da Caridade" (IBÁÑEZ, 1996, p.8). As Filhas de Caridade se espalharam pelo mundo e até hoje prestam seus serviços.

Ao longo da vida, Vicente de Paulo fundou outras obras, que contribuíram em diversos campos da sociedade:

Resumindo, diremos que São Vicente de Paulo, o Pai da Caridade, não descuidou, sequer, de nenhum setor do amor ao próximo: infância desvalida, mendigos, forçados, prisioneiros, velhos, famintos, camponeses, nobres arruinados, doentes, hereges, alienados, feridos de guerra, padres e religiosos levados à miséria, jovens decaídas ou em perigo, criancinhas expostas, "ligeiras da noite", escolas de aprendizes e de primeiras letras, e tudo o que se possa pensar de boas obras de Caridade (TEIXEIRA, 1979, p. 106).

As obras de Vicente se espalhavam pela Europa e mesmo idoso não diminuiu o ritmo de trabalho. No dia 15 de março de 1660 morre Luiza de Marillac. Vicente não foi vê-la, pois já estava debilitado. No mesmo ano, foi a vez de Vicente, aos 80 anos: "A morte, que veio silenciosa e lentamente, no dia 27 de setembro de 1660, às 04h45 da manhã, na casa de São Lázaro em Paris" (ECAFO, 2011, p. 20). Em 1729, no mês de agosto, o papa Bento XIII o beatificou e em junho de 1737 ele foi canonizado pelo Papa Clemente XII. Por fim, em maio de 1885, o Papa Leão XIII o eleva a patrono de todas as Obras de Caridade da Igreja Católica. Seu corpo se encontra em Paris, na capela dos Lazaristas (TEIXEIRA, 1979).

O legado de São Vicente de Paulo foi vasto e duradouro. Algumas instituições criadas por ele ainda permanecem atuantes tais como: A

Congregação da Missão, A Companhia das Filhas da Caridade e As Confrarias de Caridade, hoje conhecidas como Associação Internacional da Caridade (AIC). Além de ser o responsável direto pela fundação de algumas obras, outras foram criadas em função do seu exemplo, como a Sociedade de São Vicente de Paulo, fundada por Frederico Ozanam, que será apresentado a seguir.

Antônio Frederico Ozanam nasceu em Milão no dia 23 de abril de 1813, um ano depois da derrocada de Napoleão no embate com a Rússia. O pai de Ozanam, depois de ser soldado nas fileiras de Bonaparte, casara-se com Maria Nantas, da cidade de Lion. Depois de tentar a vida no comércio, o patriarca da família se tornou médico. Após dois anos, mudaram-se para a cidade de origem da mãe de Ozanam e o marido continuou exercendo a medicina. Nessa época, o casal possuía três filhos: Alfonso, Eliza e Ozanam. Os pais os aconselhavam quanto aos preceitos religiosos, bom senso e sentimentos de caridade. A jovem Eliza teve um importante papel na educação do irmão mais novo, ensinando-o a ler e a escrever. Aos oito anos de idade, Ozanam teve uma perda irreparável, uma meningite levou sua irmã Eliza (DES REVIÈRES, 1996).

Aos nove anos, o jovem Ozanam foi conduzido à escola regular na cidade de Lion. Entre outros professores, teve contato com um professor de filosofia: "as lições do Padre Noirot influíram extraordinariamente na formação espiritual e intelectual de Ozanam" (MIRANDA, 1983, p.7).

Conforme Des Revières (1996), Ozanam foi um bom aluno durante o colegial e durante algum tempo carregou algumas dúvidas metafísicas em relação a sua crença. Aos dezesseis anos, essa crise o angustia e o incentiva a escrever uma obra de peso, onde dissertaria sobre a história das religiões, tentando demonstrar a verdade da religião católica pela conformidade das crenças. O padre Noirot o encoraja na empreitada. De muito pesquisar, ele desenvolveu gosto pela escrita. Depois de alguns artigos, publicações, ensaios, em junho de 1830 Ozanam publicou a obra *A verdade da religião cristã provada pela conformidade das crenças*. Aos dezessete anos já dominava o

latim e o grego, estudava alemão, italiano e estava por iniciar-se no hebraico e no sânscrito.

De acordo com Miranda (1983), Ozanam ingressou na Universidade de Sorbonne, em Paris, aos 17 anos de idade, para cursar Direito. No primeiro momento, a capital não lhe agradou, se aborreceu com os costumes vigentes na cidade, não aprovou o comportamento da maioria dos jovens e ainda identificou vícios entre os cidadãos. Depois de outras moradias, em 1831, fixou residência na casa do sábio Ampere onde, além de morar, também tinha a oportunidade de aumentar seu conhecimento e debater sobre diversos assuntos. Depois de se acostumar com a cidade começou a prezar por ela, percebeu a erudição de alguns e fez importantes amizades, entre elas, com um professor de filosofia, Emanuel Bailly, proprietário do jornal *Tribuna Católica*. Ozanam estreitou amizade com Bailly e passou a freqüentar a sua casa, onde existia uma pensão para jovens pobres. Neste local ocorriam debates e rodas de conversas que atraíram a atenção de Frederico. Conforme Des Revières (1996) afirma, nesta época, na França, idéias racionalistas e idéias ditas tradicionais estavam em voga no campo filosófico. Ozanam não se sentia atraído por nenhuma das duas correntes. Na verdade, percebeu que havia crescimento do ateísmo e sentiu necessidade de que o cristianismo voltasse a ser protagonista e para isso intensificou seus estudos.

No seu segundo ano na Sorbonne, em 1832, Ozanam já estava mais familiarizado com a universidade e com a cidade. Na academia se aproximou de alunos que, como ele, não concordavam com o desprezo de alguns professores ao Cristianismo. Ampliou seus estudos, conheceu outros autores, leu livros do *Index* (lista de livros proibidos pela Igreja Católica) e continuou seus estudos de outras línguas (DES REVIÈRES, 1996). Com o tempo tomou gosto pelos grupos de debates. Participava de três: as conferências de direito, onde os estudantes defendiam suas opiniões em assuntos polêmicos, realizados duas vezes por semana; as conferências de história, que se reuniam aos sábados, para debaterem assuntos diversos como economia, filosofia, política, religião, entre outros, sendo os trabalhos feitos anteriormente e apresentados no dia do encontro, fundadas por Emmanuel Bailly; e, por último,

afirma Des Revières (1996), Ozanam também frequentava encontros na casa do senhor chamado Montalembert, aos domingos. Nesses encontros eram convidadas figuras ilustres da cidade e se debatiam diversos assuntos, sobretudo questões sociais.

Ozanam tinha predileção pelas conferências de história, havia se aproximado dos estudantes católicos e quase sempre seu grupo conseguia o triunfo. Eles se saíam bem nos debates, mas não conseguiam realizar muitas conversões entre os opositores, o verdadeiro intuito do grupo. Uma das principais contestações dos adversários era a falta de obras e ações dos católicos leigos (DES REVIÈRES, 1996). Conforme Des Revières (1996 p. 38), durante um debate sobre fé atuante no ano de 1833, Frederico Ozanam se vê acuado diante dos argumentos de um opositor em relação à apatia dos leigos católicos frente à miséria social da cidade. Diante de questionamentos como "A fé de vocês está nos livros, não nas obras; que fazem vocês para ajudar os pobres e os deserdados?", Ozanam responde citando obras de caridade realizadas nos bairros miseráveis da cidade, idealizadas pelo arcebispo de Paris. Mais uma vez seus adversários retrucaram: "Mas trata-se de obras religiosas e o que fazem os leigos e vocês estudantes para ajudar os pobres?". Tais argumentos causaram em Ozanam e em seus amigos, uma necessidade de irem aos pobres de uma forma atuante e organizada (ECAFO, 2011).

Esses questionamentos fizeram Ozanam refletir bastante e ele percebeu que algo deveria ser feito pelos leigos católicos para os mais necessitados. Sendo assim, se reuniu com amigos para encontrarem uma solução, uma alternativa. Depois de muitas conversas surge a ideia de criarem uma conferência de caridade. Acreditavam que, indo de fato até ao próximo mais necessitado, seriam verdadeiramente mais católicos. Decidiram então ir aos pobres de uma forma organizada e planejada, "Estavam ali, em torno da mesa, Le Taillandier, Félix Clavé, [...] Devaux, Paulo Lamache, [...] Francisco Lallier, Frederico e [...] Emanuel Bailly." (DES REVIÈRES, 1996 p. 41-42). Portanto, Ozanam e seus companheiros, no dia 23 de abril de 1833, dão início à "primeira Conferência da Caridade, que posteriormente foram chamadas de Conferências de São Vicente de Paulo". (ECAFO, 2011, p. 25-26).

José E. Bailly cedeu a sala no jornal Tribuna Católica para os jovens se reunirem e foi convidado para presidir as reuniões da nova sociedade. Na verdade, Ozanam e seus companheiros fizeram ressurgir de uma forma mais atualizada, as Confrarias de Caridade, criadas por São Vicente de Paulo em 1617 (ZICO, 1971).

As atividades foram orientadas, inicialmente, pela irmã Rosália Rendu, que era conhecida por seus trabalhos junto aos bairros pobres de Paris. Ela repassou conselhos importantes aos jovens: de como entrar e sair dos bairros miseráveis, o que encontrariam lá, a melhor forma de contato com as famílias necessitadas, a acolhida aos pobres, entre outros (MIRANDA, 1986). Com o tempo a nova Sociedade foi se ajustando e um estatuto foi elaborado pelo presidente Bailly, que a presidiu por onze anos. A cada reunião o número de membros aumentava, os integrantes tinham consciência do enorme trabalho a ser feito, pois a França atravessava uma época de muita desigualdade social e miséria. Com o tempo, a nova sociedade foi se expandindo (DES REVIÈRES,1996).

Anos mais tarde, Frederico Ozanam recebeu o título de doutor em Direito e dois anos depois doutora-se também em Letras. Em 1840 foi nomeado professor auxiliar de literatura estrangeira na Universidade de Sorbone, em Paris, onde fixou residência, construindo uma sólida carreira acadêmica e jornalística. Casou-se em 1841 e teve uma única filha chamada Maria. Além do cuidado com a família, Ozanam continuou lecionando, cuidando das Conferências de São Vicente de Paulo e fundando outras pelas França, como também em outros países da Europa. A morte chegou cedo para Ozanam, aos 40 anos, depois de lutar durante alguns anos contra uma doença nos rins. No dia 08 de setembro de 1853, em Marselha, faleceu aquele que pretendia criar uma grande rede de caridade (DES REVIÈRES,1996). Em 1997 foi beatificado pelo Papa João Paulo II, no dia 22 de agosto, na Catedral de Notre Dame, em Paris, França (CONSELHO METROPOLITANO DE BELO HORIZONTE, 2016).

Hoje, a SSVP está presente em mais de 140 países, com mais de um milhão de membros espalhados pelo mundo. Os Vicentinos continuam com o mesmo objetivo criado por Ozanam: oferecer ajuda material e espiritual aos que sofrem, tendo sempre em vista a evangelização. Segundo dados da própria Sociedade São Vicente de Paulo, o Brasil é o país com mais vicentinos do mundo, mais de 250.000 integrantes (O SEGREDO DE ESTAR BEM, 2015). A SSVP sobrevive através de ajuda do governo, da sociedade civil, doações, entre outros apoios, e através de contribuições em dinheiro, alimentos, roupas, sapatos, remédios, material escolar e o que mais for necessário às atividades da instituição. Destaca-se que os próprios membros são um dos principais contribuintes da instituição.

1.1.2 Estrutura, organização e hierarquia da SSVP

A Sociedade de São Vicente de Paulo é uma das várias congregações que constituem a Família Vicentina (FV). O termo Família Vicentina:

se refere ao conjunto de congregações, organismos, movimentos, associações, grupos e pessoas que, de forma direta ou indireta, prolongam no tempo o carisma vicentino, sejam eles fundados diretamente por São Vicente de Paulo, ou encontrem nele a fonte de sua inspiração e dedicação ao serviço dos pobres. (PROVINCIA BRASILEIRA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO, 2016)

Conforme o Conselho Metropolitano de Belo Horizonte (2016), há mais de 160 grupos da Família Vicentina espalhados pelo mundo, sendo mais de duas dezenas presentes no Brasil.

A Sociedade de São Vicente de Paulo é uma instituição de membros católicos, que caminha em sintonia com a Igreja, mas é independente dela, pois é “juridicamente autônoma no que diz respeito à sua existência, à sua constituição, à sua organização, às suas regras, às suas atividades e ao seu governo interno (CONSELHO NACIONAL DO BRASIL, 2015, p.29). É composta por leigos católicos que, através da caridade, solidariedade, ação e oração, visam sua santificação pessoal e tentam resgatar a dignidade e

cidadania dos necessitados (ECAFO, 2011). A SSVP não escolhe as pessoas a quem ajudar, "serve aqueles que estão em necessidade, qualquer que seja a sua religião, o seu meio social ou étnico, o seu estado de saúde, o sexo e particularidades culturais ou opiniões políticas" (CONSELHO NACIONAL DO BRASIL DA SSVP, 2015, p. 17).

A SSVP é constituída pelas seguintes Unidades Vicentinas: Conferências, Conselhos Particulares, Conselhos Centrais, Conselhos Metropolitanos, Conselho Nacional do Brasil, Conselho Geral Internacional e Obras Unidas. Elas são permeadas por Conselhos, cujo o objetivo é uni-las entre si com o intuito de facilitar, organizar, motivar, orientar e agilizar o trabalho das regras da entidade (CONSELHO NACIONAL DO BRASIL DA SSVP, 2015).

A Escola de Capacitação Antônio Frederico Ozanam - ECAFO (2011) descreve assim as funções das Unidades Vicentinas:

- **Conselho Geral Internacional (CGI):** representar a SSVP junto à Santa Sé e todos os organismos internacionais religiosos e civis;
- **Conselho Nacional do Brasil (CNB):** representar a SSVP em todo o território nacional, perante as autoridades civis e eclesiásticas;
- **Conselhos Metropolitanos (CM's):** reportam e prestam contas dos trabalhos ao Conselho Nacional do Brasil, representam a SSVP em toda a área de circunscrição, perante as autoridades civis e eclesiásticas;
- **Conselhos Centrais (CC's):** respondem pela SSVP na área onde atuam e reportam e prestam contas ao Conselho Metropolitano ao qual estão vinculados;
- **Conselhos Particulares (CP's):** cuidar das Conferências Vicentinas, vinculadas a eles como também fundar novas Conferências. Reportam e prestam contas ao Conselho Central ao qual estão vinculados (ECAFO, 2011);
- **Conferências Vicentinas:** são a base de toda a SSVP.

- **Obras Unidas (OU's):** são vinculadas aos Conselhos Centrais das áreas onde atuam, providas de personalidade jurídica própria e independente, representam os asilos, creches, hospitais, e estão vinculadas à SSVP (ECAFO, 2011).

De acordo com o Conselho Nacional do Brasil (2015), os Conselhos e as Obras Unidas contam com Unidades Auxiliares para assessorar no desenvolvimento de suas atividades e atribuições. São Unidades Auxiliares:

I - **Obras Especiais** - São obras auxiliares de caráter permanente ou temporário, tais como: escolas de alfabetização, de informática, corte e costura, gabinetes médicos/odontológicos, bazares, catequeses de crianças;

II - **Conselho fiscal** - As seguintes Unidades Vicentinas são organizadas como pessoas jurídicas: Conselho Nacional (CN); Conselhos Metropolitanos (CM's); Conselhos Centrais (CC's); Obras Unidas (OU's), e, por isso, necessitam de um Conselho Fiscal formado por três membros titulares e três suplentes. Esses membros necessariamente deverão ser vicentinos e de preferência com formação nas áreas de Direito, Administração ou Contabilidade. Em casos esporádicos, o Conselho Fiscal poderá contar com não vicentinos ou empresas especializadas. Basicamente, a função desse Conselho Fiscal é fiscalizar, organizar, verificar, examinar a vida financeira dos Conselhos e das Obras Unidas;

III - **Comissões de Jovens** - Em cada Conselho deverá ser formada uma Comissão de jovens para buscar mais jovens para participar da SSVP;

IV - **Escola de Capacitação Antônio Frederico Ozanam - ECAFO** - Cada Conselho deverá manter, fomentar e organizar uma ECAFO, que tem como objetivos: apresentar uma formação católica e vicentina aos aspirantes à SSVP, promover cursos de capacitação para vicentinos, publicar apostilas etc.;

V - **Departamento de Normatização e Orientação - DENOR** - É um órgão de assessoramento em assuntos relacionadas às Unidades Vicentinas com personalidade jurídica e patrimônio da SSVP, cujo o objetivo é fiscalizar, estruturar e orientar. O DENOR de âmbito nacional fiscaliza os departamentos de Normatização e Orientação dos Conselhos Metropolitanos para que atuem de forma semelhante. O DENOR dos Conselhos Metropolitanos atuam nas suas respectivas Obras Unidas e Especiais, Conselhos e Conferências;

VI - **Departamento de Comunicação - DECOM** - É o departamento responsável por divulgar, noticiar e propagar notícias referentes à SSVP no Brasil e também no Mundo, utilizando os órgãos de comunicações possíveis.

A hierarquia da SSVP tem seu órgão máximo na França, o Conselho Geral Internacional (CGI), e em cada país onde a SSVP atua possui um Conselho Nacional (CN), subordinado a ele. Logo abaixo na hierarquia nacional existem os Conselhos Centrais (CC's), que orientam os Conselhos Particulares (CP's), cuja função é organizar às Conferências Vicentinas. Apenas no Brasil, devido a extensão continental, entre o Conselho Nacional e os Conselhos Centrais existem os Conselhos Metropolitanos (CM's). Esses conselhos são Unidades Vicentinas maiores que possuem nomes de cidade, mas que vão além dos limites desses municípios, pois também são responsáveis pelas obras vicentinas de toda a região onde estão localizados. Atualmente, o Conselho Nacional do Brasil conta com trinta e quatro Conselhos Metropolitanos espalhados pelo país (SOCIEDADE SÃO VICENTE DE PAULO, 2016). São eles: CM Anápolis; CM Bahia e Sergipe; CM Barbacena; CM Bauru; CM Belém; CM Belo Horizonte; CM Brasília; CM Caratinga; CM Contagem; CM Curitiba; CM Diamantina; CM Divinópolis; CM Formiga; CM Fortaleza; CM Goiânia; CM Governador Valadares; CM João Pessoa; CM Ouro Preto; CM Patos de Minas; CM Porto Alegre; CM Pouso Alegre; CM Rio de Janeiro; CM São Carlos; CM São José dos Campos; CM São José do Rio Preto; CM São Paulo; CM Teresina; CM Uberaba; CM Volta Redonda; CM Juiz de Fora; CM Jundiaí; CM Maceió; CM Montes Claros; CM Olinda e Recife.

O Conselho Metropolitano de Belo Horizonte (CMBH) foi fundado em janeiro de 1919, por Joaquim Furtado de Menezes. Hoje, ele é presidido por outro “confrade”, Ronan Francisco de Oliveira, e se localiza na rua Pio XI, bairro Ipiranga. Conta com 15 Conselhos Centrais, responsáveis por mais de 130 Conselhos Particulares, abrangendo 16 municípios da região metropolitana. O CMBH administra o Centro de Formação Vicentina (CFV), local utilizado para reuniões, formação, capacitação, retiros espirituais, cursos, entre outros. Também responde por 25 lares de idosos, 14 educandários e um abrigo para moradores de rua, todos ligados a Conselhos Centrais de suas respectivas áreas. A Arquidiocese de BH recebe auxílio da SSVP, através do CMBH, com uma bolsa chamada "Caixa Dom Silvério", destinada a seminaristas carentes. Além disso, o CMBH edita mensalmente a Revista Vicentina Adoremus, com mais de cem anos de existência, com tiragem mensal de 5.000 exemplares (REVISTA VICENTINA ADOREMOS, 2015).

Os Conselhos Centrais, entre eles o CC Sagrados Corações, são o nível imediatamente superior, do ponto de vista da organização institucional, aos conselhos particulares. Este Conselho foi fundado em fevereiro de 1986, oriundo do Conselho Regional dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, que se localizava na rua Henrique Gorceix, 315, Lar Dona Paula, Padre Eustáquio, fundado em 1973 e extinto em fevereiro de 1986. Esse novo Conselho Central, que era formado por dezessete Conselhos Particulares, foi comandado por uma diretoria interina, já que a primeira eleição ocorreu em maio de 1986. Além da escolha da diretoria, esta reunião também determinou que a sede do Conselho Particular São Luiz Gonzaga também seria a sede do Conselho Central Sagrados Corações, localizada na rua Olinto Magalhães, 917, Bairro Padre Eustáquio.

Hoje o Conselho Central Sagrados Corações é dirigido pela consócia¹ Rosane do Carmo, empossada juntamente com a sua diretoria no dia 17 de

¹ Confrade e consócia são expressões que designam o vicentino homem e a vicentina mulher.

outubro de 2015, para um mandato de quatro anos. Ele é formado por bairros da região noroeste de Belo Horizonte - MG, juntamente com bairros da Regional Nacional da cidade de Contagem - MG. Funciona com pouco mais de cinquenta Conferências Vicentinas espalhadas por dez Conselhos Particulares.

Conforme o Conselho Nacional do Brasil (2015), os Conselhos Particulares possuem diversas atribuições, entre elas, prestar auxílio imediato, de diversas ordens, às Conferências Vicentinas a eles vinculadas; dar suporte às Obras Unidas e Especiais de suas jurisdição; auxiliar no recrutamento de novos vicentinos, por parte das Conferências Vicentinas; entre outras tarefas. Os trabalhos dos Conselhos Particulares são muito estimulados, pois eles estão em contato direto com as Conferências Vicentinas, a razão de ser da instituição.

De acordo com a ECAFO (2011), as Conferências Vicentinas são a base da instituição, na ausência delas não existira outras Unidades Vicentinas, pois são elas que organizam, efetuam e promovem as visitas semanais aos assistidos. Basicamente, são constituídas por um presidente, um vice-presidente, um secretário, um tesoureiro, confrades e consócias. De acordo com o Conselho Nacional do Brasil (2015, p. 122), "As conferências são formadas por pessoas voluntárias, organizadas em grupos unidos pelo espírito de comunidade, de pobreza e partilha, [...] atuando no campo da promoção humana, buscando através da justiça social, o resgate da cidadania dos excluídos"

Para o funcionamento das reuniões das Conferências Vicentinas devem estar presentes pelo menos três membros. Os pontos essenciais das reuniões são: as orações iniciais e de encerramento, leitura espiritual, leitura e aprovação da ata da última reunião; comentários e soluções das visitas ocorridas na semana; determinação pelo presidente das atividades da semana seguinte; coleta secreta.

Esquemáticamente, a Figura 1 mostra a estrutura da hierarquia da SSVP:

Figura 1 – Estrutura da hierarquia da Sociedade São Vicente de Paulo



Fonte: Conselho Particular de Araras, 2016.

1.2 A vivência sócio-religiosa na SSVP no Brasil: passado e presente

Este tópico está dividido em duas partes. Na primeira será apresentado o surgimento da SSVP no Brasil e como foram feitos os primeiros trabalhos e obras dos vicentinos em solo brasileiro. Em seguida, relata sobre a entrada das mulheres na entidade e o prestígio da entidade junto à sociedade. Por fim, exhibe-se o projeto “Mudança de Estruturas”.

Na segunda parte do tópico será apresentada a Regra oficial da entidade, chamada também de Regulamento. Em seguida, o que são e como se organizam as festas regulamentares da entidade, que alimenta o carisma vicentino. E por último, será abordada a dinâmica metodológica dos vicentinos: a visita domiciliar aos assistidos.

1.2.1 A Ação social vicentina nos primeiros tempos e hoje: alguns exemplos

Segundo o jornal institucional *Notícias Vicentinas* (2011), a primeira unidade vicentina em solo brasileiro foi fundada em 1872, na cidade do Rio de

Janeiro, a Conferência de São José. Em julho daquele ano ocorreram na capela da Santa Casa de Misericórdia cerimônias religiosas em homenagem a São Vicente de Paulo. Após as festividades, os padres Lazaristas promoveram um jantar no seminário Diocesano de São José e alguns leigos foram convidados. Após a refeição, um dos presentes comentou sobre o trabalho realizado pela SSPV em alguns países a favor dos pobres. E o mesmo se mostrou surpreendido pelo fato de não haver no Brasil - o grande país católico da América do Sul, com grande demanda de pessoas que necessitavam de ações caritativas - nenhuma conferência vicentina. Diante do questionamento, Francisco Lemos Farias, o fundador da SSVP em Portugal, Pedro Fortes Marcondes Jobim e Antônio Secioso Moreira de Sá, já freqüentadores de conferências na Europa, juntamente com outros leigos, decidiram fundar a primeira conferência vicentina no Brasil.

Com o tempo as Conferências Vicentinas se espalharam pelo país, culminando com a criação e fundação do Conselho Nacional do Brasil (CNB), no Rio de Janeiro, em março de 1878. Hoje ele é presidido pela Consócia Emília Fernandes Figueiró Jerônimo, eleita em 2013 para um mandato de quatro anos.

Silva e Lanza (2010) citam Luis Sucupira para apontarem que desde a instalação no Brasil, em 1872, a SSVP foi se consolidando aos poucos e doze anos após a fundação a entidade já se encontrava em quatro estados da confederação: Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia e Ceará, perfazendo um total de 25 conferências, distribuídas em quatro Conselhos Particulares. Passados cinquenta anos, a entidade cresceu de forma relevante, pois já contava com 39 Conselhos Centrais, responsáveis por mais de 260 Conselhos Particulares, respondendo por 2.135 conferências vicentinas.

Os vicentinos do Brasil não perderam de vista o objetivo central de Ozanam: criar uma grande rede mundial de caridade. Já no início do século XX, essa norma sempre foi objetivada pelos associados. Com a entidade cada vez mais se espalhando pelo país, era possível perceber as atuações dos

integrantes, como também a criação de várias obras assistenciais, em diversas localidades.

As ações centravam-se nas áreas da saúde, educação, sistema prisional e assistência social. Em Passo Fundo, por exemplo, quando a febre amarela chegou nessa cidade, por volta de 1916/1917, os vicentinos aliados a outros religiosos tiveram um importante papel no combate dessa doença junto à população. O Hospital São Vicente de Paulo foi criado em 1918 para tratar dos infectados, em funcionamento até hoje, e ao longo dos anos se tornou referência em diversas áreas da medicina, mantendo seus objetivos filantrópicos. As conferências vicentinas dessa cidade também foram responsáveis pela fundação de escolas populares de ensino fundamental, pelo cadastramento eleitoral dos cidadãos, a construção de asilos e pela fundação de educandários ao longo dos anos (NASCIMENTO, 2006).

Na cidade de Sacramento, no estado de Minas Gerais, os vicentinos também iniciaram trabalhos sociais, nas primeiras décadas do século XX, junto aos necessitados do município. Em 1926, os integrantes da SSVP ajudaram a fundar o Dispensário de Pobres (DP), obra dedicada ao auxílio material e espiritual dos menos favorecidos. Durante todo esse tempo teve como objetivo central evangelizar e suprir no que fosse possível os excluídos do município. Em 2016, a associação completou 90 anos e continua atuando na cidade, sempre com o mesmo objetivo de outrora (JORNAL O ESTADO DO TRIANGULO, 2016).

Em consonância com as cidades citadas, Ilhéus, na Bahia, vem se juntar às demais no que tange a fundações de obras assistenciais realizadas pelos confrades da SSVP nas primeiras décadas do século passado. Depois da fundação da primeira conferência na cidade baiana em 1916, os vicentinos se concentraram em auxiliar os presos e mendigos da cidade. Em 1927, fundaram um colégio popular com o intuito de educar os alunos que não podiam arcar com as despesas de um colégio particular, objetivavam alfabetizar os filhos dos pobres. Atentos com o aumento de mendigos nas ruas de Ilhéus, os vicentinos,

em 1937, fundam a Casa do Mendigo com o objetivo de diminuir a mendicância nas ruas. Contudo, o local comportava apenas pouco mais de 30 pessoas e era preciso um local com maior capacidade para abrigar os necessitados. Sendo assim, depois de muito trabalho de arrecadações, de vários segmentos da sociedade e dos próprios confrades da SSVP, em 1951 foi inaugurado o Abrigo São Vicente de Paulo, com instalações muito melhores do que a anterior, com o intuito de acolher os carentes da cidade, sobretudo os idosos (HEINE, 2007).

Conforme apresentado, o Conselho Nacional do Brasil (CNB), desde o ano de 2013, é presidido por uma mulher, como também o Conselho Central Sagrados Corações. Contudo, até meados da década de 1960, a participação de mulheres nas Conferências Vicentinas era proibida. A situação só foi alterada após o Concílio Vaticano II (1962 - 1965), que determinou novos papéis das mulheres na igreja católica. Aliado a isso, destaca-se a atuação do movimento feminista neste processo. Desta forma, a SSVP, atenciosa ao contexto da época, se abriu à integração das mulheres nos quadros da entidade (SILVA; LANZA, 2010). Somente na 7ª Assembléia Internacional da entidade, realizada em Dublin, em 1973, a SSVP contou com a presença feminina entre os delegados (CONSELHO NACIONAL DO BRASIL DA SSVP, 2015).

A Sociedade de São Vicente de Paulo, já consolidada no país, coleciona diversos serviços destinados aos carentes e alcançou respaldo perante a sociedade civil. A instituição goza de prestígio junto a hierarquia da igreja católica, sendo citada diversas vezes pela Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Pode-se apontar também diversas parcerias relativas a projetos sociais com o poder público municipais, estaduais e até mesmo federal. Gonçalves (2006) chama atenção para o fato de que uma entidade longeva no país como a SSVP (são quase 150 anos desde sua fundação), certamente tem seus méritos e impactos na vida social em solo brasileiro.

De acordo com Conselho Nacional do Brasil (2014), em 2009 começou o processo de mudança. Está em andamento em todos os ramos da Família

Vicentina(FV) espalhadas pelo mundo, sobretudo, os que lidam diretamente com os pobres e necessitados, o projeto *Mudança de Estruturas*. Aliado ao objetivo da caridade aos pobres, de ir além de uma simples ajuda imediata e emergencial, o projeto foi arquitetado pela Congregação da Missão, um dos ramos da FV, através do seu Superior Geral, o Pe. Gregory Gay, em 2006, na cidade de Paris. Tal programa, para ser implantado no longo prazo, pode ser conceituado como:

um esforço organizado para combater os sistemas econômicos e sociais que geram a pobreza e, conseqüentemente, provocam a necessidade de que um número cada vez maior de pessoas se conscientize da importância de se mobilizarem para executar ações que possam romper com as 'estruturas' que agravam a situação dos Pobres. (ANDRIETTA, 2015).

Na prática, seria analisar e intervir, justamente no contexto socioeconômico em que os necessitados vivem, utilizando de estratégias para que o sistema seja alterado, fazendo com que o necessitado, a partir do auxílio e orientação dos vicentinos, desenvolva formas de melhorar suas condições de vida através do seu próprio esforço, tornando-se, eles próprios, agentes de sua promoção. Desde então o projeto passou a ser o foco central dos integrantes da Família Vicentina pelo mundo. Encontros mundiais são realizados a cada ano para aprimorar o projeto e também para partilhar as estratégias e alcançar êxito dentre os participantes. Como representante de um dos principais ramos da Família Vicentina, o Conselho Nacional do Brasil da SSVV implementou o projeto na entidade e, através dos Conselhos Metropolitanos, incentivou e orientou o seu desenvolvimento (REIS, 2014).

1.2.2 A prática religiosa na SSVV

Os Vicentinos são orientados por uma Regra oficial onde, entre outras orientações aos membros, constam os princípios fundamentais da Sociedade São Vicente de Paulo. Os aspectos preponderantes são: "a necessidade de oração, [...]; a entrega pessoal na ação; a fraternidade em que devemos viver; a universalidade da nossa entrega ao serviço dos pobres; e a nossa vocação

eclesial" (CONSELHO NACIONAL DO BRASIL DA SSVP, 2015, p. 13). Conforme consta na própria Regra da entidade, o pedido supremo aos confrades e consócias é que não se afastem da Regra, pois através dela está o caminho para o crescimento das conferências de caridade.

A atual Regra foi aprovada em assembléia geral na cidade de Roma em outubro de 2003. Nos mais de 180 anos de existência da SSVP esse é apenas o terceiro texto fundamental elaborado. Esta Regra oferece aos Conselhos Nacionais de cada país a faculdade de adaptar, modificar, aproveitar e organizar a Regra, conforme as leis e os costumes de seus respectivos países, desde que não contraste com a essência da SSVP. Sendo assim, no Brasil, a regra já passou por algumas adaptações, aprovadas em assembleias nacionais da entidade. A atual foi aprovada em agosto de 2015, em Brasília - DF. Ela é dividida em quatro partes: Regra da Confederação Internacional da SSVP; Estatutos da Confederação Internacional da SSVP; Regulamento da SSVP no Brasil; Orientações Complementares, Anexos, Modelos, Informações, Orações e Hinos (CONSELHO NACIONAL DO BRASIL DA SSVP, 2015).

Os Conselhos e conferências da SSVP no Brasil celebram três festas regulamentares por ano. As festas destinam-se "a reforçar a espiritualidade e a amizade fraterna, com a integração e o relacionamento de todas as Unidades Vicentinas de uma área, seus membros, a comunidade e a Família Vicentina" (CONSELHO NACIONAL DO BRASIL DA SSVP, 2015, p. 102).

A primeira festa do ano, de iniciativa do Conselho Nacional do Brasil, é a de Antônio Frederico Ozanam, comemorada no dia 23 de abril, onde se renova o Compromisso Vicentino. A segunda, a de São Vicente de Paulo, com iniciativa de todos os Conselhos, se realiza no dia 27 de setembro, e a terceira e última do ano, também por iniciativa dos Conselhos, é a da Imaculada Conceição de Maria, no dia 8 de dezembro.

De forma a facilitar para os associados, os dias das comemorações podem ser alterados para o domingo mais próximo das datas oficiais. Nessas

festas regulamentares há celebração de missa e reunião festiva e deliberativa. Nessas festividades, os novos associados já proclamados em suas respectivas conferências, são aclamados, isto é, apresentados aos demais associados e prestarão o Compromisso Vicentino.

O Compromisso Vicentino, aspecto fundamental de sua prática religiosa, significa uma oração na qual os partícipes relembram de suas responsabilidades e seus afazeres na associação. Atestam o comprometimento obrigatório com Cristo, a igreja, Maria e os irmãos necessitados, sempre na tentativa de seguir os exemplos de São Vicente de Paulo e Frederico Ozanam. Renunciam a si mesmo no intuito de se dedicarem aos deveres da vocação vicentina. Prometem obediência à Regra e à hierarquia da SSVV. E, por fim, asseguram não visar bens materiais e promoções pessoais e sim a glória de Deus e o bem-estar social e espiritual dos assistidos (ECAFO, 2011).

O Compromisso assumido por todo vicentino é o seguinte:

Termo de compromisso.

Hoje, Senhor, diante de Vós, Meu Pastor, e de meus irmãos de caminhada, assumo o meu compromisso vicentino, com Cristo, com a Igreja, com Maria e com meus irmãos para os quais fui enviado, dizendo: Ó Deus Todo-Poderoso que, sem nenhum mérito de minha parte, me chamastes a participar como obreiro vicentino, a exemplo de São Vicente de Paulo e de Ozanam, consagro a Vós minhas ações de graça pela escolha. Quero unir-me e identificar-me mais a Vós, Senhor Jesus, meu Mestre e modelo, renunciando a mim mesmo, para consagrar-me totalmente aos deveres de minha vocação. Prometo fidelidade na distribuição do pão da palavra e no pão que alimenta. Prometo, em espírito de humildade e por amor, obedecer ao Regulamento da Sociedade de São Vicente de Paulo e ser obediente à hierarquia de nossa Sociedade, gerando, assim, mais união e fraternidade entre nós. Ajudai-me, Senhor, a ser fiel administrador dos Vossos dons, não visando bens materiais e promoção pessoal, mas unicamente a Vossa glória e o bem dos necessitados. A Vós, meu Deus, entrego a minha vida e meus sofrimentos, meus êxitos e meus fracassos. Que a graça de Cristo, a proteção da Virgem Maria e a intercessão de São Vicente de Paulo e de Ozanam, estejam comigo hoje e para sempre. Amém! (SSVP, Regra, 2015, p. 217-218).

Importante destacar que a principal atividade dos vicentinos é a visita aos assistidos. O comparecimento semanal aos necessitados é o eixo central de ação dos membros de uma Conferência Vicentina. Esse momento de

contato efetivo com a família do assistido, inicialmente, tem o objetivo de cativar essas pessoas, propiciando a oportunidade para orientação e, principalmente, de ouvi-los. Depois de criado o laço fraterno, deve-se partir para a tentativa de promovê-los materialmente e espiritualmente. Os encontros com os assistidos não devem ser simples obrigação, mas uma comunhão. A amizade, a simpatia e a oração devem estar nessas partilhas, presentificando nos atos a vivência religiosa da SSVP.

1.3 Conclusão

Neste capítulo foi possível apresentar a origem e a história do surgimento da Sociedade de São Vicente de Paulo, com breve contextualização, como também a sua estruturação e hierarquia. Para isso, foi importante recuperar a biografia e algumas obras de dois personagens centrais no contexto da entidade: Vicente de Paulo e Frederico Ozanam. Vicente de Paulo, com sua história de vida e ações que serviram de inspiração para o surgimento de outros grupos. E o principal fundador da SSVP, o jovem Frederico Ozanam que, junto com alguns amigos, colocaram em prática o que haviam discutido e planejado, inspirados em Vicente. Ainda nessa parte do capítulo, foi possível entender a estrutura organizacional e as funções dos segmentos da entidade. Também foi possível conhecer as Unidades Vicentinas, Conselhos, Obras Unidas, Unidades Auxiliares e Obras Especiais.

Na segunda parte do capítulo foi apresentado o contexto da chegada da entidade no Brasil, suas primeiras obras no país, sobretudo as sociais, o surgimento do Conselho Nacional do Brasil, o início das atividades das mulheres na entidade e, por fim, fez-se referência ao *Projeto Mudança de Estruturas*, vigente nas Unidades Vicentinas. Ainda nessa segunda parte do capítulo, foi possível conhecer a Regra que orienta as ações dos vicentinos, as festas regulamentares, o Compromisso Vicentino e, por fim, como se deve proceder na principal atividade integrantes da associação, a visita ao assistido.

Essa visão panorâmica da entidade é uma contextualização importante para a pesquisa, pois situa a SSVP na histórica e na realidade brasileira. O próximo capítulo terá como intuito abordar a crise sociorreligiosa contemporânea, como também apresentar características da crise pela qual atravessa a entidade.

2 A CRISE SOCIORELIGIOSA CONTEMPORÂNEA E A CRISE NA SSVP

Este capítulo irá apresentar alguns elementos da crise religiosa contemporânea para ajudar a compreender a crise na SSVP. Para isso, será importante refletir, mesmo que brevemente, sobre alguns fenômenos como a secularização, a modernidade, o pluralismo cultural e religioso e a crise de sentido da sociedade atual. A partir dessas clássicas categorias busca-se entender as razões externas e internas que afetam à SSVP, de forma a tentar entender sua crise institucional.

O presente capítulo está estruturado em dois tópicos, com dois itens cada um. No primeiro tópico, com conteúdo teórico, será discutida a questão “secularização e crise religiosa”. Dentre outras questões, entrarão no debate o problema da modernidade, do pluralismo e da crise de sentido. Os autores principais que serão utilizados são: Danièle Hervieu-Léger, Peter Berger, Faustino Teixeira, Thomas Luckmann, Pierre Sanchis, Antonio Flávio Pierucci e Anthony Giddens.

No segundo tópico serão apresentados alguns fatores externos e internos à SSVP que podem ter contribuído para a crise pela qual atravessa a entidade. Tais fatores serão confrontados com o conteúdo teórico discutido na primeira parte do capítulo.

2.1 Secularização e crise religiosa

Um dos fenômenos importantes nos processos de mudança advindos com a modernidade, e que contribuiu para produzir diversas crises, dentre elas a religiosa, está a secularização. Não é nosso objetivo fazer um longo debate sobre esse conceito, já bastante tratado (MARTELLI, 1995; HERVIEU-LÉGER, 1997; PIERUCCI, 1997; PIERUCCI, 1998, TAYLOR, 2010), mas retomar algumas questões principais sobre esse conceito. Especialmente se destacam aspectos como o menor controle da religião na sociedade, o surgimento de novos modelos religiosos, o papel do protestantismo no desenvolvimento da

secularização, algumas das características da modernidade que contribuíram para a diminuição do poder da religião na sociedade, entre outras.

Para compreender a secularização recorreremos principalmente a Peter Berger e Danielle Hervieu-Leger. Abordaremos a questão do pluralismo e da crise de sentido utilizando Berger e Luckmann. Já para a crise religiosa contemporânea utilizaremos principalmente Antonio Flávio Pierucci, Antony Giddens, Pierre Sanchis, Alberto Antoniazzi e Faustino Teixeira.

2.1.1 Pluralismo e crise de sentido

Pode-se dizer que muitos foram os autores que se dedicaram à teoria da secularização, cujo debate é amplo, complexo, controverso e a chegada a um consenso se torna improvável. Nesse contexto, Berger (1985) aponta que o termo secularização foi alvo de elogios e críticas por partes de correntes opostas. Linhas simpáticas ao cristianismo a consideravam algo negativo, por que contribuía para o afastamento dos homens das igrejas. Já os contrários, atribuíam valores positivos à secularização, pois acreditavam na contribuição da mesma para a emancipação do homem moderno em relação à religião. Ainda houve alguns teólogos, que após a segunda guerra mundial, depositaram na secularização características favoráveis ao desenvolvimento da religião cristã.

Como bem assegura Berger (1985), pode-se dizer que a secularização é a diminuição do controle da religião e seus símbolos em setores da sociedade como um todo, sobretudo na sociedade ocidental moderna. Neste contexto, certifica-se a saída das religiões, como a igreja cristã católica, de locais onde exercia um forte domínio, como por exemplo, na propriedade de terras, na educação e no Estado. Não é exagero afirmar que a secularização trouxe um empoderamento da ciência no sentido de ditar as regras do mundo, como também na emancipação da filosofia, da literatura e das artes do âmbito da religião. Em todo esse processo, onde ocorreram a secularização das instituições, também houve a secularização de consciências, por isso era

comum identificar no ocidente, indivíduos que não recorriam às religiões para darem sentido a própria existência.

Conforme Panasiewicz (2012), tal fenômeno, na visão de certos grupos, é considerado a independência do ser humano em relação a um pseudo transcendente, a separação entre sociedade e religião; para outros, seria uma das características inerentes da modernidade e, em seu âmago, percebe-se uma crise de sentido das religiões, mas ao mesmo tempo, novos impulsos para elas e oportunidades para novas recomposições religiosas.

Hervieu-Léger (2008) considera que a secularização não significa somente a diminuição de controle das referências religiosas no mundo moderno. Trata-se, inegavelmente, de um fato paradoxal, pois ao mesmo tempo que a religião não conseguia exercer a mesma influência de outrora, surgiram nas sociedades modernas, que tanto almejam por autonomia, novos modelos religiosos que foram estimulados e reconfigurados por essa mesma sociedade que se considera secularizada. Contudo, seria um erro atribuir a essas novas religiosidades algum tipo de domínio ou controle semelhante às sociedades pré-modernas, pois são situações distintas.

Diante do entendimento do que seria a secularização nas sociedades modernas, torna-se importante apontar quais seriam os mensageiros do fenômeno, ou seja, o que de fato exerceu um papel preponderante no surgimento da secularização. Berger (1985, p. 124) destaca que "o protestantismo despiu-se tanto quanto possível dos três mais antigos e poderosos elementos concomitantes do sagrado: o mistério, o milagre e a magia". Tendo em vista algumas das ações do protestantismo, depois do seu surgimento, tais como a redução do mundo religioso sustentado pelo universo católico, diminuição dos sacramentos, revogação dos santos, como também a instauração de um tom duro e natural na realidade social, pode-se concluir que o protestantismo contribuiu para o desenvolvimento da secularização no mundo moderno.

Perante a realidade que o protestantismo ajudou a criar, Berger (1985, p. 125) conclui:

Essa realidade tornou-se, tanto no pensamento quanto na ação, receptiva à penetração sistemática e racional, que associamos à ciência e à tecnologia modernas. Um céu onde não há mais anjos está aberto à intervenção do astrônomo e, eventualmente, do astronauta. Pode-se sustentar, pois, que o protestantismo funcionou como prelúdio historicamente decisivo para a secularização, qualquer que tenha sido a importância de outros fatores.

O autor deixa claro na citação acima que o protestantismo realmente trouxe contribuições para a estabilização da secularização no mundo moderno. Ao naturalizar a realidade, diminuindo a ação do sagrado, acabou abrindo oportunidades para o homem deixar de apenas contemplar e passar a transformar a natureza, através das novas tecnologias, que foram sendo desenvolvidas através do avanço da ciência.

Diante do exposto sobre a secularização, torna-se importante apontar por que ela se desenvolveu com a chegada da modernidade. De acordo com Panasiewicz (2012), nas sociedades modernas a religião vai perdendo, aos poucos, a legitimidade de orientar a vida das pessoas, a ciência passa a ter a pretensão de ocupar este lugar. Novas orientações, elaboradas por intelectuais, são criadas no seio da modernidade. O sujeito passa a ter a opção de participar ou não de comunidades religiosas, sem que seja excluído do convívio social por causa disso. A religião desloca-se do espaço público para o espaço privado.

De acordo com a socióloga Hervieu-Léger (2008), existem três fatores na modernidade que contribuíram para que a religião se enfraquecesse, não só culturalmente, mas também socialmente.

O primeiro dos três fatores ou características da modernidade apontado pela autora é a racionalidade, isto é, colocar à frente das relações pessoais e das explicações de mundo os fenômenos naturais, sociais e psíquicos, explicações científicas. De acordo com Hervieu-Léger (2008), as sociedades

modernas condicionam o desenvolvimento humano ao avanço da ciência e da técnica. Contudo, mesmo conscientes de que a racionalidade ainda não se impôs em todos os campos da vida humana, ela ainda continua, para as sociedades modernas, sendo a referência primordial.

A segunda característica da modernidade é a autonomia do sujeito. Os indivíduos se tornam autores da própria história, criando, construindo e fomentando seus próprios significados de mundo para legitimar sua existência. E, conforme Hervieu-Léger (2008), mesmo que essa tentativa de racionalizar o mundo por completo se mostre utópica, a tentativa de determinar a história pelo ser humano, que serve para destacar outro ponto fundamental da modernidade, aponta o rompimento de fato com as sociedades tradicionais. Sustenta-se que o ser humano é o comandante de sua própria existência e que, juntamente com outros seres humanos, é capaz de criar regras de conduta para o mundo.

Por fim, a terceira característica, seria a nova forma peculiar de organização social, isto é, a distinção das esferas (economia, política e cultura) e entre as várias instituições. Da mesma forma, se aponta a autonomia do sujeito e também se indica a autonomia das instituições. Cada uma delas aspira regras de conduta próprias, visando independência entre as mesmas. Afirma Hervieu-Léger (2008, p. 33): "Nestas sociedades, o político e o religioso se separam; o aspecto econômico e o doméstico se dissociam; a arte, a ciência, a moral e a cultura constituem igualmente registros distintos nos quais os homens realizam sua capacidade criativa."

Desta forma, esses fatores contribuíram para um processo de laicização das sociedades modernas, que significa a diminuição de normas orientadas por instituições religiosas na vida social dos indivíduos. Os códigos de conduta e de sentido, que tinham a pretensão de serem indicados pela religião, deixam de ser a referência única na vida dos cidadãos. Hervieu-Léger (2008, p. 34), explica: "A religião deixa de fornecer aos indivíduos e grupos o conjunto de

referências, normas, valores e símbolos que lhes permitem dar um sentido à sua vida e as suas experiências".

Contudo, é importante salientar que as sociedades pré-modernas não viviam de forma literal sob a tutela da religião, embora as leis religiosas eram impostas de cima para baixo, sem quase nenhuma contestação por parte das pessoas. O que ocorria, muitas vezes, era a interação dessas sociedades com as orientações religiosas: ora os homens se apegavam à religião, ora se distanciavam. Sendo assim, a prática de se orientar ou não pelas regras religiosas já era recorrente antes mesmo do advento da Modernidade. O que se pode apontar como um traço marcante das sociedades modernas é que a tentativa da religião de regular a sociedade, como um todo, foi perdendo a legitimidade, até mesmo para os mais ferrenhos adeptos religiosos (HERVIEU-LÉGER, 2008).

Na visão de Peter Berger (1985), a religião exercia alguns papéis de vital importância nas sociedades pré-modernas. O primeiro deles, a função de legitimação. Para o autor, a religião consistia na "ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo" (BERGER, 1985, p. 41). Um dos objetivos da legitimação religiosa era instaurar um caráter sagrado nas atividades e realizações exclusivamente humanas, tornando-as sagradas. Para Faustino Teixeira (2003, p. 231), "A grande eficácia da legitimação religiosa consiste em fundar na realidade transcendente as precárias construções da realidade humanamente construída".

Um dos motivos dessa progressiva perda de legitimidade das religiões se deu porque na Modernidade aconteceu a separação entre o público e o privado. A fé religiosa, aos poucos, se torna algo pessoal, sendo assim, um cidadão não poderia ser importunado ou discriminado na sociedade por seguir ou não uma denominação religiosa, pois a crença, nas sociedades modernas, foi transferida para o campo privado do indivíduo. Conforme Hervieu-Léger (2008), a ruptura entre esfera pública e esfera privada é exclusividade dos tempos modernos.

Na visão de Berger (1985), o processo de secularização se iniciou na área econômica das sociedades modernas e, aos poucos, foi se expandindo em direção a outros segmentos. Ainda conforme o autor, com a área econômica secularizada, devido ao forte poder do processo de racionalização, a religião se viu relegada à esfera privada. Quanto à esfera pública, a presença de símbolos religiosos se mostrava como algo decorativo, pois as forças secularizantes inevitavelmente chegariam ao Estado, fazendo com que Estado e religião se colocassem em campos opostos. Conforme observou o próprio Berger (1985, p. 142), "há uma tendência para a secularização de ordem política que acompanha naturalmente o desenvolvimento da industrialização moderna. Especificamente, há uma tendência para a separação institucional entre Estado e religião."

Se por um lado, a religião perde sua legitimidade na esfera pública, o mesmo não acontece na esfera familiar. Neste campo, a religião se apresenta como algo crível, embora seja no âmbito privado das famílias. Neste contexto, para Berger (1985), a religião renasce na esfera privada, com características modernas, como a individualidade por exemplo. Isto é, quem escolhe aderir a algum tipo de religião não o faz de forma obrigatória, mas espontânea. Com isso, os pressupostos religiosos não ultrapassam o campo preferencial do privado das famílias, ou seja, eles não conseguem mais, como anteriormente nas sociedades pré-modernas, construir significações definitivas para toda a sociedade.

O fato dessa espontaneidade do indivíduo em seguir uma religião ou não, ou seja, ele mesmo poder ter a prerrogativa de escolher e até mesmo fomentar a sua própria opção religiosa, se deve à dificuldade das famílias, nas sociedades modernas, em transmitir ou influenciar os descendentes em suas opções religiosas. Conforme Hervieu-Léger (2008), nas novas sociedades ocorre praticamente o fim das identidades herdadas, as gerações sentem resistência ao tentarem transmitir valores, sobretudo religiosos, para as subseqüentes.

Hervieu-Léger (2008) explica que a crise de transmissão não é fruto exclusivo das sociedades modernas, também ocorria nas sociedades anteriores, pois ao ser transmitido algo a alguém, o contexto cultural do receptor influenciava no que foi apreendido, isto é, contribuindo com algumas adaptações, inovações e complementos. O que acontece de novo nas sociedades atuais são que as crises de transmissão:

representam verdadeiras rupturas culturais que atingem profundamente a identidade social, a relação com o mundo e as capacidades de comunicação dos indivíduos. Elas correspondem a um remanejamento global das referências coletivas, a rupturas da memória, a uma reorganização dos valores que questionam os próprios fundamentos dos laços sociais. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 58).

Diante de todas essas bruscas mudanças, as instituições religiosas são as mais afetadas, porque, segundo Hervieu-Léger (2008), ao identificar problemas na transmissão, cria-se deficiências na seqüência da memória coletiva, que são elaboradas através de rituais, com o intuito de lembrar o passado para significar o presente. Pois, de acordo com Hervieu-Léger (2008, p. 62)

a transmissão não consiste apenas na garantia da passagem de um determinado conteúdo de crenças de uma geração a outra, colocando os recém-chegados em conformidade com as normas e valores da comunidade. Na medida em que a transmissão se confunde com o processo de elaboração dessa "corrente da memória", a partir da qual um grupo crente se realiza como grupo religioso, a transmissão é o próprio movimento pelo qual a religião se constitui como religião através do tempo: é a fundação continuada da própria instituição religiosa.

Portanto, para Hervieu-Léger (2008), um dos motivos da relação pouco amistosa das pessoas, sobretudo dos jovens com a religião, é exatamente por que as sociedades modernas estão cada vez mais sem memória. De acordo com Teixeira (2009, p. 9), "O que ocorre na Modernidade é um fenômeno complexo de 'crise de transmissão' dessa 'memória autorizada', que é a tradição. As sociedades modernas tendem a ser cada vez menos sociedades da memória, uma vez, governadas pelo 'paradigma da imediatez'."

Mais uma característica das sociedades atuais, surgidas após a secularização, é o pluralismo. Pode-se dizer que o pluralismo nas sociedades modernas foi introjetado pela secularização, ou seja, depois de contribuir para a perda da hegemonia das religiões, posteriormente, a secularização desenvolveu uma situação de pluralismo. De acordo com Berger (1985), a cristandade além de trazer no seu âmago possibilidades secularizantes, também facilitou o advento do pluralismo, ou seja, as Guerras de Religião - conflitos entre católicos e protestantes ocorridos na Europa, pouco depois da Reforma Protestante - acabaram por diluir a unidade da religião cristã, com isso, por conveniência, os grupos religiosos, formados após o rompimento da unidade cristã, passaram a tratar os opositores com paciência, tolerância e retidão, possibilitando assim formas diferentes de entender e significar o mundo. Mas o pluralismo não ficou somente com interpretações religiosas do universo, acabou abrindo espaços para outras interpretações de mundo.

Pode-se dizer que no pluralismo apresenta-se uma competição entre as instâncias que pretendem significar o mundo. Neste contexto, na visão de Berger (1985), devido à secularização, em lugares onde os novos adversários de peso das tradições religiosas também apresentam suas visões de mundo, a situação de pluralismo torna-se evidente, causando uma rivalidade sadia e ao mesmo tempo ferrenha entre as partes localizadas em diferentes segmentos da sociedade.

A situação conflitiva dos vários segmentos da sociedade, uma das características da pluralização, se dá por que na modernidade a religião deixa de ser a única fornecedora de critérios de sentido da realidade e abre oportunidades de outras instâncias da sociedade buscarem seus espaços. Na visão de Sanchez (2002), nas sociedades modernas as instituições do campo social adquirem autonomia para determinarem suas próprias leis e regras e, com isso, proporcionam aos indivíduos outras formas de darem sentido as suas existências. Desta forma, com algumas ofertas de legitimidades à disposição, as pessoas passam a contar com opções de escolha, fazendo com que aconteça uma situação de competição entre as instâncias.

Ainda conforme Sanchez (2002), o pluralismo, como as várias percepções que os indivíduos e as instituições dão à realidade, deve ser identificado e legitimado pelo estado e pela sociedade, com o intuito de disponibilizar meios de proporcionar aos atores sociais condições dignas de sobrevivência. Trata-se, inegavelmente, de uma sociedade plural, onde as significações de mundo são inúmeras e os sujeitos devem conviver com harmonia, respeito às diferentes visões de mundo e tolerância com as diversidades. Assim, reveste-se de particular importância, de acordo com esse autor, entender que a pluralização aconteceu devido a duas ocorrências da modernidade, ou seja, a conquista da autonomia do sujeito como também a autonomia das instituições sociais.

Após a apresentação de algumas definições do que seria a conceituação das situações pluralistas, torna-se importante identificar agora a característica fundamental dessas sociedades. De acordo com Berger (1985), o que emerge de marcante nessas situações é que os ex-detentores religiosos não contam mais com um público cativo de antes. A adesão ou não a uma determinada configuração religiosa se torna opcional e, conseqüentemente, frágil, pois ao mesmo tempo em que o indivíduo adere à confissão religiosa pode abandoná-la, sem ter de dar qualquer tipo de satisfação. Sendo assim, as confissões religiosas saíram de uma posição cômoda, de quando arbitrariamente impunham os seus dogmas, para uma situação de concorrência, onde apenas oferecem os seus produtos no mercado.

A essa nova situação de competição, impostas aos grupos religiosos, Berger (1985, p. 150) comenta:

os grupos religiosos transformaram-se de monopólios em competitivas agências de mercado. Anteriormente, os grupos religiosos eram organizados como convém a uma instituição que exerce um controle exclusivo sobre uma população de dependentes. Agora, os grupos religiosos têm de se organizar de forma a conquistar uma população de consumidores em competição com outros grupos que têm o mesmo propósito.

O autor aponta, na citação acima, que devido à diminuição da influência sobre a população, as instituições religiosas tiveram de se lançar ao mercado com o objetivo de angariar fiéis para suas respectivas fileiras. Se antes, porém, não havia a tarefa do convencimento, a partir do surgimento de outros grupos religiosos, tornou-se necessário a cada um dos concorrentes, apresentar algum diferencial para atrair a atenção dos indivíduos. Desta forma, com a situação de competição implantada, as entidades religiosas perceberam a urgência de aperfeiçoamento.

Com o objetivo de melhorar a atratividade de suas representações religiosas, os dirigentes destes órgãos perceberam a importância de reestruturar as mesmas, com o intuito de se adaptarem às novas demandas do mundo moderno. De acordo com Peter Berger (1985), para que cada instituição religiosa alcançasse êxito no enfrentamento na sociedade, as entidades religiosas identificaram a necessidade de racionalizar suas estruturas. Para que obtivessem sucesso nessa tentativa recorreram à progressiva burocratização das mesmas, de forma a se apresentarem mais competitivas frente aos rivais.

À medida que a agregação da burocracia nas entidades religiosas foi sendo instituída, mesmo que aos poucos, incorporaram características duradouras no que tange à relação entre as mesmas, como também entre outras instituições da sociedade. De acordo com Berger (1985), com a burocratização, as instituições religiosas se aproximaram do mercado para as disputas e conseqüentemente tiveram contatos com outras instituições seculares. Com isso, aquelas trouxeram para si práticas burocráticas utilizadas por essas e, dessa forma, com o aumento da racionalidade entre os grupos religiosos eles se tornaram semelhantes nos métodos utilizados para angariar adeptos.

Pode-se dizer que a pluralização trouxe para as sociedades modernas crises subjetivas e intersubjetivas de sentido entre os indivíduos, e os motivos disso se encontram nas estruturas sociais. Conforme Berger e Luckmann (2004), as crises de sentido ocorrem porque nas sociedades modernas não há mais instituições que consigam fornecer valores últimos e

abrangentes, que alcancem todos os segmentos da sociedade. O que ocorre é que no mundo moderno as várias instituições formulam suas próprias regras e normas, objetivando especializar-se na área de atuação, sem se preocuparem em fomentar condutas totalizantes. Entretanto, continuam Berger e Luckmann (2004), mesmo que, num primeiro momento, essas instituições não tenham a pretensão de ditar valores últimos, muitas vezes, acabam por inferir a seus valores próprios pretensões universais. Como outras instituições também praticam essa ação, descortina-se uma variedade de valores legitimadores. Com isso, devido à oferta disponibilizada, pode-se emergir uma crise de sentido.

Como assegura Berger e Luckmann (2004), pode-se dizer que a crise de sentido das sociedades modernas tem como motivo fundamental a situação de pluralismo moderno. Nesse contexto, afirma-se que nessas sociedades os indivíduos não comungam dos mesmos valores e referências de sentido, isto é, nem todas as pessoas enxergam os fundamentos últimos da vida da mesma forma, pois possuem referências distintas entre si. No entanto, o mais importante, contudo, é constatar que o pluralismo não propiciou apenas condições de propagação das crises de sentido, mas paradoxalmente também possibilitou a contenção do avanço das mesmas. Não é exagero afirmar que quando se consegue implementar uma estabilidade de fato, em algumas instituições, as possibilidades de conter as crises de sentido nas pessoas têm chances de obterem êxito. Em todo esse processo, pode-se dizer, de forma resumida, que da mesma forma que a pluralização pode produzir as crises de sentido nas sociedades modernas, também pode refreá-las, mesmo que em menor escala.

Ainda se faz importante entender o motivo ou os motivos pelo quais o pluralismo moderno propiciou o surgimento das crises de sentido na modernidade. Para Berger e Luckmann (2004), isso se deu por que o pluralismo contribuiu para que os indivíduos perdessem as certezas da vida, as visões de mundo evidentes por si mesmas. Pois antes, acreditava-se que o destino de cada um já se encontrava praticamente traçado. Eis que nas

sociedades modernas identifica-se a possibilidade de escolhas, de alternativas e ofertas aos olhos das pessoas. A opção de poder escolher causa uma certa desorientação em certos indivíduos: "o pluralismo coloca sempre alternativas diante dos olhos, as alternativas obrigam a refletir; a reflexão solapa o fundamento de todas as versões de um 'mundo curado' - ou seja, de sua auto-evidência." (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 58).

Contudo, não se percebe nas sociedades modernas, sobretudo nas ocidentais, uma grandiosa crise de sentido que abarca a todos. De modo geral, os indivíduos seguem suas vidas de forma amena. As responsáveis por manter as crises de sentido, tanto subjetivas como intersubjetivas, controladas na sociedade, são as instituições intermediárias: "instituições que permitem ao indivíduo colocar a serviço de vários setores da sociedade os valores de sua vida privada, de modo a constituírem uma força que ajude a formar a sociedade como um todo." (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 7).

Estas instituições se localizam entre as grandes instituições de sentido, como o Estado, e os indivíduos:

Estas instituições atuam como geradoras e sustentadoras de sentido na conduta de vida dos indivíduos e na coesão de comunidades de vida. Elas dão orientação a pessoas mesmo quando a sociedade toda não é mais a portadora de uma ordem supra-ordenada de sentido e valor, mas só atua como uma instância reguladora dos diferentes sistemas de valores. As regras que valem para toda a sociedade servem para tornar possível a coexistência e a necessária cooperação das diferentes comunidades de sentido, sem impor-lhes uma ordem comum de valores. (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 74).

Um exemplo de instituição intermediária são as igrejas, ao contrário das suas atuações na época das sociedades pré-modernas, quando quase sempre assumiam uma posição de comando na vida das pessoas. Já nas sociedades modernas, elas se transformaram em instituições intermediárias, por que se deslocaram para as extremidades das sociedades, na vida privada do indivíduo, onde dependendo da situação exercem um importante papel tanto para o indivíduo como para a sociedade (BERGER E LUCKMANN, 2004).

2.1.2 A crise contemporânea religiosa

O campo religioso brasileiro se encontra diversificado, muito abordado pela academia, complexo e em constante mutação. De acordo com Pierre Sanchis (2013), baseado no resultado do censo de 2010, algumas das mudanças na dimensão religiosa atual seriam: o protagonismo dos indivíduos em suas opções religiosas, a desinstitucionalização e a pluralidade religiosa. Com autonomia em suas escolhas religiosas, os indivíduos trafegam pelo campo religioso brasileiro mais seletivos, e com menos fidelidade. Já as relações entre indivíduos e instituições religiosas não mais ocorrem de forma abrangente, coletiva e de pertencimento único. A interação se dá de maneira mais particular, relativa, às vezes balizada por outros grupos religiosos e menos significativa para a vida do sujeito, propiciando assim o avanço da desinstitucionalização. Sem o sentimento de pertença única, com a facilidade de visitação em outras denominações, a possibilidade de relativizar, e a liberdade de escolha, acabam por contribuir para uma pluralidade religiosa. Dessa forma, o campo religioso brasileiro se apresenta diversificado, competitivo e agitado, e se presencia boa liberdade religiosa.

O cenário religioso brasileiro, desta forma, se mostra em efervescência, entre outros fatores, devido à grande liberdade religiosa vigente. Conforme Pierucci (2013), o Brasil nunca havia passado por uma disputa tão acirrada nas buscas de conversão de fiéis. Os profissionais, que atuam nas religiões como selecionadores de membros, contam com liberdade avalizadas pelos seus líderes para criarem e desenvolverem estratégias de sobrevivência no mercado religioso, principalmente por que o Estado não regula essa disputa de fiéis. O objetivo é converter cada vez mais sujeitos, sempre visando o crescimento da instituição religiosa. E ainda, segundo Pierucci (2013), é comum nos países que ocorrem essas competições religiosas os competidores visarem cooptar membros de religiões outrora dominantes, como o Catolicismo, no caso do Brasil. E o que ainda corrobora para essa situação é o processo de "destraditionalização cultural" (PIERUCCI, 2013, p. 50) pelo qual atravessa o país ao longo das últimas décadas.

O processo de destraditionalização se reflete no declínio das religiões tradicionais do país. De acordo com Antônio Flávio Pierucci, (2004), o adeus de fato do Brasil ao tradicionalismo se intensificou no início do século XXI. Isso já vinha ocorrendo ao longo dos anos, porém com a publicação do censo de 2000 percebeu-se uma aceleração na diminuição das religiões tradicionais. Segundo o autor, as três principais religiões tradicionais – Catolicismo, Luteranismo e a Umbanda – sofrem um processo irrecuperável de diminuição de fiéis.

Importante salientar o que seria tradição e algumas de suas características nas sociedades pré-modernas. De acordo com Giddens (1997), o conceito de tradição é complexo e amplo e, entre outras definições, pode-se afirmar que tradição seria uma espécie de amálgama cuja função era a de sustentar entre si as normas, as instituições, hábitos e costumes dos indivíduos das sociedades pré-modernas. A tradição atua de forma deliberativa sobre o tempo, adaptando o passado, de maneira que influencie o presente como também no futuro, principalmente por que tradição envolve memória: "A memória, como a tradição - em sentido ou outro -, diz respeito à organização do passado em relação ao presente" (GIDDENS, 1997, p. 81).

Em outro texto, Giddens (2002) elenca algumas características presentes nas tradições. Ao contrário do entendimento de muitos, as práticas tradicionais podem sofrer mudanças, pois nada impede de serem modeladas e remodeladas, já que podem sofrer influências do contexto onde estão inseridas. O que não se altera são as estruturas de ações das tradições, isto é, os rituais e as repetições. Também é característica das tradições o pertencimento a grupos, comunidades e coletividades, que contam, entre outros, com membros localizados no topo da hierarquia, chamados de guardiões, que têm a capacidade de receber, guardar e repassar os códigos, manuais e conhecimentos de determinadas práticas tradicionais. A tradição "está ligada à memória, [...] memória coletiva; envolve ritual; está ligada ao que vamos chamar de noção formular de verdade; possui "guardiões"; e, ao contrário do costume, tem uma força de união que combina conteúdo moral e emocional." (GIDDENS, 1997, p. 81).

Diante do exposto, torna-se pertinente o retorno ao processo de declínio das religiões tradicionais brasileiras. Conforme Pierucci (2004), é perfeitamente compreensível a diminuição de fiéis destes grupos religiosos, sobretudo do Catolicismo. Com a modernização das sociedades, as religiões tradicionais, principalmente as majoritárias, perderam integrantes. Isso aconteceu e está acontecendo devido a uma série de fatores: as desfiliações dos grupos tradicionais; o esmorecimento dos sentimentos sedimentados de pertença de outrora, a grupos ou instituições; as participações fugazes; as experimentações sem compromisso; as comparações entre as várias ofertas; as peregrinações. Sendo assim, por causa desses aspectos percebidos nas sociedades pós-tradicionais, as fileiras das religiões tradicionais, num caminho sem volta, tendem a encolher cada vez mais, não só no Brasil, mas também em outras partes do mundo. Será que tais características afetaram ou têm afetado à SSVP?

Neste trabalho, o foco será dado à diminuição de membros da religião católica, pois a SSVP é um movimento católico. Conforme Pierucci (2004), desde o início dos anos de 1950, a quase a totalidade dos sociólogos pesquisava sobre o declínio do catolicismo. Na verdade, a preferência por esse assunto, também foi a opção de boa parte daqueles que se dedicavam aos estudos sociológicos sobre religião na América Latina.

É possível dizer que, através dos censos do IBGE, percebe-se o decréscimo do catolicismo ao longo dos anos no país. A cada década, o IBGE divulga dados relativos ao campo religioso brasileiro. De acordo com Pierucci (2004), percebe-se que desde o ano de 1940, através do censo, a diminuição do tamanho proporcional da religião católica no Brasil, especialmente nas últimas décadas. O autor chama a atenção para que se perceba a diminuição percentual dos católicos, relativo a quantidade de brasileiros, por que em números absolutos ela conta com ligeiro aumento. No entanto, em número proporcionais, a diminuição é potente, pois em 1940 a população que se declarava católica girava em torno de 95,2%, já em 2000, declinou para 73,8%.

Não é exagero afirmar que fica evidente, diante desse quadro, que embora não haja uma diminuição em números reais de católicos, em quantidades percentuais, a redução foi elevada.

A Tabela 1 mostra essa realidade dos censos:

Tabela 1 – Dados gerais sobre religiões no Brasil a partir dos Censos

ANOS	POPULAÇÃO	CATÓLICOS	PROTESTANTES			OUTRAS RELIGIÕES	SEM RELIGIÃO	Sem declarar
			De Missão	Pentecostais	Não determinada			
1872	9.930.478	9.909.623 99,79 %						
1890	14.333.915	14.176.241 98,9 %						
1940	41.236.315	39.177.880 95%	1.074.857 2,6%			794.274 2%	87.330 0,2%	101.974 0,2%
1950	51.964.397	48.558.854 93,4%	1.761.430 3,4%			1.232.071 2,3%	274.236 0,5%	137.805 0,26%
1960	70.191.370	65.329.520 93,1%	2.824.775 4%			1.648.949 2,2%	353.607 0,5%	34.519 0,05%
1970	93.470.306	85.775.047 91,8 %	4.814.728 5,1%			2.157.229 2,5 %	704.924 0,7 %	13.355 0,014%
1980	119.009.778	105.860.063 89,0 %	4.022.330 3,4 %	3.863.320 3,2 %		3.310.980 3,1 %	1.953.085 1,6 %	299.686 0,25%
1991	146.814.061	122.365.302 83,3 %	4.388.165 3,0%	8.768.929 6,0 %		4.345.588 3,6 %	6.946.077 4,7 %	585.979 0,4%
2000	169.870.803	125.517.222 73,9 %	8.477.068 5,0%	17.975.106 10,6 %		5.409.218 3,2 % **	12.492.189 7,4 %	
2010	190.755.799	123.280.172 64,6 %	42.275.440 22,2 %			9.864.677 5,2 % *	15.335.510 8,0 %	643.598 0,33%
			7.686.827 4,0%	25.370.484 13,3 %	9.218.129 4,8 %			

* Outras Religiões - Censo 2010	nº de pessoas e %
Espírita	3.848.876 (2,0 %)
Afro-brasileira	588.797 (0,3%)
Testemunhas de Jeová	1.393.208 (0,7 %)
Outras religiosidades cristãs	1.461.495 (0,8 %)
Islã	35.167 (0,018%) ???
Outras	2.572.301 (1,3 %)
Não sabe/não declarou	(0,1 %)
** Censo 2000 - Islã	27.239 (0,016%) ???

Fonte: Fonte: BAPTISTA, 2012.

Naturalmente, com a diminuição de católicos no cenário religioso brasileiro, outros segmentos tendem a aumentar suas fileiras de adeptos.

Conforme Pierucci (2004), o decréscimo do catolicismo foi verificado ao longo das últimas décadas, mas de acordo com censo de 2000, nos últimos tempos do século XX, essa redução intensificou-se. E, justamente nesse período, identificou-se um considerável aumento dos segmentos evangélicos e dos que se declaram sem religião. Os primeiros, praticamente duplicaram de tamanho, caminharam para mais de 26 milhões de integrantes, já os segundos ultrapassaram a quantidade de 12 milhões.

De acordo com Pierucci (2004), o aumento dos evangélicos é protagonizado pelos pentecostais e neo-pentecostais, pois conforme já citado, o luteranismo, considerado como protestantismo de imigração, sofre com a diminuição irreversível de fieis, traço característico da destraditionalização religiosa no país. Entre os ramos evangélicos do Brasil, o luteranismo, antes hegemônico, atualmente se encontra nos últimos lugares em adeptos.

Nos censos do IBGE, as pessoas que se declaram sem religião nem sempre são ateus ou agnósticos, em alguns casos são crentes de algum credo que se consideram afastados de suas respectivas religiões, indivíduos que freqüentam mais de uma denominação religiosa ou estão em constante mudança de pertença religiosa (LUIZ, 2013; RODRIGUES, 2012). Há ainda os casos de evangélicos que dizem não ter religião, mas fé em Jesus Cristo. De acordo com Teixeira (2013, p. 27):

Dentre os tipos predominantes de sem religião encontram-se aqueles que se desvincularam de uma religião tradicional e afirmam sua crença com base em rearranjos pessoais; aqueles que passaram por diversos trânsitos, mas que não se encontraram em nenhum deles; que mantêm uma filiação fluida em razão da indisponibilidade de participação religiosa regular e aqueles que se definem como ateus ou agnósticos.

Dentre os sem religião, destacam-se os jovens. Segundo Sílvia Fernandes (2017), “entre os jovens de 15 a 29 anos – faixa etária de nosso estudo – o índice dos que se declaram sem religião (10%) é superior ao da população brasileira (8%) [...]”. E além dos sem religião, há os ateus e agnósticos. Outros pesquisadores como Ribeiro (2013), e antes Novaes (2004),

já mostravam esse fenômeno. Para Fernandes (2017), esse processo precisa ser investigado e uma hipótese plausível se refere à dinâmica de desinstitucionalização. No tópico seguinte, essa questão da religiosidade jovem será retomada, pois interessa na discussão sobre a renovação de quadros na SSVP.

Em 2003, Alberto Antoniazzi analisou o Censo 2000, chamando a atenção para os lugares onde o catolicismo apresenta altas porcentagens, tais como o interior do Nordeste árido, formado por pelos estados do Piauí, Ceará, Paraíba, Maranhão, Alagoas, Sergipe e Rio Grande do Norte, todos com mais de 80% de católicos. Isso se devia, segundo ele, ao grande apelo do catolicismo popular nessa região, por isso, os evangélicos não conseguiam ter uma penetração satisfatória.

Também é apontado a boa porcentagem de católicos nos estados de Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. No primeiro estado, credita-se tal fato a sua formação, um estado católico tradicional. Quanto aos outros, explica-se devido à colonização alemã e italiana. Quanto aos evangélicos, eles apresentam altas porcentagens nas regiões Norte, Centro-Oeste, Sul, mas também no Sudeste, onde conseqüentemente se localizam os estados recordistas em membros, como Roraima, Espírito Santo, Rondônia, Goiás e Rio de Janeiro. Locais onde ocorreram grandes migrações e o catolicismo não conseguiu acompanhar a forte oferta evangélica (ANTONIAZZI, 2003).

Se no censo de 2000, o número de católicos já apresentava uma grande redução, mas em quantidades proporcionais ao restante do país. Porém, no censo de 2010, pela primeira vez, a queda foi também de números absolutos. De acordo com Pierucci (2013), os católicos regrediram de 125 milhões, no censo de 2000, para 123 milhões no censo de 2010. Logicamente, ainda é um número grandioso em comparação com outras denominações religiosas, contudo, o declínio da religião, até então hegemônica, continua constante, persistente e acelerado. De acordo com Teixeira (2012), o catolicismo diminuiu em todas as regiões do país, com o maior índice registrado na Norte, de 71,3%

(2000) para 60,6% (2010). Outro dado importante deste senso, conforme Camurça (2012), assim como no censo de 2000, o de 2010 apresentou crescimento em números reais e também percentuais dos evangélicos e dos sem religião. Aqueles, protagonizados pelos pentecostais, alcançaram um número recorde de mais de 42 milhões de membros e estes, pularam para mais de 15 milhões, cerca de 8% da população.

Estudiosos apresentam algumas possíveis causas para a redução do catolicismo no país. Para Camurça (2013), um dos motivos versa sobre a dificuldade da igreja católica em acompanhar as migrações internas em grande escala no país. Travados por burocracias e com embrenhada hierarquia, falta aos dirigentes católicos a mesma habilidade dos evangélicos em se instalar nas periferias emergentes das regiões metropolitanas do país. Justamente nestes locais foram registrados os maiores aumentos no número de evangélicos, dos sem religiões e, conseqüentemente, a diminuição dos católicos. Em consonância com essa ideia, Antoniazzi (2003) já identificava vagarosidade nas autoridades católicas ao não se adequarem às transformações socioculturais, ao contrário dos rivais evangélicos, que ficaram antenados às novas tendências e se lançaram com ambição ao mercado religioso.

Além disso, atribui-se o esvaziamento das fileiras católicas ao fato de o campo das religiões no Brasil se encontrar em um trânsito intenso, onde a troca, a dupla pertença e a circulação entre as religiões configurarem essa mobilidade religiosa (ALMEIDA, MONTEIRO, 2001). Também Sílvia Fernandes (2017) e José Eustáquio Diniz Alves (2012, 2014, e a sair em 2017) apontam esse processo de transição e mobilidade.²

Almeida, Rumstain (2009, p. 32), enxergam esse trânsito da seguinte forma:

² Há estudos recentes que mostram o processo de “transição religiosa” no Brasil que não serão utilizados neste trabalho, mas que merecem ser conhecidos: ALVES, BARROS, CAVENACHI, 2012; ALVES, CAVENAGHI, BARROS, 2014.

Não se trata tão somente da mudança de uma religião a outra, mas de um dinamismo generalizado que se efetiva em três planos analiticamente distintos, mas correlacionados. Em primeiro lugar, as pessoas circulam pelas alternativas religiosas, o que pode significar troca de uma por outra como também a prática simultânea de duas ou mais. [...] Em segundo lugar, compreendemos trânsito como a circulação de crenças e ritos entre as instituições religiosas. Isto é, não só pessoas circulam entre as religiões, mas concomitantemente os conteúdos simbólicos e práticas rituais circulam entre elas, por meio de cópias, oposições, concorrência e assim por diante. [...] Uma terceira maneira de apreender o trânsito desloca-se do ponto de vista da instituição (seja da quantidade de adeptos seja dos conteúdos simbólicos de cada uma delas) e centra-se no indivíduo.

Conforme citado acima, é possível afirmar que o trânsito religioso contribui para a diminuição dos católicos, mas há alguns fatores que se sobrepõem à simples troca de uma denominação por outra, como, por exemplo, a freqüência em duas ou mais religiões, ou até mesmo a bricolagem por parte dos indivíduos (HERVIEU-LÉGER, 2008). Mesmo assim, não parece haver razão para discordar que esses fatores também são aspectos gerais do decréscimo do catolicismo, pois "Esse fenômeno de experimentação e trânsito religioso é também muito vivo entre aqueles que se declaram sem religião" (TEIXEIRA, 2012). E, certamente, a SSVP é atingida por essa realidade.

Assim como outros autores, Faustino Teixeira (2012) apresenta algumas conjecturas acerca da queda do catolicismo. Entre outros motivos, ele percebe uma dificuldade da própria igreja católica em lidar ou até mesmo admitir a crise pela qual atravessa a instituição. Ao se portar dessa maneira, ela continua com estratégias inócuas e pouco produtivas. Algumas estratégias utilizadas ou movimentos não produziram o alcance esperado, tais como a renovação carismática, os padres cantores e as incursões na mídia. Teixeira ainda percebe uma estrutura eclesial retrógrada, pouco voltada aos leigos, sobretudo aos pobres, e sem o devido amparo às pastorais, sobretudo, as sociais. E por fim, o equívoco em desprestigiar as Comunidades Eclesiais de Base (CEB'S), que executavam um fecundo trabalho evangelizador. Visão, aliás, referendada por Pedro Ribeiro Oliveira (2017), que também credita parte da crise, vivida pela igreja católica, à falta de apoio as CEB's.

Talvez seria possível conjecturar se alguns elementos desse modelo eclesial das CEBs não poderiam ter sido benéficos para a SSVP. A estrutura das CEBs funcionava de forma diferente das paróquias, isto é, cada CEB possuía autonomia. A construção da identidade dessas comunidades perpassava pela proximidade da residência, pelo forte laço de pertencimento entre os integrantes. Nas reuniões, a Bíblia era a fonte de referência, era lida e interpretada à luz da experiência cotidiana dos presentes. Os principais responsáveis pelas atividades das comunidades eram os leigos e leigas. Teólogos e padres também faziam incursões, mas os principais responsáveis por gerir as comunidades, de forma democrática e coletiva, eram membros leigos dos locais. Essas comunidades sempre se mostraram bem atentas às questões de ordem social. A preocupação com as injustiças sociais eram os motivos para lutas e mobilizações, reforçavam assim a identidade do grupo.

Diante do que foi exposto neste tópico acerca da crise religiosa contemporânea, dos motivos do declínio do catolicismo no cenário religioso brasileiro, dos dados apresentados, como também as interpretações, hipóteses e opiniões de autores e estudiosos sobre o tema, temos elementos que podem ajudar na compreensão da crise na SSVP.

2.2 A crise institucional da SSVP: fatores externos e internos

Este tópico pretende apresentar a crise institucional pela qual atravessa a SSVP, através dos aspectos internos e externos e que podem ser responsáveis pela situação vivida pela entidade.

Por volta do ano 2000, a Sociedade de São Vicente de Paulo começou a sofrer uma perda considerável de membros, ocasionando em encerramentos de Conferências Vicentinas. Além da evasão de associados, a SSVP também passou a encontrar dificuldades para formar novos quadros nas fileiras da instituição, enfrentando obstáculos em angariar novos adeptos. Não há uma data oficial para o início dessa instabilidade, mas através de pesquisas,

conversas e entrevistas pode-se inferir esse período como tendo o início o começo do século XXI. Moreira e Salve (2006) citam o fato que ocorreu em um Conselho Particular em Belo Horizonte, no ano de 2005: a extinção de três conferências por falta de membros. De acordo com os autores, em 1990, este mesmo Conselho Particular contava com 20 conferências ativas, com um bom número de membros. Em 2006, a quantidade de Conferências havia declinado para 10 e ainda sim, esvaziadas e pouco atuantes.

Melo (2016), igualmente, aponta o começo dos anos dois mil para uma mudança nas obras na SSVP. Segundo ele, a partir dos primeiros anos dessa década, as necessidades dos pobres diminuíram, pois souberam aproveitar as novas oportunidades oferecidas pelo novo governo federal. Dessa forma, com a diminuição da demanda por parte dos necessitados, o ânimo de alguns vicentinos pode ter arrefecido diante da aparente redução da carência material de parte da população. Em consonância com a afirmação de Melo (2016), Livia Vilas-Bôas (2011) atesta que sob o primeiro governo Lula [2003-2006], onde ocorreu a fusão de programas de transferência de renda, criados no início dos anos 2000, no segundo mandato do governo de Fernando Henrique Cardoso [1999-2002], aconteceu uma melhora imediata na vida dos pobres e miseráveis.

No Conselho Central Sagrados Corações, até o final dos anos de 1990, o número de Conferências Vicentinas girava em torno de setenta e cinco, e apresentava grande quantidade de membros ativos e atuantes, inclusive com muitos jovens, que frequentavam festas beneficentes, festivais, bazares e romarias. A partir dos anos 2000, o número de associados foi diminuindo a cada ano, causando o fechamento de Conferências. Este Conselho Central iniciou o ano de 2016 com pouco menos de cinquenta Conferências Vicentinas, espalhadas em dez Conselhos Particulares. Além disso, percebe-se um

envelhecimento dos membros que restaram e, ao contrário de antes, a presença de jovens diminuiu consideravelmente.³

Outro argumento, que justifica essa hipótese do início da crise e da instabilidade da Sociedade de São Vicente de Paulo na primeira década do século XXI, pode ser creditado à implementação do novo Código Civil Brasileiro, a partir de 2003. Muitos vicentinos deixaram o seu trabalho nas Conferências Vicentinas para assumirem cargos burocráticos nas várias obras assistenciais, como também para administrarem o grande patrimônio da entidade, o que será explicado mais a frente. Esse redirecionamento de membros para a condição de gestores causou e tem contribuído para o declínio no número de integrantes ativos nas Conferências Vicentinas.

Alem disso, também pode ter contribuído para o aumento da crise, o fato de não ocorrer renovação nos quadros, visto que boa parte dos que restaram já se encontram além da meia idade. Já é comum entre a população brasileira reconhecer a SSVP como uma instituição formada pela maioria de idosos. Alguns de seus próprios membros já assim a reconhecem, conforme Alves (2016, p. 45): "A Sociedade de São Vicente de Paulo caminha hoje lentamente e com grandes dificuldades pelo fato de suas conferências, os alicerces da Sociedade, estar sobrevivendo precariamente com 85% de seus membros já na terceira idade."

A falta de membros e a ausência de jovens na entidade é tão alarmante que, na plenária nacional da SSVP, realizada em agosto de 2015, os participantes alteraram o Regulamento da SSVP no Brasil: votaram para o aumento da idade limite para que vicentinos pudessem assumir cargos de presidência nas Unidades Vicentinas e Obras Unidas. Até então, a idade máxima para assumir presidência e vice-presidência era de 70 anos para Conselhos Centrais, Metropolitanos, Nacional e Obras Unidas, e 75 anos para

³ Para título de esclarecimento, é importante informar que o Conselho Particular São Luiz Gonzaga, pertencente ao Conselho Central Sagrados Corações, citado no parágrafo anterior, terminou o ano de 2016 com apenas quatro Conferências Vicentinas ativas.

Conferências Vicentinas e Conselhos Particulares. Nessa plenária nacional, a idade limite foi aumentada para 81 anos para presidir Unidades Vicentinas e Obras Unidas (CONSELHO METROPOLITANO DE BELO HORIZONTE, 2015).

Para Gonçalves (2006, p. 27), a SSVP necessita renovar as suas práticas, se antenar para as novas demandas do mercado:

basta assoprarmos as cinzas do comodismo, das indisposições, do conformar-se com o que já fazemos, da não adaptação aos novos tempos, das insubordinações, das divisões, da regra pela regra, da lei pela lei, do rigorismo desta mesma lei, da não abertura para o novo.

É importante, então, refletir sobre esses e outros aspectos externos e internos dessa crise com o objetivo de apontar perspectivas para a SSVP.

2.2.1 Contribuição de fatores externos para a crise na SSVP

Há diversos fatores que contribuem para a crise da SSVP, não só proporcionando o esvaziamento de membros como também dificultando a formação de novos quadros. Que fatores externos poderiam ser identificados nesse processo atual de desequilíbrio na entidade? Neste tópico serão citados três aspectos externos: (1) a mobilidade dos jovens no cenário religioso; (2) a dificuldade dos próprios vicentinos em transmitir os valores da SSVP aos seus familiares, sobretudo, em atrair os filhos e a juventude; e (3) as várias pluralidades, entre elas, a religiosa proporcionando a competição.

O primeiro fator externo a ser apontado, como possível causa da instabilidade da entidade, seria a mobilidade dos jovens entre as denominações religiosas, ou até mesmo a crise religiosa nesse segmento, pois é o grupo no qual mais cresce os “sem religião”. Nos resultados dos últimos censos, ficou evidente no campo religioso brasileiro o declínio do catolicismo, o aumento dos evangélicos e dos que se consideram sem religião. De acordo com Pierucci (2004), estes resultados se aceleraram a partir da década de

1980, isto é, nas últimas duas décadas do século XX: os evangélicos, catapultados pelos pentecostais, chegando a duplicarem de tamanho, e os sem religião apresentando crescimento considerável. Conseqüentemente, com essa mudança, o catolicismo tende a diminuir de tamanho e todos os movimentos e instituições católicas, como a SSVF, sentiram esse processo. Essa transição religiosa atinge diretamente o desenvolvimento da entidade, pois com a redução dos católicos, diminuem as possibilidades de novos vicentinos.

Uma associação que pretende aumentar a quantidade de membros, melhorar as perspectivas de futuro e prolongar os trabalhos da instituição, inevitavelmente, deve-se estar bastante atenta aos rumos da juventude. Pois nesse segmento da população se encontra a possibilidade de renovação dos quadros, desenvolvimento estrutural e a continuação das atividades. No censo de 2000, conforme Novaes (2006), foram divulgados diversos resultados sobre os jovens brasileiros, com o foco na faixa etária de 15 a 24 anos. Entre as indicações, três chamam a atenção: são dessa faixa etária, os que mais tendem a não mais se declararem católicos; o crescimento evangélico nessa parte da população; e, por fim, entre os que se declararam sem religião, os jovens são o maior segmento. Conforme Novaes (2004), numa pesquisa intitulada “Perfil da juventude Brasileira”, três anos depois do Censo, revelou números muito próximos aos divulgados pelo censo de 2000, corroborando com as expectativas apresentadas.

Depois de analisar, participar e orientar algumas pesquisas relacionadas aos jovens brasileiros, com ênfase na dimensão religiosa, Novaes (2006, p. 145), identifica assim a atual geração de jovens

Em resumo, mesmo considerando as diferenças e as desigualdades sociais entre os jovens, a partir das pesquisas disponíveis, podemos identificar o entrelaçamento de três tendências que se fazem presentes na experiência desta geração, a saber: a) forte disposição para o trânsito religioso e para novas combinações sincréticas; b) diminuição da transferência religiosa intergeracional e ênfase na escolha individual [...]; c) ampliação das possibilidades para o desenvolvimento de religiosidade sem vínculos institucionais.

Conforme citado acima, as possibilidades de conhecer várias religiões, a diminuição da influência dos responsáveis nas escolhas religiosas dos filhos e a prerrogativa de poder escolher o que lhe interessa em cada grupo religioso, pode fazer com que os jovens, de modo geral, se afastem dos vínculos institucionais com esta ou aquela religião e, conseqüentemente, de entidades religiosas confessionais tais como a Sociedade de São Vicente de Paulo.

O segundo fator que pode contribuir para a crise da SSVP seria a dificuldade dos membros mais antigos e das famílias em transmitir os valores religiosos aos familiares mais novos. Na primeira parte deste capítulo foi visto que, segundo a socióloga Hervieu-Léger (2008), há dificuldade das famílias modernas em transmitir aos descendentes suas convicções religiosas, ou seja, ocorre uma crise de transmissão religiosa nas famílias das sociedades modernas. As sociedades anteriores tiveram também crises de transmissão, já que é impossível a uma geração, transmitir a outra, tudo conforme o planejado. Ainda mais que os receptores contam com ajustes culturais, complementos e variações de sua época, ocasionando uma mudança inevitável, contínua e constante. Só que nas sociedades atuais, conforme Hervieu-Leger (2008, p. 58), "esta crise da transmissão mudou profundamente de natureza. As lacunas que se observam entre o universo cultural das diferentes gerações não correspondem mais apenas aos ajustamentos que a inovação e adaptação aos novos dados da vida social tornam necessários." Diante disso, guardadas as devidas proporções, pode-se entender que essa resistência que os membros da SSVP encontram em ingressar seus parentes na entidade, pode ser advinda dessa característica das sociedades atuais.

E é importante apontar a dificuldade dos vicentinos de transmitirem aos seus familiares os valores, os ensinamentos e o convencimento de filiação à entidade. Sendo assim, pode-se inferir que os obstáculos encontrados pelos integrantes em repassar os valores da associação aos seus, apresenta-se com um dos prováveis motivos para a instalação da crise nas fileiras da instituição. Uma das principais formas tradicionais de angariar membros para a SSVP era através da transmissão familiar. De modo geral, o patriarca vicentino da família

reportava aos seus filhos os valores, a crença, os ritos e, quase sempre, cada qual seguia o caminho do progenitor, ingressando na instituição, e assim por diante. De acordo com Moreira e Salve (2006) era comum identificar famílias quase inteiras se dedicando aos trabalhos da SSVV.

A família, em seu modelo tradicional, no qual os filhos se inserem na SSVV por intermédio de seus pais, e a participação no movimento fazem parte das relações familiares. A família é fonte de renovação da Sociedade São Vicente de Paulo, na medida em que fornece novos membros e trabalha diariamente na manutenção dos valores da instituição.

Contudo, o modelo de família tradicional no Brasil teve um declínio significativo, houve uma quebra no estilo patriarcal das relações familiares, inúmeras formas de família coexistem na sociedade brasileira. Vários são os motivos que levaram a essa reestruturação na concepção de família, tais como: a inclusão da mulher no mercado de trabalho; casamentos tardios; a diminuição do número de filhos; famílias dirigidas por mulheres; casamento homoafetivos; forma de autoridade mais paritária, onde ocorre um equilíbrio de forças entre os cônjuges; diversos casamentos durante a vida, onde cada qual leva filhos de uniões anteriores para residirem juntos, com os do atual relacionamento, entre outros (RIBEIRO, 2016). E conforme Carvalho (2016), "de todas as mudanças, que aconteceram ao longo de todos esses anos na instituição família, o fato de ela não se basear mais no casamento típico e religioso é a mais marcante delas [...]."

E o terceiro e último aspecto externo apontado neste trabalho, versa sobre o fenômeno das pluralidades. Um dos argumentos de Berger (1985, p. 146) para o surgimento do pluralismo, no contexto da secularização, seria o fim do monopólio religioso. Sendo assim, importante lembrar que a situação de pluralismo aponta para a possibilidade do diálogo, para uma competição sadia entre instituições na sociedade, nem sempre religiosas, que também pretendem definir a realidade ou criarem sentido para as existências. Será que os vicentinos entraram nesse processo? Ouvem e dialogam com instituições,

pessoas, a sociedade, buscando responder aos “sinais dos tempos” e à realidade do mundo contemporâneo?

Devido à realidade do pluralismo religioso, como também do aparecimento de outras concepções de vida, a SSVP não fica imune a esse processo, especialmente no contexto de competição religiosa, revelando-se até certo ponto despreparada para enfrenta-lo. No início dos trabalhos da entidade aqui no Brasil, no final do século XIX, ela praticava suas ações caridosas praticamente sozinha. De acordo com Gonçalves (2006), com o passar dos anos aumentaram consideravelmente a quantidade de entidades religiosas que prestam serviços caridosos, na verdade, não só instituições confessionais, mas também outras instituições laicas ou do estado, que exercem atividades caritativas, filantrópicas ou mesmo políticas públicas.

Ao fazer um balanço e uma análise da SSVP durante alguns anos, Gonçalves (2006, p. 76) destaca em seu questionamento o problema administrativo da SSVP:

Quantas obras já perdemos por incapacidade administrativa? Quantos imóveis já perdemos por falta de zelo? Quantas pessoas já perdemos por falta de acompanhamento? Quantos erros de contabilidade? Enfim, nós SSVP temos muito o que corrigir para nos adaptar a estes novos tempos. Particularmente na área administrativa, sob pena de irmos nos definhando a cada dia em nosso amadorismo e debaixo de uma falsa humildade que a SSVP é simples, não quer ser grande. Estas bobagens só nos fazem retroceder frente a outros movimentos. Vamos nos prejudicando e limitando nossa grande vocação de não somente socorrer, mas também colaborar para que nossos pobres saiam da condição de dependentes.

Conforme observado ao longo deste tópico, os problemas externos citados no início – o pluralismo, sobretudo o religioso; a mobilidade dos jovens no campo religioso brasileiro; e os percalços dos próprios vicentinos em repassar aos seus próprios familiares os valores da entidade –, ao serem analisados um a um, revelam sua parcela de contribuição na crise institucional da SSVP.

2.2.2 Os problemas internos da SSVP e sua afetação na crise da SSVP

Depois de vistos alguns prováveis fatores externos que contribuíram e estão contribuindo para a crise pela qual atravessa a SSVP, neste tópico serão citados quatro aspectos internos. Sendo assim, aponta-se: (1) a burocracia dentro da instituição, na qual alguns membros têm de se dedicarem a atividades burocráticas, deixando as conferências vicentinas em segundo plano; (2) a necessidade da associação de se atualizar para as novas demandas da sociedade; (3) pode-se apresentar o distanciamento da regra por parte de alguns membros; (4) a dificuldade da SSVP se manter como instituição intermediária de sentido;

O primeiro aspecto interno tange à questão de algumas Unidades Vicentinas possuírem estrutura de pessoa jurídica, tais como o Conselho Nacional do Brasil (CNB), os Conselhos Metropolitanos (CM's), os Conselhos Centrais (CC's) e as Obras Unidas (OU's). As exceções são as Conferências Vicentinas e os Conselhos Particulares, que não podem se assumir desta forma (CONSELHO NACIONAL DO BRASIL DA SSVP, 2015).

Todas as especificações das unidades vicentinas apresentadas no parágrafo anterior foram orientadas pelo novo Código Civil Brasileiro, publicado em janeiro de 2002, mas que entrou em vigor um ano depois, em janeiro de 2003, sob a lei de número 10.406 (SILVA, 2016). Desta forma, o Conselho Nacional do Brasil da SSVP (CNB) realizou uma Assembléia Plenária Nacional, no ano de 2004, em Belo Horizonte-MG, para que as novas exigências fossem implantadas no Regulamento da SSVP no Brasil. Essas novas tipificações trouxeram agravantes para os associados da SSVP, conforme a própria Regra (2015, p. 8). As novas exigências de cunho legal trouxeram "prejuízo ao trabalho missionário da SSVP e, por conseqüência, dos vicentinos, que se viram afastados de seu papel principal: visitar as famílias assistidas em seus domicílios" (CONSELHO NACIONAL DO BRASIL DA SSVP, 2015). Para atenderem às novas determinações legais, vários vicentinos largaram as suas atividades nas Conferências Vicentinas para cuidarem da variedade de Obras

Unidas e Obras Especiais da entidade, espalhadas pelo país, como também para gerenciarem os inúmeros patrimônios da associação.

Ainda conforme Lima (2016), a SSVP é mantenedora da maioria das instituições de longa permanência (asilos) do Brasil, sendo que o número de obras assistenciais mantidas pelos vicentinos, em solo brasileiro, gira em torno de duas mil. Trata-se de um trabalho relevante, que requer grande administração e organização por parte dos envolvidos e responsáveis. E para cuidar de toda essa burocracia, muitos confrades e consócias foram deslocados de suas respectivas Conferências, contribuindo assim para o esvaziamento dessas Unidades Vicentinas. Dessa forma, ao se ausentarem de suas respectivas conferências, os confrades e consócias deixaram de executar a principal ação dos vicentinos, que são as visitas domiciliares aos assistidos. (CONSELHO NACIONAL DO BRASIL DA SSVP, 2015).

Na perspectiva de Berger (1985), após a instalação da competição no mercado religioso, as instituições religiosas tiveram que racionalizar suas estruturas com o intuito de apresentarem um melhor serviço missionário. Sendo assim, as estruturas religiosas recorreram à burocracia para administrarem seus grupos: "A situação contemporânea da religião caracteriza-se, portanto, por uma progressiva burocratização das instituições religiosas". Com isso, os grupos religiosos, assim como outros grupos da sociedade, recorreram a procedimentos burocráticos para a gestão de seus respectivos empreendimentos.

Para atender às demandas do mundo moderno e algumas exigências de cunho legal no Brasil, como o novo código civil de 2002, a SSVP passou por essa progressiva burocratização. E isso trouxe prejuízos para a entidade e riscos para a sua continuidade.

Pode-se dizer que a entidade comete dois equívocos ao direcionar obrigatoriamente vicentinos para estes postos. O primeiro é que, direcionando membros para estes locais, diminui a presença dos mesmos nas Conferências Vicentinas, embora a Regra solicite que os mesmos ocupem as duas funções.

Porém, o que geralmente ocorre na prática, é o distanciamento das Conferências Vicentinas. As obras unidas, por exemplo, para que cada uma funcione é necessária a participação pelo menos quatro membros: o Presidente, o vice-presidente, o tesoureiro e o secretário. Aos dois primeiros exige-se o pertencimento à entidade, com pelo menos dois anos de exercício sem interrupção; aos últimos, exige-se a confissão católica. Importante lembrar sobre a grande demanda de trabalho dessas entidades e que tudo é feito de forma totalmente voluntária.

O segundo equívoco é a falta de profissionalização das pessoas designadas para a gestão dessas Unidades Vicentinas. A tarefa a ser exercida exige habilidade, destreza e administração. Ao colocarem como condição obrigatória a pertença à entidade, e não a capacidade de gestão, muitas vezes, a entidade pode colocar todo trabalho realizado pela obra a perder. No mês de dezembro de 2016, o Conselho Nacional do Brasil (CNB) soltou uma resolução proibindo qualquer criação, desdobramento ou aquisição de Obras Unidas ou Obras Especiais (BOLETIM BRASILEIRO, 2017). Os motivos alegados pela SSVV eram que boa parte das obras atuais, espalhadas pelo país, não estavam sendo bem administradas, apresentando dificuldades financeiras, entre outros problemas.

Como se analisou com Berger (1985), o processo de mudança da modernidade trouxe a necessidade das instituições religiosas se prepararem para o mercado competitivo, visando operacionalizar seus serviços, sempre visando o convencimento e, conseqüentemente, a satisfação das pessoas. Por outro lado, a partir dos fundamentos cristãos, houve o descuido com a pedagogia, a linguagem, a formação, o diálogo com as pastorais sociais e outras mais. Dessa forma, se essa premissa de Berger é válida, pode-se questionar se a SSVV se atualizou para as novas demandas religiosas, considerando-se aqui o segundo aspecto interno da instalação de sua crise. E se é possível reconhecer que faltou atualização teológica e pastoral, tem-se aqui outro elemento que ajuda a compreender a crise da entidade.

De acordo com Gonçalves (2006), para uma entidade que se aproxima de completar dois séculos de existência é sempre importante fazer uma autoanálise, corrigir equívocos na trajetória e projetar o futuro. Principalmente, porque o mundo se transforma de maneira rápida e constante e algumas práticas de outrora podem não ser mais eficazes nos dias de hoje. Até mesmo pelo tempo de atuação, sobretudo no Brasil, o autor identifica duas características evidentes na associação atualmente: estabilidade e cansaço.

Parece não haver dúvida que a SSVP tem notório respeito e consideração junto à sociedade civil, o poder público e aos movimentos religiosos. Ao mesmo tempo, essa avaliação e reconhecimento trazem estabilidade, benéfica para a entidade, mas também pode ser prejudicial, pois pode causar nos associados certo comodismo e acomodação. Por isso, Gonçalves (2006) percebeu que há envelhecimento institucional e certo cansaço na entidade, e membros acomodados e cansados não se abrem para o novo, se mostram avessos a mudanças e não desejam se adaptar a novas demandas da sociedade, sobretudo as religiosas. Portanto, se a entidade visa continuar os seus trabalhos junto aos necessitados, se faz necessário um processo de renovação pedagógica, estratégica e metodológica. Será que a SSVP tem conseguido ler e interpretar os processos de mudança social, política, econômica, cultural e religiosa? Quais são os atuais necessitados e que demandas têm?

Sanchis (2013) já havia apontado, a partir de sua análise dos resultados do Censo de 2010, algumas características com as que as religiões no Brasil começam a conviver, principalmente a relação dos fiéis com suas respectivas instituições religiosas. Aqueles que ainda mantêm seus vínculos lidam de maneira menos globalizante e mais autônoma, se portam de maneira mais seletiva, escolhendo o que seguirão ou não. Para Faustino Teixeira (2013, p. 22), "Sanchis indica que o universo das experiências religiosas deixa de ser regido por estruturas sólidas e reguladoras, tornando-se mais fluido, pontuado agora por relações menos totalizantes entre os fiéis e as suas instituições religiosas de pertença". Tendo isso em vista, pode-se perceber um terceiro

aspecto interno da crise da SSVP: o afastamento, por parte dos membros, das orientações da Regra da entidade. Identifica-se o integrante mais preocupado em freqüentar as reuniões de sua respectiva Conferência Vicentina e, quando muito, a visitar domiciliar aos assistidos. Contudo, conforme já explicado, as obrigações dos confrades e consócias vão além da presença em reuniões e visitas domiciliares. A regra não é mais reconhecida e não tem mais o peso e o significado que tinha? Seria o processo de desinstitucionalização, com se discutiu anteriormente, fruto da modernidade e da secularização?

Esse terceiro aspecto, como hipótese provável para a crise da SSVP atualmente – o distanciamento do Regulamento da entidade – é uma questão que mereceria um exigente processo institucional de avaliação e revisão. A Regra da instituição deveria e é considerado o porto seguro dos vicentinos, pois nela os membros encontram o que devem saber, cumprir e internalizar. É o mapa a ser seguido pelos associados e aspirantes. Porém, percebe-se que muitas consócias e confrades não mais cumprem alguns dos seus preceitos básicos, na verdade, muitos nem têm conhecimento sólido dessas obrigações.

De acordo com o discurso de um dos primeiros presidentes gerais da entidade, Adolphe Boudon, em novembro de 1856, "Se uma Conferência ameaça cair, é porque se afastou do Regulamento, seja da letra deste, seja, sobretudo, do seu espírito, e mesmo, algumas vezes, de ambos" (SOCIEDADE SÃO VICENTE DE PAULO, 2015, p. 10).

O desconhecimento da Regra ou o distanciamento dela é um sério problema interno. Silva (2015) enfatiza a importância de inculcar nos novos aspirantes, ao ingressarem na entidade, as obrigações, deveres e atribuições da SSVP. Destaca a importância da formação dos novos aspirantes, visto que a presença, nas atividades oferecidas pela instituição, desenvolve nos adeptos o sentimento de pertença e de integração. E questiona a discrepância entre a quantidade de vicentinos constantes nos relatórios e a presença efetiva de membros nas festas regulamentares, por exemplo. Ou seja, se existem mais vicentinos nos papéis do que nos momentos importantes é por que muitos

integrantes não seguem um dos preceitos básicos da Regra. No Regulamento, em seu artigo 18, item VI, consta como um dos deveres dos associados "participar das festas regulamentares e demais eventos vicentinos" (SOCIEDADE SÃO VICENTE DE PAULO, 2015, p. 98). Sendo assim, o que autor solicita é que os dirigentes, durante o curso de apresentação da entidade para os aspirantes, se esforcem sempre em mostrar a importância do seguimento da Regra. Porém, isso não é suficiente.

Valeriano (2015) também chama a atenção dos confrades e consócias sobre a importância da presença, participação e perseverança nos eventos para que se mantenha vivo, no associado, a vocação vicentina. Esse "relaxamento", acaba por enfraquecer os valores, ritos e mitos da entidade no imaginário do associado (MOREIRA; SALVE, 2006).

O quarto e último aspecto relaciona-se ao fato da SSVP se manter como instituição intermediária de sentido na sociedade. No primeiro tópico deste capítulo, apresentou-se as posições de Berger e Luckmann (2004) para refletir sobre as instituições intermediárias que, segundo eles, são responsáveis por amenizarem as crises de sentido da sociedade, não só as subjetivas como também as intersubjetivas. Um exemplo dessas instituições são as igrejas e, conseqüentemente, as associações religiosas, pois como atestam Berger e Luckmann (2004, p. 71), as "instituições religiosas não são mais as únicas portadoras das ordens supra-ordenadas de sentido e valores. Sempre mais se tornam 'instituições intermediárias', são forçadas de centro para a periferia da 'aldeia'."

No papel de instituição intermediária, a SSVP apresenta dificuldades de se manter como tal. Ao não conseguir superar a crise, uma vez que encontra obstáculos para estancar o esvaziamento de suas fileiras, e não obtém êxito na renovação de novos quadros, a entidade se mostra menos atuante na sociedade, diminuindo consideravelmente sua presença nas transformações sociais. Diante disso, Berger e Luckmann (2004) chegam a questionar qual

seria a importância de uma igreja ou instituição religiosa que não tenha algum tipo de função social.

2.3. Conclusão

O desenvolvimento do presente capítulo possibilitou breve análise, na primeira parte, de alguns fatores que contribuíram para o surgimento da secularização na modernidade. Tal fenômeno contribuiu para mudanças e crises, dentre elas, a religiosa e a de sentido, com a pluralização cultural. Ainda na primeira parte foi possível compreender alguns dos motivos da crise contemporânea religiosa que afetou as religiões, especialmente a religião católica. Apesar de abarcar todos os elementos possíveis, alguns motivos como o protagonismo dos próprios indivíduos, a desinstitucionalização, a pluralidade religiosa, o trânsito religioso, a destradicionalização, entre outros, foram apontados como fatores motivadores para a instabilidade religiosa brasileira.

Na segunda parte deste capítulo, analisou-se possíveis aspectos internos e externos à SSVP que poderiam explicar a crise dessa entidade. Tais fatores foram confrontados com a teoria exposta na primeira parte do capítulo, com o intuito entender até que ponto a crise sociorreligiosa contemporânea tem afetado a entidade pesquisada. A seguir, no terceiro e derradeiro capítulo, se refletirá sobre os desafios e perspectivas da SSVP para enfrentar sua atual crise.

3. A SSVP: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DIANTE DA CRISE

Este capítulo apresenta alguns dos principais desafios e perspectivas da Sociedade de São Vicente de Paulo diante da sua crise institucional. Eles dizem respeito ao diálogo com a sociedade diante das novas demandas sociais, como também sobre mudanças metodológicas na tentativa de conquistar os jovens para as fileiras da SSVP.

O capítulo está estruturado em dois tópicos. O primeiro apresenta uma reflexão sobre a SSVP e o assistencialismo. Em seguida, discute-se sobre quem realmente são os pobres do Brasil, já que são o objeto de dedicação da SSVP, e adiante apresenta-se uma breve reflexão sobre os novos necessitados. Por último, alguns motivos internos e externos da crise do Catolicismo, que acabam afetando também à SSVP.

O segundo tópico traz uma reflexão sobre os fundamentos da Regra da SSVP e as exigências para o ingresso na sociedade, mostrando seus principais problemas e limites. Em seguida, uma breve abordagem sobre o conceito de caridade e uma reflexão sobre a formação dentro da entidade. Por fim, uma discussão sobre os jovens, na qual serão apresentadas algumas tendências da juventude atual e como a SSVP pode utilizar tais tendências a seu favor, no sentido de conquistá-los para o seu carisma.

3.1 - O diálogo com a sociedade e suas novas demandas eclesiais: implicações metodológicas

Para abordar a importância do diálogo da SSVP com a sociedade, torna-se importante apresentar a questão do assistencialismo. Inevitavelmente, diante da forma de atuação dos trabalhos dos vicentinos no Brasil, surgiram insinuações sobre o caráter assistencialista das tarefas e obras executadas pelos membros da associação. Atribuem-lhes uma inoperância no sentido de mudar a vida do necessitado, que a SSVP não desejaria alterar, de fato, a situação de carência do ajudado, mas apenas atenuar às necessidades de

forma imediata e paliativa. Com isso, a dependência aumentaria e aquela pessoa assistida não alcançaria meios para conquistar sua autonomia. Diante disso, a desigualdade social não seria alterada e os menos favorecidos se manteriam alheios a seus direitos e impassíveis perante às mazelas sociais.

Em ensaio em torno das associações filantrópicas na cidade mineira de Juiz de Fora, Viscardi (2004) acredita que, muitas vezes, essas instituições exercem a função de apaziguar os ânimos das classes sociais menos abastadas, pois em muitas ocasiões exercem o papel do Estado, mesmo que de forma modesta.

Também na visão de Maria Pinto (2014), os vicentinos, a partir do início do século passado, presentes na Zona da Mata mineira, praticavam uma caridade altamente assistencialista e conformista. Os membros da SSVP, na esmagadora maioria, integrantes das classes mais abastadas da época, participavam dos destinos políticos das cidades, sempre procurando a conciliação entre as classes sociais. Consideravam o trabalho sob a ótica da concepção moderna, isto é, como um valor. Já a miséria, acreditavam que deveria ser tratada com ajuda material e assistencial, sem a preocupação em munir os necessitados com instrumentos para melhorarem suas condições de vida. Visavam preparar o pobre para o mercado de trabalho, objetivando a ordem da sociedade.

Ainda nessa linha de pensamento, de quem aponta as práticas vicentinistas como uma mera assistência social, para Souza

A SSVP está presente em paróquias, escolas e também no âmbito de categorias profissionais. Os vicentinos dedicam-se sobremaneira a visitas domiciliares, levando alimentos, além de roupas e remédios para família carentes. Eles exercem uma prática assumidamente assistencialista, com um viés de paternalismo, sem a preocupação de questionar as causas e os mecanismos de reprodução da pobreza na sociedade (SOUZA, 2007, p. 136).

Souza (2007), que referencia Geraldo Chizotti, afirma que os atos caridosos dos integrantes da SSVP são pessoais, visam o crescimento

espiritual de quem doa e a satisfação material de quem recebe. As ações não têm o intuito de revolucionar a sociedade, de implantar uma justiça social, na verdade são apenas atos de bondade.

Naturalmente, os vicentinos discordam das críticas recebidas sobre as práticas exclusivamente assistencialistas e apontam o próprio Regulamento da entidade como demonstração de que as intenções de caridade, objetivadas pelos membros, vão muito além de uma simples ação de bondade. Consta na Regra: "Nenhuma forma de caridade é estranha à Sociedade. [...] tendo em vista aliviar o sofrimento ou a miséria e promover a dignidade e integridade do homem em todas as suas dimensões" (CONSELHO NACIONAL DO BRASIL, 2015, p. 16). Ainda no Regulamento destaca-se que "Os vicentinos tentam ajudar os pobres a serem independentes, na medida do possível, e a dar-se conta de que, de maneira prática, podem forjar e mudar o seu destino e o dos que estão à sua volta" (CONSELHO NACIONAL DO BRASIL, 2015, p. 18).

Renato Lima (2013), refuta a pecha de assistencialista da entidade. Segundo ele, muitos dos que consideram as práticas dos vicentinos dessa forma são os que ignoram a diferença entre os conceitos de assistencialismo, filantropia e caridade. Conforme aponta o autor, as ações dos membros das Conferências Vicentinas vão além de simples atos assistenciais ou filantrópicos, pois visam na ação caridosa, fundamentada no amor, dentre outros objetivos, o da promoção integral dos assistidos, aspirando assim a redução das desigualdades sociais.

Em entrevista ao Jornal da Caixa (2012), o aposentado e morador de Belo Horizonte Tiago Claret, membro da SSVP desde 1980, afirma que, nas visitas aos assistidos, o seu grupo não leva apenas ajuda material, mas também carinho e orientações para que as famílias participem de eventos e palestras com o intuito de se constituírem socialmente. Enfatiza Claret: "Nós não fazemos assistencialismo. Trabalhamos de maneira sistemática, acolhendo as famílias realmente necessitadas e orientando-as sobre como caminhar

sozinhas, oferecendo cursos e, quando possível, oportunidade de trabalho” (JORNAL DA CAIXA, 2012, p.8).

3.1.1 As mudanças e as novas demandas sociais desafiam a SSVP

Como já apresentado neste trabalho, todo aquele que se considera vicentino é obrigado a seguir as orientações prescritas na Regra da Sociedade de São Vicente de Paulo. Logo nas primeiras páginas da Regra é possível perceber as diversas menções à palavra “pobre” (CONSELHO NACIONAL DO BRASIL, 2007, p. 13, p.14, p.14 p.19, p.19). Diz a Regra: "Com efeito, uma organização tão profundamente cristã e católica, vocacionada para à entrega aos pobres [...]", " [...] habituados a uma vida em comum, desejam prolongá-la servindo os mais pobres." Diz ainda: "Desde as origens, as Conferências foram aos pobres sem esperar que estes viessem ter com elas. [...] tornou-se um clássico entre nós: a visita ao domicílio do pobre. [...] [as] de iniciativas para ir ao encontro dos pobres [...] [pois] Os vicentinos tentam ajudar os pobres”.

Na verdade, em todo o texto da Regra da entidade, a afirmação da preocupação com os pobres é constante, afinal, foi com a intenção de ajudá-los e promovê-los que a SSVP foi criada por Ozanam e seus companheiros. Por isso, é interessante indagar, quem são os pobres de hoje? Quais as suas reais necessidades? A SSVP está preparada para lidar com as novas demandas dos pobres, com os novos excluídos? Como anda pobreza e a desigualdade no Brasil?

Conforme Pedro Ribeiro de Oliveira (2011), até mesmo dentro da Igreja Católica, não há um consenso do que seja o significado mais correto da categoria pobre, pois esse termo tem a mudança como característica e se altera dependendo do lugar e da época, daí a complexidade de tentar defini-lo. Para o autor, o assunto é tão complexo e importante que ele organizou um livro, convocando diversos autores para debatê-lo. Nessa obra *Opção pelos pobres no século XXI* (OLIVEIRA, 2011) são utilizadas duas diretrizes para se discutir o tema: a abordagem pluridisciplinar - utilizando a sociologia, a

economia e ciência política, e o método *ver-julgar-agir*. Esse livro, e seus diversos autores, poderá ajudar, a seguir, na análise da questão da pobreza e da desigualdade no país.

No nível religioso, em maio de 2007, ocorreu na cidade de Aparecida-SP, a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, o Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), ocasião na qual veio ao Brasil o Papa Bento XVI. Esse encontro produziu um extenso texto conclusivo, conhecido como *Documento de Aparecida*, e entre outras alusões sobre a categoria pobre, o documento apresenta a definição a seguir:

402. A globalização faz emergir em nossos povos, novos rostos pobres. [...], fixamos nosso olhar nos rostos dos novos excluídos: os migrantes, as vítimas da violência, os deslocados e refugiados, as vítimas do tráfico de pessoas e sequestros, os desaparecidos, os enfermos de HIV e de enfermidades endêmicas, os toxicodependentes, idosos, meninos e meninas que são vítimas da prostituição, pornografia e violência ou do trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas da violência, da exclusão e do tráfico para a exploração sexual, pessoas com capacidades diferentes, grandes grupos de desempregados(as), os excluídos pelo analfabetismo tecnológico, as pessoas que vivem na rua das grandes cidades, os indígenas e afroamericanos, agricultores sem-terra e os mineiros. (CELAM, 2007, p. 181).

Embora apresente nesse texto um conceito amplo, e talvez nem todos os aspectos elencados possam ser considerados nessa categoria, a caracterização do *Documento de Aparecida* relacionada aos novos necessitados, mostra um panorama pertinente ao que se percebe no atual contexto social brasileiro, isto é, emergiu na sociedade, novas formas de necessidades. Para Poggioli (2015), com o projeto neoliberal emergem novas faces de excluídos.

A SSVP, diante dessa realidade e das novas demandas, enfrenta uma fase de desafios diante do novo quadro que se apresenta, já que visivelmente, a questão da pobreza no Brasil se encontra reconfigurada.

Importante salientar sobre a complexidade de se calcular a pobreza no Brasil. Embora alguns institutos apresentem dados nesse sentido, não há um

critério oficial para tratar desse assunto. De acordo com Telles (2011), isso é problemático, pois causa problemas em várias instâncias, por exemplo, não se sabe ao certo a quem ou a qual grupo atuar com algumas das políticas sociais do governo. Segundo a autora, pelo fato de não ter um critério oficial, pode-se tratar o tema de forma arbitrária e corre-se o risco de se comemorar resultados de mobilidade social de maneira equivocada. Por exemplo, afirma-se que classe média aumentou nas últimas décadas, diminuindo assim a pobreza extrema, mas os limites da chamada classe C, supostamente maior, são muito próximos das classes D e E do que das médias. Portanto, corre-se o risco de incluir quem não necessite, como também, excluir quem por ventura possa precisar.

E com isso, com a falta de definição do que seja realmente pobreza, conforme Telles (2011), as políticas governamentais de combate à pobreza vão deixando de lado a ideia da universalização de direitos para dar lugar às políticas de focalização, mais direcionadas a determinados grupos, nesse caso, aos mais pobres dos pobres. De acordo com Kerstenetzky (2010), num primeiro momento, pode parecer que isso seria o correto para um país que pretenda combater a miséria: simplesmente transferir renda a quem não tem. No entanto, segundo a autora, na prática, ficou comprovado que os países, que optaram pela universalização de direitos para combaterem a miséria, obtiveram maior êxito do que aqueles que priorizam a focalização de grupos específicos.

Paras Vilas Boas (2011), num país com enormes dimensões e com altos índices de pobreza, como o Brasil, as duas formas de políticas social - transferência universal e focalizadas - podem conviver sem que uma prejudique a outra. É viável o funcionamento delas de maneira conjunta, sempre tendo em vista o avanço das políticas universais para que as focalizadas diminuam aos poucos. Para Telles (2011, p. 51), não deve ocorrer a "substituição da concepção de uma sociedade igualitária e justa pela concepção de mínimos sociais [...]". Sendo assim, Vilas-Boas (2011) apresenta maiores argumentos em prol das políticas universais, mas não deixa de apontar os benefícios das

políticas focalizadas para determinados segmentos da sociedade. E desta forma, conclui que

a sociedade brasileira possui institucionalidades eficazes para lidar com seus problemas sociais, mas ainda utiliza-as de forma incipiente. É necessário, portanto, um maior – e constante – investimento público nas áreas básicas de proteção social, para que a cobertura se pretenda universal de fato, para que os resultados se tornem satisfatórios e para que os programas, como o Programa Bolsa Família (PBF), possam objetivar, ao invés da expansão, a marginalização de seus beneficiários, através da redução do número de potenciais beneficiários (VILLAS-BOAS, 2011, p. 18).

Para Telles (2011), os governos precisam definir qual a real intenção com o problema da desigualdade social no Brasil. Se optarem por combater apenas a pobreza extrema, basta investir nos atuais programas sociais visando apenas medidas compensatórias aos miseráveis. Contudo, se a escolha for para propiciar à grande maioria uma vida mais digna, autônoma e com oportunidades de ascensão social, o trabalho é maior, pois precisa focar no embate com a política econômica vigente que, segundo a autora, se preocupa apenas com o aumento de riqueza e deixa os mais excluídos por conta de caridades e sem possibilidades de diminuir suas vulnerabilidades sociais.

É importante esclarecer o que seriam, então, alguns indicadores de pobreza no país. Conforme Pochmann (2011), tendo como base o Instituto Brasileiro de Geografia e estatísticas (IBGE), existe a pobreza extrema, pobreza menos extrema e a pobreza absoluta. A extrema equivale a quem recebe até 1/4 do salário mínimo per capita. A menos extrema é a parcela da população que recebe de 1/4 a 1/5 do salário mínimo per capita. E a absoluta é a união da extrema e da menos extrema, ou seja, para a fatia da população que alcança o rendimento familiar até meio salário mínimo per capita.

Independente da melhor maneira de utilizar os recursos públicos no país, o que se percebe é que a pobreza se encontra em transformação. Conforme Pochmann (2011), nas últimas décadas a pobreza absoluta diminuiu consideravelmente em solo brasileiro. Em 1978, o índice chegava a 68% da

população, e já em 2008 o índice caiu para 26,5% dos brasileiros, de forma bem diferenciada entre as regiões e entre as faixas etárias. Já Kerstenetz (2010), aponta a redução da pobreza na primeira década dos anos 2000, ancorada pelos dados do Instituto de pesquisa econômica aplicada (IPEA) e da Fundação Getúlio Vargas (FGV). A autora também indica uma melhor redistribuição de renda e também diminuição de desigualdade social. De acordo com Pochmann (2011), isso se deve, em grande parte, a investidas governamentais na política de inclusão por meio do consumo nas classes menos favorecidas, localizadas na base da pirâmide social.

Mas um dos principais motivos da significativa redução da pobreza absoluta no país, conforme Pochmann (2011), foi devido ao conjunto de políticas públicas que foram incentivadas pela Constituição Federal de 1988 e, conseqüentemente, implantadas ao longo dos últimos anos no país. Esse autor aponta seis grandes complexos da política social que têm a intervenção do Estado: Previdência Social, Emprego e defesa do trabalhador, Desenvolvimento Agrário, Assistência Social, Saúde e Educação. Acrescentem-se a esses grandes eixos, mais três fatores de fundamental importância na implantação das políticas públicas pós Constituição Federal de 1988. O primeiro tem a ver com o aumento do gasto social; o segundo, a descentralização da política social, ou seja, maior participação dos estados e sobretudo dos municípios nos desenvolvimentos das políticas; e o último fator é a maior participação dos movimentos sociais nas decisões para a destinação dos recursos públicos.

No entanto, para Pochmann (2011), é necessário atentar para o fato de que a redução da pobreza absoluta quase sempre se reflete no aumento da pobreza relativa (2011, p. 70): o "indicador que representa a parcela da população com renda mensal de até 60% dos rendimentos médio dos brasileiros ocupados com mais de quinze horas semanais." Por isso, além do consumo, deve-se investir também em outras políticas para que a coesão social reflita em um desenvolvimento mais justo e igualitário da sociedade.

Para Kerstenetz (2010, p. 6), "Avaliando-se a situação do ponto de vista dos (in)sucessos do passado, certamente as reduções observadas são significativas; tendo-se em mente, por outro lado, o valor atual desses indicadores e o que ainda resta a fazer, a perspectiva se inverte." Ela reconhece a importância dos resultados sobre a redução da pobreza nos últimos anos, mas ainda os considera tímidos em relação ao que ainda se tem para fazer, pois se a diminuição seguir o ritmo atual, demoraria mais de vinte anos para se alcançar patamares satisfatórios, semelhantes aos países desenvolvidos, por exemplo.

Na opinião de Vilas Boas (2011), isso se deu por que os governos pós constitucionais privilegiaram a transferência de renda, visando com mais ênfase no alívio da pobreza, sem darem a devida atenção à situação de vulnerabilidade de boa parte da população. Um dos equívocos dos governos pós-constitucionais, conforme a autora, foi deixarem os gastos com os programas de transferências focalizadas avançarem em relação aos gastos de áreas sociais básicas. Esse desequilíbrio de investimentos, pelo fato da base da pirâmide social do Brasil ser ainda numerosa, faz com que os programas focalizados abranjam um grande número de pessoas.

Dois exemplos de programas focalizados são o "Programa Bolsa Família (PBF)" e o "Benefício de Prestação Continuada (BPC)". De acordo com Vilas-Boas (2011, p. 12),

Com uma renda familiar per capita limite de apenas R\$140,00 o programa bolsa-família atende a mais de 12 milhões de famílias e o Benefício de Prestação Continuada (BPC), que é limitado aos indivíduos com 65 anos ou mais e às pessoas deficientes com renda familiar per capita inferior a $\frac{1}{4}$ do salário mínimo vigente, atende a mais de 3 milhões de habitantes. De acordo com o IBGE, juntos, os dois programas beneficiam mais de 40% da população. Ambos os benefícios pertencem à política de assistência social brasileira, e ambos constituem programas focalizados – ou seja, atendem uma parcela específica da população – e tem como objetivo garantir um nível mínimo de renda ao público-alvo.

Enfim, constata-se que o contexto da pobreza realmente mudou. Através dos números, percebe-se uma mudança no perfil dos necessitados do país. E

este breve panorama da situação social relativa ao Brasil, sobretudo dos pobres, teve como intuito relacionar essa questão com a principal ação dos integrantes da Sociedade de São Vicente de Paulo, que é a visita domiciliar ao assistido, aos pobres.

Conforme observado no Conselho Central Sagrados Corações, sobretudo nas Conferências do Conselho Particular São Luiz Gonzaga, na maioria das vezes, além de suas obrigações em suas respectivas conferências, os vicentinos fazem visitas aos pobres ou “novos pobres”, em suas residências, e aos idosos em asilos. Assim, os confrades e as consócias estão se deparando com um novo excluído, com novas carências, nem sempre alimentares ou materiais, pois como já destacado, as demandas sociais atuais desafiam a entidade no sentido de lidar com as novas configurações dos pobres e excluídos e excluídas no Brasil. Há novas demandas, novas necessidades, novas procuras, novas visões, novas necessidades, novas urgências, novos auxílios.

Assim como dizia o Documento de Aparecida, apresentado anteriormente, o Papa João Paulo II, já alertava no início do novo milênio sobre as novas demandas da pobreza, na sua carta apostólica *Novo Millennio Ineunte* (2001, no. 50)

E o cenário da pobreza poderá ampliar-se indefinidamente, se às antigas pobreza acrescentarmos as novas que freqüentemente atingem mesmo os ambientes e categorias dotados de recursos econômicos, mas sujeitos ao desespero da falta de sentido, à tentação da droga, à solidão na velhice ou na doença, à marginalização ou à discriminação social. O cristão, que se debruça sobre este cenário, deve aprender a fazer o seu acto de fé em Cristo, decifrando o apelo que Ele lança a partir deste mundo da pobreza. Trata-se de dar continuidade a uma tradição de caridade, que já teve inúmeras manifestações nos dois milênios passados, mas que hoje requer, talvez, ainda maior capacidade inventiva. É hora duma nova « fantasia da caridade », que se manifeste não só nem sobretudo na eficácia dos socorros prestados, mas na capacidade de pensar e ser solidário com quem sofre, de tal modo que o gesto de ajuda seja sentido, não como esmola humilhante, mas como partilha fraterna.

Diante da fala do Papa João Paulo II, do Documento de Aparecida e da constatação de que boa parte dos necessitados brasileiros contam ou contavam até recentemente, antes das recentes aprovações nos direitos trabalhistas, com auxílios financeiros governamentais, pode-se inferir que a pobreza no Brasil adquiriu e adquirirá uma nova configuração. Não que a necessidade material tenha-se acabado. Como disse João Paulo II, à pobreza existente foram acrescentadas outras carências, ou seja, as necessidades mais urgentes não se concentram mais necessariamente apenas na alimentação. A globalização e a chegada do novo milênio trouxeram outros tipos de excluídos, sejam refugiados, drogados, depressivos, desaparecidos, portadores de doenças graves, desempregados, marginalizados, entre outros. E isso se apresenta como novos desafios para SSVP.

Conforme Gonçalves (2006), teria a SSVP membros com capacidades para lidar com as novas demandas? Há previsão de formação, no quadro de vicentinos, de pessoas capazes de enfrentar a nova cara da pobreza, da desigualdade e da exclusão?

3.1.2 - A SSVP e os desafios eclesiais e religiosos contemporâneos

Conforme já informado neste trabalho, o catolicismo se encontra em crise e isso ocorre por motivos internos e externos a instituição. De acordo com Soler (2013, p. 219), alguns dos motivos são “intra e extra eclesial: mudança cultural profunda, crise de identidade missionária da Igreja, crise de fé”. E como a SSVP é uma entidade católica, naturalmente, o desequilíbrio atinge a instituição, gerando alguns desafios.

É possível dizer que um dos motivos da crise que o catolicismo atravessa é uma drástica mudança cultural. O cristianismo já passou por outras mudanças, mas o que chama atenção da atual crise, de acordo com Soler (2013), é a diminuição da influência do catolicismo na cultura de modo geral. A fala de líderes da igreja católica não mais repercute na sociedade, a indiferença se torna latente, a religião não exerce mais um papel de protagonismo, se

tornou apenas uma voz, entre outras: "Parece que, efetivamente, vamos nos aproximando de uma época onde a cultura já não é mais católica, nem cristã, nem sequer univocamente religiosa" (SOLER, 2013, p. 226).

No documento do Conselho Episcopal Latino Americano - CELAM (2007), observa-se a falta de traquejo da igreja católica em adaptar o seu discurso para se fazer ouvida nas sociedades pós-modernas, onde o pluralismo social e cultural estão em evidência. Com isso, percebe-se a ausência do catolicismo nos meios acadêmicos e na elaboração da cultura, do conhecimento. Pedro Ribeiro de Oliveira observa

Diferentemente dos anos 1960, quando os bispos eram objeto do respeito geral – mesmo quando se discordava de seus posicionamentos políticos –, hoje a maioria do episcopado é formada por figuras de pouca importância na sociedade, que restringem sua ação aos espaços dos templos e das cúrias (OLIVEIRA, 2016).

Frente à diminuição da influência da igreja católica na sociedade, a SSVP se vê desafiada, pois à medida que o prestígio de líderes católicos diminuem perante às camadas da população, conseqüentemente, a divulgação do nome e do trabalho da entidade são menos apresentados. Como é uma instituição católica, a SSVP precisa contar com o sucesso do catolicismo e de seus expoentes para que fique em evidência.

Além das transformações culturais, Soler (2013) aponta como um dos motivos da crise da Igreja Católica, a deficiência na identidade missionária. O autor identifica lacunas dentro da própria Igreja, relativas a seus agentes e missionários que contribuem para o desequilíbrio da entidade. Três questionamentos são apontados. A primeira indagação é relativa à questão do testemunho. Conforme observado por ele, os testemunhos dos próprios religiosos andam tímidos, frágeis e sem motivação. A segunda versa sobre a conquista de fiéis pelos missionários, são apontadas dúvidas na relação que se deseja entre os eclesiásticos e os membros. Percebe-se, vez ou outra, uma tentativa de dominação, uma relação unilateral. Na terceira e última abordagem, o autor questiona a maneira com que são transmitidos os

ensinamentos da mensagem oficial da igreja. Observa que há a própria linguagem cria dificuldade de compreensão para os leigos.

O problema de falhas no trabalho missionário da Igreja foi bastante abordado pelos presentes na V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe, realizada em Aparecida do Norte, no ano de 2007 (Documento de Aparecida – DA, 2007). No documento final, há uma série de recomendações com o objetivo de renovar, estruturar e modernizar as pastorais urbanas. De acordo o DA (2007), foram recomendados: inteligência ao tratarem com as novas demandas de urbanização; muita disposição para anunciarem o testemunho da palavra de Deus; intensificação na formação e capacitação de leigos; perspicácia no tratamento com os novos necessitados urbanos (drogados, depressivos, encarcerados, hospitalizados, etc.); intensificação na implantação de novas paróquias e comunidades de fé nos grandes bolsões de misérias; entre outras.

Além de orientação para as novas pastorais, o DA (2007) elaborou orientações diretas aos agentes de pastorais e missionários. A eles são solicitados uma série de atitudes, de acordo com as novas demandas das cidades, tais como: presença nos centros de decisões das cidades, isto é, sindicatos, associações de bairros, grupos de jovens; desburocratização dos serviços eclesiais, procurando aumentar a quantidade de agentes das pastorais; ênfase nos serviços sociais da cidade, ou seja, no turismo, descanso, esporte, etc.; realização de grandes eventos religiosos que mobilizem toda a cidade, entre outras.

Através das orientações no DA (2007), direcionadas a novas pastorais e seus respectivos agentes, percebe-se que Igreja vê no trabalho missionário uma maneira de atenuar a crise pela qual atravessa. Ela pretende atuar em várias frentes na sociedade, com o intuito de melhorar, ampliar e intensificar o seu trabalho junto à população, com o objetivo de aumentar o número de adeptos. Portanto, é possível concluir que a deficiência no trabalho missionário também contribui de forma importante para o desequilíbrio da SSVP. Pois a

falta de testemunho junto a sociedade, faz com que a possibilidade de angariar novos membros se torne menos provável. Com a diminuição de membros nas Conferências Vicentinas, conseqüentemente, se reduz a quantidade de pessoas nos trabalhos junto aos assistidos e isso contribui para que o ânimo da entidade cada vez mais se arrefeça.

Gonçalves (2006) identifica uma deficiência no trabalho missionário dos vicentinos, percebe um comodismo na maioria e a falta de material humano para se encarregarem desse tipo de trabalho. Como se sabe, a participação dos membros da SSVV é totalmente voluntária, no entanto, contrariando a própria Regra, o autor chega a sugerir aos Conselhos Metropolitanos a contratação de funcionários para ficar apenas com essa incumbência, a tarefa missionária. Tal proposta do autor teria sentido se a proposta remuneratória fosse direcionada para os vicentinos que exercem atividades relacionadas à gestão de Obras Unidas ou Obras Especiais, pois são atividades-meio da instituição. Já a tarefa missionária, que se configura como atividade fim, não poderia ser remunerada, pois estaria ferindo às condições impostas pela Regra da instituição.

Tendo em vista as Conferências Vicentinas do Conselho Particular São Luiz Gonzaga, pertencentes ao Conselho Central Sagrados Corações, percebe-se que a atuação dos vicentinos se resume, em grande parte, à visita mensal em asilos. Não há formas de divulgação do trabalho, que fica restrito aos membros, pois os idosos e moradores de lares de longa permanência, de modo geral, não exercem funções fora deste local, muito menos possuem algum tipo de influência dentro da sociedade.

Em consonância às mudanças culturais e as deformidades na identidade missionária, Soler (2013) também atribui a crise eclesial, à crise de fé, ou ausência de uma fé evangélica. Conforme o autor, atreladas às causas culturais e institucionais está a debilidade de crença do próprio fiel, enquanto certeza absoluta de suas convicções religiosas. Para ele, a crise da Igreja está diretamente relacionada à crise de certeza de fé, por que para alguns fiéis, a

Igreja não mais consegue remetê-los a Deus, encontram dificuldades em equacionar a fé com a vida: “é certo que a fé cristã não desapareceu totalmente, mas também é certo que enfraqueceram a identificação institucional, as crenças e as práticas”. (SOLER, 2013, p. 225).

A SSVP parece viver esse processo. Ela se encontra em uma profunda crise de identificação por parte dos seus membros, onde os mesmos estão perdendo o vínculo e o comprometimento com os valores fundamentais da entidade, tendo como um dos motivos a influência da Globalização (MOREIRA; SALVE, 2006). Após um estudo de caso, esses autores atestam:

O esquecimento gradativo dos mitos, valores, ritos e crenças leva qualquer organização a negligenciar sua cultura dominante, imprescindível para a sua perenidade. Sendo assim, a SSVP, além de presenciar o enfraquecimento da sua cultura dominante, prescinde de, por meio dessa, exercer o seu poder simbólico, oferecendo significados aos vicentinos e dando sentido às suas vidas. Perde-se uma grande oportunidade de moldar no dia-a-dia a aprendizagem, a socialização e o comportamento do indivíduo a ponto do interesse coletivo da SSVP tornar-se interesse pessoal. (MOREIRA; SALVE, 2006, p. 104 - 105).

Pedro Ribeiro de Oliveira (2016) aponta uma crise eclesial na Igreja Católica, que seria a redução da capilaridade social, ou seja, a falta de sintonia entre a base da igreja, representada pelas pastorais sociais, CEB's e outros movimentos, e a cúpula da Igreja, representada pelo corpo eclesiástico. Ele utiliza o termo capilaridade social para explicar que para uma árvore dar frutos e se manter viva ela precisa contar com a função vital de suas raízes, que adentram o solo, absorvem os nutrientes necessários e os leva até a copa para a sua sobrevivência. Sendo assim, Oliveira (2016) enxerga dessa forma as funções das pastorais sociais, já que "elas penetravam o tecido social brasileiro e funcionavam como artérias de ligação entre as bases populares e os dirigentes eclesiásticos".

Até meados do século XX, conforme Oliveira (2016), essa capilaridade era sustentada pelos grupos de santificação pessoal, devido ao bom número de integrantes, tais como Apostolado da oração, Congregação Mariana, a

própria SSVP, dentre outros. Porém, com a chegada da modernização essas associações perderam fôlego e a quantidade de membros diminuiu, como se discutiu no capítulo segundo desta dissertação. A partir anos de 1970, a capilaridade social passou a ser protagonizada pelas CEB's e pastorais sociais, com atuações, principalmente, nas periferias das grandes cidades e nas áreas rurais.

Contudo, ainda de acordo com Oliveira (2016), com o objetivo de enfraquecer algumas das reformas propostas pelo Concílio Vaticano II (1962 - 1965), a Igreja através dos pontificados de João Paulo II (1978-2005) e Bento XVI (2005-2013) implementou um projeto de restauração identitária, cujo o objetivo era fazer com que a Igreja focasse mais na questão religiosa e deixasse de intensificar nas transformações sociais. Conforme Baptista (2016), a partir dos anos 80, teólogos e teólogas voltados aos movimentos sociais, sobretudo aos da Teologia da Libertação, sofreram perseguições e tiveram desentendimentos com a ortodoxia do Vaticano. O autor cita o episódio do teólogo Leonardo Boff, que teve problemas com Roma, devido à publicação do livro *Igreja, carisma e poder*, lançado em 1981.

De acordo com Faustino Teixeira (2010), o Concílio Vaticano II foi um dos movimentos mais importantes do cristianismo contemporâneo, o qual se destacou pelo seu objetivo pastoral e as posições de abertura e de diálogo com a modernidade, ao contrário dos antecedentes. Conforme Libanio (2005, p. 26-27)

Diferentemente dos concílios anteriores, o Vaticano II não pretendeu tomar posições dogmáticas definitórias nem condenatórias, mas intensificar o diálogo com o homem e a mulher de hoje, lançando ponte para o mundo contemporâneo em nítido contraste com as posições conservadoras de Gregório XVI (1831-1846) e de Pio IX (1846-1878), que conflitavam fortemente, com a modernidade.

No entanto, para Faustino Teixeira (2010), o clima de renovação e comunhão, não era compartilhado por todos, havia grupos, em menor quantidade de pessoas, avessos às inovações. Contudo, levando em consideração alguns dos movimentos dentro da Igreja Católica, que

começaram da base e acabaram sendo acatados pela cúpula, como as CEB's e as Pastorais Sociais, as propostas renovadoras do Concílio conseguiram enfrentar as querelas e as resistências e foram implantadas pelo mundo e legitimadas.

Porém, de acordo com Oliveira (2014), com a eleição de João Paulo II, em 1978, a Igreja começou a impor o processo de restauração Identitária, que propunha uma interpretação do Concílio Vaticano II semelhante ao Concílio Vaticano I, ou seja, concebendo o Papa como autoridade soberana e absoluta frente ao catolicismo. Oliveira (2016) conceitua assim, o movimento da restauração identitária:

Esse conceito refere-se a um conjunto de medidas que reforçam a centralidade romana em detrimento da presença diversificada no mundo. As medidas mais importantes foram: (i) nomeação de bispos alinhados a essa orientação centralizadora para as dioceses mais importantes, (ii) a adoção do Código de Direito Canônico, reformado pela Cúria, como norma pastoral para todas as dioceses, (iii) a adoção do Catecismo da Igreja como norma doutrinal, (iv) o retorno do modelo de seminário exclusivo para a formação do clero, (v) normas litúrgicas para coibir inovações posteriores ao Concílio e (vi) apoio a Movimentos Religiosos de santificação pessoal. (OLIVEIRA, 2016).

Com isso, ainda conforme Oliveira (2016), tal projeto fez com que a instituição eclesiástica se tornasse mais centralizada, com irrestrito poder do Papa, dos padres e suas respectivas paróquias, diminuindo consideravelmente o poder de decisão dos bispos, além de privilégios a leigos e leigas, principalmente aqueles(as) que se preocupavam com sua santificação pessoal. Na verdade, segundo Pedro Ribeiro de Oliveira (2014), em outra análise,

Esse projeto encontrou apoio em Movimentos eclesiais como Opus Dei, Comunhão e Libertação, Focolare, Neocatecumenato, Renovação Carismática Católica e outros de menor alcance mundial. O arco de alianças formado pelo Papa, a Cúria Romana, os bispos de sua confiança em dioceses chaves, e os Movimentos eclesiais passou então a difundir sua própria interpretação dos documentos promulgados pelo Concílio como sendo a única interpretação autêntica, ao mesmo tempo que desqualificava qualquer divergência. (OLIVEIRA, 2014).

De acordo com Oliveira (2016), com a renúncia de Bento XVI, as determinações impostas pelo projeto de restauração identitária perderam o ímpeto, mas não o suficiente, para ressurgir algumas das inovações iniciadas pelo Concílio Vaticano II, tais como: "a atitude ecumênica e inter-religiosa, a Teologia da Libertação, as Comunidades Eclesiais de Base, os organismos colegiados, a liturgia inculturada, a renovação da vida religiosa, a abertura dos seminários, e outras" (OLIVEIRA, 2014). Por isso, na opinião de Oliveira (2016), a Igreja Católica vem perdendo o poder de capilaridade social, embora o Papa Francisco venha, aos poucos, tentando fazer voltar a ordem do dia as inovações libertadoras apresentadas pelo Concílio Vaticano II. Para Oliveira (2017), o Papa Francisco está causando um certo abalo nos pilares da Igreja Católica, pois está retirando, aos poucos, a figura centralizadora e a infalibilidade do Papado, está se mostrando uma Papa mais acessível e maleável.

Ainda de acordo com Oliveira (2017), o Papa Francisco trabalha no projeto da Igreja em saída, ele postula a saída da Igreja da sacristia para ocupar lugares onde o povo se encontra, sobretudo os mais pobres, independente da confissão religiosa, perfazendo uma parceria com os movimentos sociais, sempre respeitando a laicidade destes movimentos. Na Encíclica *Laudato Si'*, o Papa Francisco demonstra a sua preocupação com o social, a terra, a morada, com as gerações futuras, com os excluídos. Sua fala direciona-se não apenas aos católicos, mas a todos os seres humanos, visando o bem comum da sociedade. Para atingi-los, pretende partir dos pobres, como bem observa:

158. Nas condições atuais da sociedade mundial, onde há tantas desigualdades e são cada vez mais numerosas as pessoas descartadas, privadas dos direitos humanos fundamentais, o princípio do bem comum torna-se imediatamente, como consequência lógica e inevitável, um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres. Esta opção implica tirar as consequências do destino comum dos bens da terra, mas [...] exige acima de tudo contemplar a imensa dignidade do pobre à luz das mais profundas convicções de fé. Basta observar a realidade para compreender que, hoje, esta opção é uma exigência ética fundamental para a efetiva realização do bem comum (FRANCISCO, 2015, n; 158).

Conforme Oliveira (2016), os movimentos de santificação pessoal fazem parte daqueles setores, que são auxiliados pelo núcleo ortodoxo da Igreja Católica, no sentido de se manterem aliados as medidas implantadas pelo projeto de restituição identitária. São grupos religiosos, de leigos e leigas, interessados na salvação pessoal de seus integrantes. Como se sabe, a Sociedade de São Vicente de Paulo é um movimento de santificação pessoal, isto é, que visa a salvação de seus membros, formado por leigos e leigas. Pode-se enquadrá-la na análise de Pedro Riberio de Oliveira? Estaria a entidade alinhavada com o projeto de uma Igreja mais centralizadora, voltada para o campo eclesial religioso? Em princípio, pode-se responder que não, pois o carisma da entidade afirma: "servir a Cristo na pessoa dos mais pobres" (GONÇALVES, 2016, p. 35). Percebe-se que o carisma tem a ver com o encontro com o necessitado, voltado para o trabalho de ação, fora da Igreja como templo. O vicentino exerce a sua função no lugar onde o assistido se encontra, seja em sua residência, na cadeia, em asilos, em hospitais, nas ruas e etc. O intuito é auxiliar o assistido na sua promoção espiritual, social e material, perfazendo assim uma instituição com objetivos de atuar justamente contra as injustiças sociais.

Com isso, é possível dizer que para a SSVP a refundação das CEB's e das pastorais sociais, conforme sugerido por Oliveira (2016), e a inspiração nesses movimentos, seria de vital importância para a irrigação e renovação da entidade. Pois, na essência, tais movimentos são semelhantes, isto é, lutam por uma sociedade mais justa e fraterna através de intervenções, sobretudo, na base da pirâmide social. Desta forma, se torna fácil perceber que a perda da capilaridade social na Igreja é um desafio contemporâneo para a Sociedade de São Vicente de Paulo, já que a sua atenção também está direcionada para as classes populares, haja vista a proposta ou projeto 'Mudanças de Estruturas' desenvolvido por todos os ramos da Família Vicentina, entre eles a SSVP. Conforme já apresentado no primeiro capítulo, o projeto visa empreender mudanças justamente nas estruturas que proporcionam a desigualdade social, instrumentalizando os necessitados com estratégias de melhoria e transformação de suas condições de vida.

3.2 A formação, a pedagogia e a conquista dos jovens para o carisma vicentino: desafios metodológicos

Este tópico se divide em duas partes. Na primeira se analisa as formas de admissão dos novos integrantes na SSVP. Depois, uma rápida abordagem sobre o tema da caridade, as tarefas, obrigações e deveres dos vicentinos dentro da instituição. Na segunda parte do tópico, cujo o tema central são os jovens, serão apresentadas algumas das tendências atuais deste segmento e como a SSVP pretende conquistá-los para o seu carisma.

3.2.1 A avaliação da metodologia da SSVP à luz da sociedade contemporânea

No Regra da SSVP, aborda-se como objetivos a serem alcançados pela entidade, a atenção para as mudanças da sociedade, as novas demandas do mundo moderno e a inovação. Conforme a Sociedade de São Vicente de Paulo (2015, p. 17): "Fiel ao espírito dos seus fundadores, a Sociedade esforça-se por se renovar sem cessar e por se adaptar às condições de mudança dos tempos. Ela quer estar sempre aberta às mutações da humanidade [...]". Nesta afirmação, pode-se perceber três orientações: renovação; adaptação e abertura diante das necessidades dos novos tempos. São atitudes vitais para a sobrevivência de qualquer associação, mormente as religiosas, mas é importante analisar se tais procedimentos são seguidos pela SSVP no que tange a sua metodologia e ação.

Como uma entidade que se preocupa com a renovação de novos associados, pois "a procura de novos membros para as Conferências é um dos deveres dos confrades/consócias" (SOCIEDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO, 2015, p. 186), é importante averiguar se as orientações para a captação de novos integrantes indicam maior flexibilidade ou se a mantêm de forma engessada.

Como já informado neste trabalho, para se tornar aspirante a membro da SSVP, o candidato impreterivelmente deve ser católico; ter a primeira eucaristia; desejo de praticar caridade; condições mínimas de contribuir financeiramente; estar em situação regular de matrimônio. Caso ele não esteja em situação regular de casamento, mas tenha um desejo muito enfático de se tornar vicentino, deve passar por uma por severa avaliação e, em alguns casos, ter sua avaliação analisada pelo bispo local; se liberado, entrará para a entidade como colaborador, sem nunca poder assumir cargos. Quanto aos outros candidatos, uma vez adquirido o direito de frequentar as reuniões, no início será considerado aspirante e depois de um tempo de estágio, desde que tenha concluído o modelo básico da Escola de Formação Frederico Ozanam - ECAFO, ser for consenso entre os membros da Conferência Vicentina, se tornará vicentino.

Desde que a Conferência Vicentina siga à risca as exigências da Regra para a admissão de membros, percebe-se que as exigências não são condizentes com a realidade atual, num contexto onde existem vários modelos de família e variadas formas de casamento. Identifica-se condições até certo ponto absurdas e muito criteriosas para a aceitação de aspirantes. Na própria Regra observa-se, Conselho Nacional do Brasil (2015, p. 186) que "É importante que se mencionem as cautelas que devem ser seguidas pelos membros ativos no trabalho de recrutamento". A confessionalidade católica e a primeira eucaristia são condições aceitáveis, pois, embora independente da Igreja Católica, a SSVP é associação cristã. Mas pode-se perguntar se a SSVP não poderia se abrir numa atitude ecumênica e inter-religiosa?

A triagem em relação ao matrimônio, rigorosa, por sinal; as condições financeiras apropriadas e a participação em várias atividades destinadas aos venticinos já antigos; podem significar barreiras para a integração de novos membros, especialmente os jovens. Essa criteriosa avaliação não estaria contribuindo para a crise de falta de membros pela qual a entidade atravessa?

Conforme apresentado no segundo capítulo deste trabalho, a situação matrimonial no Brasil se encontra diferente em relação à organização familiar tradicional de outrora. A realidade apresenta diversas configurações de família. Ao comentar sobre as novas relações familiares, Giddens (2002, p. 67) afirma:

Os detalhes variam de uma sociedade para outra, mas as mesmas tendências são visíveis em quase toda parte no mundo industrializado. Só uma minoria vive hoje no que poderia ser chamado de a família padrão da década de 1950 - ambos os pais morando juntos com os filhos nascido de seu casamento, sendo a mãe uma dona-de-casa em tempo integral e o pai assegurando o sustento. Em alguns países, mais de um terço de todos os nascimentos ocorrem fora do matrimônio, enquanto a proporção de pessoas que vivem sozinhas elevou-se verticalmente e parece tender a crescer ainda mais.

Em consonância ao exposto, conforme o site Portal Brasil (2015), em dez anos - de 2004 a 2014 - a quantidade de divórcios no país aumentou cerca de 160%. Só no ano de 2014, a quantidade de casais divorciados chegou a cifra recorde de mais de trezentos e quarenta mil separações conjugais. Conforme Giddens (2002), numa sociedade democrática, na qual a luta por direitos, por vários segmentos, é almejada, e, na maioria das vezes, conquistada, a tendência é que os valores da família tradicional se esfriem: "A igualdade dos sexos e a liberdade sexual das mulheres [...] são incompatíveis com a família tradicional" (GIDDENS, 2002, p. 74). Portanto, a exigência de um matrimônio ordinário, conforme os costumes anteriores, também pode significar uma barreira na tentativa da SSVP renovar seus quadros de integrantes.

No quesito que se exige ao aspirante condições mínimas de auxílio e que esteja em condições de não ser ajudado, a regra (SSVP 2015, p. 186) diz: "Não se exige fortuna do candidato [...], porém, não deve aceitar quem não pode ajudar". Observa-se mais um critério com características excludentes. Essa medida acaba por afastar, muitas vezes, aqueles que talvez possam trazer importantes contribuições para a entidade, pois, o desejo de atuar na caridade, em muitos casos, pode surgir em quem já passou ou esteja passando por dificuldades básicas. E essas pessoas são capazes de ser solidárias e

atuarem junto aos seus necessitados. Muitas vezes, necessita-se passar pela situação de falta para se ter noção da realidade do outro.

Por exemplo, Novaes (2007) pesquisou as ações de dois Conselhos Centrais da cidade de Rio de Janeiro. Ao perceber que ambos se localizavam na periferia, a autora quis saber como era o trabalho dos assistentes para com os assistidos, já que estavam em condições sociais semelhantes. Numa dessas conferências, localizada no bairro pobre chamado Paciência, ela percebeu que os jovens vicentinos arrecadavam junto à população alimentos, roupas, material de construção e dinheiro. E durante as reuniões da conferência eles decidiam o que seria destinado a cada família previamente cadastrada. E também foi observado pela autora que a ajuda não era apenas material, pois os jovens voluntários também orientavam os assistidos sobre cursos profissionalizantes, informações sobre locais para emissão de documentos, auxiliavam com dinheiro para a procura de emprego, entre outras ações, na tentativa de melhorar as condições sociais dessas pessoas.

E também se percebe que a ajuda material nem sempre é a mais importante. Em muitas ocasiões e situações, o cidadão pode não contribuir materialmente, mas pode interferir com sua mão-de-obra, por exemplo. Mesmo por que, conforme já informado, existem novas formas de necessidades nas sociedades contemporâneas. Conforme a própria Regra (SSVP, 2015, p. 17): "Os vicentinos dedicam-se a procurar e encontrar as pessoas que são vítimas do esquecimento, da exclusão e da adversidade." Sendo assim, tal cláusula na admissão de aspirantes, pode não estar muito de acordo com as reais necessidades dos tempos atuais.

Outra norma dirigida ao aspirante é sobre a atuação em praticamente todas as atribuições dos confrades/consócias mais antigos. Entre elas: frequência nas reuniões semanais, visitas aos assistidos, comparecimento nas festas regulamentares e missas especiais, participação nas atividades promovidas pelos Conselhos etc. Para um iniciante, percebe-se que são muitas obrigações ao mesmo tempo. Isso pode ocasionar a desistência do candidato.

Falta pedagogia de acolhimento e pouca abertura para formas diversas de participação, ainda mais numa época em que o tempo é um problema para quase todo mundo. Conforme a Regra, exige-se todas essas atividades do aspirante para que ele se acostume com a rotina da entidade, tenha realmente certeza do seu desejo e também para que ele seja observado pelos membros da Conferência Vicentina. No entanto, não seriam tarefas demais para quem se inicia? Na verdade, como será abordado a seguir, (depois da reflexão acerca da caridade, são muitas atividades até mesmo para quem já é integrante há mais tempo.

No decorrer da reflexão sobre as exigências para os novos aspirantes, mas também na crítica ao assistencialismo da SSVP, foi utilizado um termo, no mínimo controverso, que é a caridade. Sendo assim, antes de prosseguirmos, torna-se importante algumas considerações sobre isso.

A Regra da SSVP acolhe assim a atitude de caridade (CONSELHO NACIONAL DO BRASIL, 2015, p. 16): "Nenhuma forma de caridade é estranha à Sociedade. A sua ação abrange qualquer forma de ajuda, tendo em vista aliviar o sofrimento ou a miséria e promover a dignidade e integridade do homem em todas as suas dimensões". Pela citação, percebe-se o desejo de acolhida de todo e qualquer tipo de caridade, não só a emergencial, mas também a promocional.

No entanto, conforme Cláudia da Silva (2006), o conceito de caridade, pelo menos no Brasil, passou por algumas discordâncias e controvérsias. Conforme a autora, na visão cristã de caridade, até por volta da década de 60, ela era identificada como um ato de amor fraterno, direcionado aos necessitados. Que os praticantes, geralmente cristãos, impulsionados pela vontade de servir, exerciam sem visar nenhum tipo de recompensa material em troca, enxergavam-na como um dever cristão.

Porém, continua a autora, com a guinada de boa parte da Igreja na América Latina, devido a diversos movimentos sociais, políticos e libertários, o

conceito de caridade ganha um viés libertador, no sentido de transformar a realidade presenciada. Para Souza (2007, p. 149), a mudança na igreja na década de 60-70 se deu por que " se desenvolveu a Teologia da Libertação, motriz ideológica de mudanças na Igreja e na sociedade abrangente." Importante salientar que a antiga visão de caridade não deixou de ser comungada por muitos eclesiásticos. O que na verdade ocorreu foi o início de um certo embate entre os que acreditavam num tipo de caridade mais conservadora, tradicional e outros que creditavam à caridade o início para a transformação social dos necessitados, fruto do clima ideológico da época.

Anos mais tarde, no início dos anos 2000, de acordo com Cláudia da Silva (2006), após entrevistar coordenadores de pastorais, como também os padres, acerca da ideia sobre a caridade, a autora percebe um discurso semelhante. Atestam a importância emergencial, mas reafirmam a necessidade da caridade possuir características transformadoras das realidades das quais estejam inseridos os necessitados.

Libanio também não enxerga caridade apenas com olhos afetivos de assistência social. O autor percebe assim a ação caridosa:

Uma caridade praxica que implica numa análise objetiva da realidade e num colocar-se do lado de um dos pólos conflitivos. A caridade é conversão e esta passa, freqüentemente, pela experiência dura e dolorosa do conflito. Somente assumindo o conflito na sua rudeza, o homem é capaz realmente de amar com objetividade. O conflito pode ser uma mediação da caridade, pois somente através dele consegue-se criar condições objetivas de justiça e de amor para uma classe, para muitos seres humanos. (LIBANIO, 1982, p. 139).

Para Cláudia Silva (2006), a partir das décadas de 80 e de 90, o Estado Brasileiro, atrelado às políticas neoliberais, começa a passar por uma reorientação política: a ideia do mercado ser o regulador passa à ordem do dia e algumas privatizações são recomendáveis. Sendo assim, aos poucos o Estado abre mão de suas responsabilidades para deixar as mazelas sociais por

conta dos voluntários, eximindo de sua obrigação, enquanto direito dos cidadãos. "O Estado, para implementar essa política neoliberal, entre outras medidas, apropria-se da ideia de cooperação solidária entre indivíduos e grupos sociais e passa a utilizá-la como instrumento para livrar-se da pressão da sociedade civil [...]" (SILVA, 2006, p. 341). Com isso, mesmo diante da falta de voluntários, pois estavam assumindo o papel do Estado, os que persistiram nas pastorais, nos grupos religiosos, continuaram com o discurso de caridade com objetivos de mudanças nas estruturas dos pobres, de promoção social.

No entanto, ao se deparar, através de pesquisas nos anos de 1999 a 2003, em Londrina, com os ajudados pelas pastorais e grupos religiosos, Claudia Silva (2006) percebeu que na maioria das vezes, as mudanças sociais estruturais de fato, pregadas pelos agentes das pastorais, não impactaram na vida dos excluídos. Ela percebeu que os auxílios não avançaram para além de ajudas emergenciais e imediatas. Que muitas vezes produziram entre os ajudantes e os ajudados uma relação vertical de dependência e submissão. Ela conclui, dessa forma, que "o trabalho voluntário não tem por objetivo a superação das precárias condições socioeconômicas dos indivíduos, mas apenas a atenção a uma situação emergencial" (SILVA, 2006, p. 346).

De todo modo, essa reflexão da autora e de Libanio servem para explicitar algumas das concepções de caridade, presentes no Brasil nas últimas décadas, sobretudo na visão das pastorais sociais e grupos religiosos católicos, e também servir de provocação à SSVP.

Retornando a questão metodológica da admissão de membros na entidade, após refletirmos sobre as exigências e as atividades dirigidas aos aspirantes, é importante entender as atribuições dos vicentinos propriamente ditos. Além das atividades já apresentadas para os aspirantes, que também são da alçada dos membros efetivos, exige-se: participação de assembleias deliberativas e demais eventos vicentinos; a procura de colaboradores financeiros; participação dos eventos, dentre outras tarefas. E tudo sempre de forma totalmente voluntária, não tendo o direito a qualquer tipo de remuneração

ou ajuda de custo. Conforme a Regra: "No desempenho voluntário de suas funções os Associados não terão direito a salários, indenizações, benefícios, compensações ou remunerações de qualquer espécie ou natureza" (SSVP, 2015, p. 98).

Somando-se a todas essas atividades, deve-se chamar a atenção para os que assumem cargos dentro das próprias Conferências Vicentinas, Obras Unidas ou Unidades Auxiliares, pois Ihe são aumentadas consideravelmente as responsabilidades. Por exemplo, entre direitos e deveres, um membro de diretoria de Conselho - independente do nível, ou seja, em Conselho Particular, Conselho Central, Conselho Metropolitano ou Conselho Nacional do Brasil - acumula diversas funções, já que os Conselhos são "chamados a criar novas Conferências, ajudar na expansão das já existentes, encorajar obras especiais, preparar e encorajar os vicentinos para assistir a cursos de formação [...]" (SSVP, 2015, p.24), dentre outras incumbências.

Gonçalves (2006, p. 93), questiona assim, a quantidade de tarefas a serem exercidas pelos aspirantes, vicentinos e membros com cargos de diretoria

Assim, se somarmos o tempo gasto com reuniões de Conselho, o tempo da própria conferência, reuniões de Secretários-Tesoureiros, Comissões de Jovens, da ECAFO, Obras Unidas, DECOM, torneios, Gincanas, etc, etc, etc,...mais o tempo que nós leigos precisamos para dedicar a nossa família, nosso trabalho, nosso afazeres pessoais x tempo dedicado ao mergulho em nossa Espiritualidade, principalmente através da Oração, quanto sobrou?

Ainda, tendo em vista a questão da metodologia implantada dentro da SSVP, Marques de Lima (2015), questiona sobre a eficiência e praticidade das reuniões dos Conselhos, sobretudo as dos Particulares, tidos por muitos como os mais importantes da entidade, por serem próximos às Conferências Vicentinas. O autor identifica, em muitos casos, encontros poucos proveitosos, burocráticos e com ênfases em estatísticas e relatórios. Ele sente falta de assuntos mais estratégicos e motivacionais para a atuação dos membros.

Conforme já informado, antes de ser proclamado vicentino, ao aspirante é obrigatório um cursinho básico sobre a entidade, oferecido pela Escola de Capacitação Frederico Ozanam - ECAFO. Geralmente, o curso tem a duração de quatro horas e é ministrado em um dia. O conteúdo a ser tratado é retirado de uma apostila, cujo o nome é *Formação Básica*, e que contém conhecimentos que a entidade julga como fundamentais, dos quais o candidato deve tomar conhecimento antes de entrar de fato na associação.

Os ensinamentos deste curso são repassados de maneira impositiva, tradicional e superficial. Não se percebe uma pedagogia inovadora, com a participação dos alunos, na tentativa da construção da aprendizagem. Afinal, quando o "[...] conhecimento é entendido como algo acabado, pronto, encerrado em si mesmo[...]" (CORTELLA, 2000, p. 101), torna-se algo enfadonho, de difícil compreensão e desinteressante para quem pretende aprender. Conforme Paulo Freire (1997), para que o conhecimento aconteça, de maneira dialógica, participativa e construtiva, é necessário ao professor/instrutor/educador libertar-se de suas verdades e dogmas, e produzir uma educação significativa, concebendo o educando como sujeito e também como quem educa.

A formação de membros da SSVP é realizada através de módulos, de forma permanente, complementar, como também na prática do dia a dia na instituição. A escola de capacitação Frederico Ozanam - ECAFO, que é a responsável pela transmissão da teoria, é vinculada aos Conselhos Centrais, Metropolitanos e Nacional, e apresenta o seu conteúdo dividido em módulos.

Essa formação básica para o aspirante (4h) não é suficiente para munir os candidatos de conhecimentos essenciais. Lima (2015), atual presidente mundial da SSVP, também atribui a falhas durante a formação, a ausência de vicentinos nas obrigações das instituições. Conforme o autor, devido à rapidez no processo de formação do aspirante, alguns preceitos básicos ficam de fora, causando a falta de compromisso dos novos integrantes. Ele até cria um termo para designar tais integrantes: "vicentino de papel é aquele cujo nome consta

oficialmente na lista de componentes da Conferência, porém está sempre ausente, quer seja das reuniões semanais, quer seja nas visitas domiciliares" (LIMA, 2014, p. 40).

Silva (2015) enfatiza a importância de inculcar nos novos aspirantes as obrigações, deveres e atribuições dentro da SSVP ao ingressarem na entidade. Destaca a importância da formação dos novos aspirantes, visto que a presença nas atividades oferecidas pela instituição desenvolve nos adeptos o sentimento de pertença e integração em torno da SSVP. E questiona a discrepância entre a quantidade de vicentinos constantes nos relatórios e a presença efetiva de membros nas festas regulamentares, por exemplo. Mas como esse modelo, com esse conteúdo burocrático e normativo? Com essa pedagogia?

No Regulamento, em seu artigo 18, item VI, consta como um dos deveres dos associados "participar das festas regulamentares e demais eventos vicentinos" (SSVP, 2015, p. 98). Na verdade, o que ele solicita nas entrelinhas é para que os dirigentes da ECAFO, durante o curso de apresentação da entidade para os aspirantes, sempre foquem sobre a importância e a obrigação de seguirem as normas da Regra. E qual é a qualidade dessas festas e liturgias, sua criatividade e linguagem, a participação e envolvimento dos jovens?

Uma vez integrado dentro das fileiras, o vicentino no decorrer de seu trabalho dentro da entidade deve frequentar capacitações de formação oferecidas pela ECAFO, que geralmente são vinculadas aos Conselhos Centrais, no intuito de aprimorar os conhecimentos, perseverar sobre o carisma da entidade, se atualizar em relação ao andamento da SSVP, formação espiritual, entre outras. A ECAFO possui um curso dividido em doze módulos que deve ser periodicamente lecionado aos confrades e consócias. O acesso a esses módulos, dividido em apostilas, pode ser feito através de diversas formas: pelo site da entidade, por compra pelos correios e nos Conselhos Metropolitanos.

Desta forma, este tópico teve como objetivo refletir sobre algumas práticas da Sociedade de São Vicente de Paulo com o intuito de identificar se a instituição se apresenta com características de abertura para as novas configurações da sociedade atual. Foram analisadas a admissão de novos integrantes, as obrigações referentes aos vicentinos, alguns deveres de quem exerce cargos de diretoria, alguns aspectos da formação e por último, as reuniões dos Conselhos. E levantamos diversos questionamentos a esses processos.

Embora a SSVP oriente a seus membros a realizar um amplo trabalho missionário, desde que procurem cumprir os mandamentos da Regra, as Conferências Vicentinas encontram dificuldades para se renovar, pois se percebe, nas exigências, uma inflexibilidade quanto às novas situações das pessoas nos dias atuais, como também uma quantidade excessiva de atividades para quem se inicia e para quem já está na instituição. As tarefas elencadas para os vicentinos efetivos representam também um peso importante de deveres que, se forem levados a cabo, demandam tempo e até um desgaste físico e psicológico na vida do integrante. E ainda há aqueles(as) que assumem cargos de diretoria dentro da instituição, ocasionando um maior nível de compromisso, quase que de dedicação exclusiva para a entidade.

Outros aspectos que podem ser observados na formação dos novos membros, no processo realizado pela ECAFO, ou que afetam os antigos membros, através das reuniões dos Conselhos e Conferências, dizem respeito à objetividade, funcionalidade e falta de foco. Não há inovação pedagógica, com processos cansativos e já superados de comunicação.

Em virtude dos fatos apresentados, é possível inferir que a Sociedade de São Vicente de Paulo ainda se encontra com amarras no que se refere a sua receptividade para inovações, adaptações e acolhimento dos tempos atuais. Sendo assim, principalmente nos dias de hoje, nos quais, as demandas de tarefas pessoais aumentaram para todos os segmentos da população, provavelmente será cada vez mais difícil para a SSVP angariar adeptos,

sobretudo de jovens, para assumir as atividades e cargos dentro da instituição. Haja vista, conforme já exposto, a tentativa, a nosso ver infrutífera até a curto prazo, de alteração da idade limite para se assumir cargos de presidência dentro da entidade, de 70 para 81 anos de idade. Isso mostra uma entidade, infelizmente, envelhecida.

3.2.2 SSVP e a juventude: o futuro do carisma vicentino

Conforme Baptista (2014), estudos recentes sobre a juventude a compreendem sob dois novos aspectos. Primeiramente, recomenda-se ir além da questão cronológica, devido aos outros e variados aspectos que também devem ser interpretados, tais como a sexualidade, cor/raça, religiosos, sociais, entre outros. E o outro aspecto, aponta para crítica à visão de homogeneidade da juventude: há juventudes. Emergiram na sociedade diversas culturas juvenis, tribos e grupos que sugerem um grupo heterogêneo.

No entanto, do ponto de vista etário, "compreende-se que jovem é aquele que tem entre 15 e 24 anos [...]. O Estatuto da Juventude brasileiro [...] ampliou esse intervalo para 15 a 29 anos: jovem adolescente (15 a 17); jovem-jovem (18 a 24) e jovem adulto (25 a 29 anos)" (BAPTISTA, 2014, p.23).

A presença de jovens nas Conferências Vicentinas cai a cada dia. Um dos grandes desafios da Sociedade de São Vicente de Paulo hoje é atrair os jovens para a associação, pois neles estariam as chances de renovação. Até existem Conferências de Adolescentes, mas isso não seria tarefa apenas para eles. O esforço deve ser em conjunto, abrangendo toda a entidade no sentido de criar mecanismos para atrair a juventude para as fileiras da SSVP.

A vida do jovem contemporâneo é atribulada, com variadas ofertas de informações, uma série de apelos publicitários, com diversos desafios ao mesmo tempo, que exigem cada vez mais dinamicidade no palco da vida. Diante de toda essa gama de atividades, a SSVP encontra dificuldades para

atrair a atenção e o desejo dos jovens de se filiarem as suas Conferência Vicentinas.

Assim como as entidades que nutrem o desejo de operarem no futuro, a SSVP identifica na figura do jovem a forma de perenizar na sociedade, pois neles estão as chances de renovação. Na Regra da entidade é possível identificar artigos, orientações e citações cujo objetivos são fortalecer, incentivar e anunciar o trabalho dos jovens dentro da associação. Na Regra da entidade (SSVP, 2015, p. 130) recomenda-se o ingresso de crianças e adolescentes: "As Conferências de Crianças e Adolescentes serão compostas por membros na faixa etária de 8 a 15 anos, recrutados a partir da época de sua preparação para a Primeira Eucaristia e terão como objetivo o aprendizado Vicentino."

Também conhecidas como Conferências-Mirins ou Conferência-Escola, as Conferências de Crianças e Adolescentes (CCA), recomendáveis a cada Conselho Particular (CP), tem a pretensão de ser uma fonte formadora e de renovação de novos vicentinos. As obrigações e deveres dentro de uma CCA são semelhantes a uma Conferência Vicentina de adultos. Também há regras para a admissão dos integrantes mirins e muito trabalho a ser desenvolvido. As CCA's seguem um manual exclusivo para essas Conferências, chamado: "Manual de Orientação para as Conferências de Crianças e Adolescentes". Para que tudo ocorra bem, toda CCA deve contar com o trabalho de um Orientador, já proclamado vicentino, indicado pelo Conselho Particular da qual a CCA esteja vinculada. Basicamente, este orientador tem a função de recrutar jovens, formá-los dentro dessas Conferências e depois entregá-los para as Conferências de adultos (ECAFO, 2011). E o mesmo problema pedagógico se repete. Tal manual não consegue dialogar com essas faixas etárias. Repete-se o mesmo erro que o catolicismo comete em sua catequese.

Embora a Sociedade de São Vicente de Paulo tenha sido criada por jovens, a juventude de fato, só começou oficialmente a participar da instituição no Brasil, de acordo com ECAFO (2011), apenas em 1966, na cidade de São

Paulo, com a criação do Comitê Central de Expansão, depois denominado Comissão de Jovens, no Conselho Central de São Paulo. Assim como as mulheres, os jovens encontraram dificuldades para adentrar a entidade, devido a uma certa resistência por parte de alguns membros antigos. No entanto, com a criação da Comissão dos Jovens também em outros Conselhos Centrais e Conselhos Particulares, em São Paulo e em outras partes do país, o movimento foi se solidificando na instituição até que no início dos anos 70, a Regra da entidade instituiu um artigo orientando a criação de Comissões de Jovens nos escalões da associação. Na visão de Maríngulo (2016), a Comissão de Jovens (CJ) ao longo de cinquenta anos de trabalho, através de encontros, jornadas, gincanas contribuiu para a expansão e atualização da SSVP, haja visto, muitos dos dirigentes de hoje dentro da entidade, foram integrantes da Comissão de Jovens nas décadas de 70 e 80.

Cada Conselho (Particulares, Centrais, Metropolitanos e Nacional), deve possuir uma Comissão de Jovens (CJ), conforme a Regra, Sociedade de São Vicente de Paulo (2015, p. 160) "entre as atividades específicas das Comissões de Jovens incluem-se a busca da santificação pessoal, o recrutamento de jovens e desenvolvimento a fraternidade, amizade e outros valores éticos." Cada CJ terá um coordenador escolhido pelo presidente do Conselho a qual esteja vinculada, com diversas atribuições e deveres. Assim como a CCA, a CJ tem um manual exclusivo e que deve ser seguido pelos integrantes, cujo o nome é: Manual de Orientação das Comissões de Jovens.

No entanto, mesmo com o suporte das Comissões de Jovens e das Conferências das Crianças e Adolescentes, a presença de jovens dentro da SSVP, anda em baixa, conforme informado anteriormente. Assim como analisado no tópico anterior, quando se refletiu sobre o ingresso de integrantes na entidade, percebe-se na tentativa de integração com os jovens, um modelo com conteúdo burocrático, normativo e desatualizado. Conforme Paiva (2017), justamente nessa época da vida, devido ao grande número de imposições do mundo moderno, é que ocorre grande evasão das fileiras vicentinas, pois é o momento de tomar decisões de caminhos a seguir, e conseqüentemente,

escolhas são feitas em prol de outras. Mesmo que na Regra oriente, Sociedade de São Vicente de Paulo (2015, p. 196) "É sumamente recomendável encarregar os jovens de tarefas específicas sem, entretanto, sobrecarregá-los demasiadamente." percebe-se que a SSVP acaba por exigir dos jovens e de seus coordenadores, tanto nas CCA's como nas CJ'S, uma importante quantidade de tarefas e atribuições que demandam uma vasta quantidade de tempo e dedicação.

Levando-se em conta a vida atribulada, dinâmica e cheia de obrigações dos jovens, de modo geral, os critérios indicados pela entidade, podem significar uma barreira de entrada e permanência da juventude dentro da SSVP. Por exemplo, devido a grande demanda de atividades pessoais, jovens universitários de duas faculdades brasileiras tiveram de se adaptar para exercerem seus papéis vicentinos. Na Universidade de Brasília (UNB), há uma Conferência Vicentina, formada por universitários, que se encontram na hora do almoço, por falta de outro horário e no Paraná, na cidade de Maringá, estudantes da Universidade Estadual de Maringá (UEM), arrumaram uma paróquia bem próxima a instituição de ensino e se encontram as 18:30h, das terças feiras, antes das aulas, para darem conta dos afazeres (TATIELLE OLIVEIRA, 2017).

Quando se olha de perto as regras e orientações destinadas a juventude, no Regulamento da entidade, além de uma grande diversidade de tarefas e demandas, percebe-se uma estrutura impositiva, conservadora e sem aberturas para o diálogo. Levando-se em consideração algumas das posturas dos jovens de hoje, como dinamicidade, polivalência, protagonismo, percebe-se um contraste com as pretensões ora ditadas na Regra. Conforme Sofiati (2013), as instituições religiosas estão atentas sobre a importância de recrutamento juvenil, porém, muitas não atribuem o devido valor as contribuições que podem ser dadas por esse segmento da sociedade. Pois, "o jovem é procurado para ser educado, evangelizado e sua experiência de vida é muitas vezes desconsiderada ou confrontada com um novo projeto de vida" (SOFIATI, 2013, p. 199).

E ainda há de se considerar sobre as complexidades culturais, econômicas, religiosas e profissionais, nas quais os jovens se deparam na realidade social. Libanio (2013), tendo em vista a prática pastoral da Igreja cristã, analisa algumas tendências vivenciadas pelos jovens com o intuito de entender onde elas podem ser confrontadas ou podem ser acordadas com a fé. O autor foca sua análise em algumas tendências sobre a juventude e "Elas se definem conforme eles se relacionam com o próprio corpo, com a dimensão psíquica, [...] e com a práxis vivida no interior de determinada cultura" (LIBANIO, 2013, p. 235). Esse estudo apresentado pelo autor, pode ser utilizado como chave interpretativa entre a relação da juventude e a SSVP.

Quanto ao corpo, Libanio (2013) identifica uma mudança cultural em relação a ele. Se outrora havia receio, renúncia e submissão, atualmente há um cuidado, cultivo, e ostentação, por parte das pessoas, principalmente pelos jovens. A procura pelo corpo, que se julga perfeito, exige tempos de dedicação, de sacrifícios e até mesmo, intervenções cirúrgicas. Muitas vezes incentivados pela mídia, que definem os padrões de beleza a serem alcançados, muitos jovens se lançam nessa empreitada de forma incisiva e destemida. Segundo a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica - SBPCP (2013), em quatro anos, de 2008 a 2012, o número de cirurgias plásticas entre adolescentes, de 14 a 18 anos, aumentou cerca de 141% no país. o Brasil ocupa o segundo lugar mundial em número de cirurgias plásticas, superado apenas pelo Estados Unidos. De acordo com o autor, o narcisismo se mostra presente na cultura jovem atual, o ideal não é apenas se contentar com a própria beleza, mas o foco está em causar a admiração dos outros, ser venerado. Afirma Libanio (2013, 239) "A geração jovem narcisista afirma com vigor a realidade do próprio corpo. Ela não só lhe realça a importância, como também o exterioriza de maneira incisiva e sarada. [...] Vale mais a aparência do que a consistência do existir".

Outra tendência apontada por Libanio (2013), relacionada ao corpo, trata-se do aumento considerável da vida tecnológica. Em contraste a modelação, do cuidado com o corpo, coexiste na sociedade, o descuido com o

mesmo, devido ao sedentarismo de parte dos jovens, proporcionados pelas horas intermináveis frente as mídias virtuais, conectadas a internet. Uma forma frenética de encarar a existência, por causa da quantidade de tarefas ao mesmo tempo, atesta Libanio (2013, p. 241) "Corpo sem silêncio, envolvido pelo ruído sem pausa". Embora sejam atividades múltiplas, na maioria das vezes, o corpo permanece inerte, parado. E ainda dentro dessa tendência, o autor chama a atenção para o avanço do corpo do espaço físico, pois, webcams, smartphones e similares, torna-se possível levá-lo a vários lugares ao mesmo tempo, em infinitas situações. Conforme a Agência Nacional de Telecomunicações - ANATEL, cerca de 60% dos jovens, entre 15 e 24 anos, estão conectados na internet (EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO, 2015).

Desta forma, para Libanio (2013) a tendência da juventude tem no corpo uma relação muito forte, colocando-o no centro da existência, e libertando-o de qualquer tipo de imposição ou culpa. Sendo assim, sabe-se que ao longo da história, o corpo foi submetido a repressões, muitas delas atribuídas ao cristianismo, "No mundo cristão, de várias fontes lhe veio certa tradição de desprezo, de minusculização do corpo (LIBANIO, 2013, p 243). Porém, continua o autor, a teologia moderna tem alterado sua perspectiva em relação a importância da valorização do corpo e acaba por se aproximar, guardadas as devidas proporções, com a perspectiva atual dos jovens. Mesmo por que, "Sem a real hermenêutica do significado da sexualidade, do prazer, do corpo não conseguimos aproximar-nos dos jovens de hoje" (LIBANIO, 2013, p. 243).

Libanio (2013, p. 244), aponta a função do corpo na ótica cristã:

A relação com o corpo na visão cristã se entende na perspectiva de ele ser sinal e sacramento da caminhada do ser humano inteiro na perspectiva salvífica. Mais. o núcleo da fé cristã se resume na unidade dos dois amores a Deus e aos irmãos. Portanto, louvar, reverenciar, servir a Deus, salvar a alma em termos concretos significam encontrar a Deus no serviço aos irmãos. A perspectiva ética pertence ao cerne do cristianismo. O corpo não existe, primeiro para si, para autocontemplação, autosatisfação, sobretudo de forma narcisista, mas como mediação, possibilidade de doação de si a Deus na forma de amor fraterno.

Ora, essa colocação de Libanio deveria ou deve corresponder ao carisma proposto pela SSVP, pois conforme Gonçalves (2006, p. 35), o vicentino deve "Servir a cristo na pessoa dos mais pobres". Por exemplo, Libanio (2013, p. 244) aponta "O máximo da valorização do corpo consiste [...] no serviço aos desprezados deste mundo. A geração da década de 60 [...] entendeu o corpo como dedicação a causas sociais, à libertação das classes oprimidas." Com isso, cabe a SSVP saber conciliar o próprio carisma levando em consideração as tendências atuais da juventude, relacionadas ao corpo. Se conseguirem alcançar êxito nessa conciliação, conseguirão atrair jovens para as suas fileiras. Ou seja, o objetivo seria despertar nos jovens o desejo de utilizar o próprio corpo, sua energia, disposição, com alegria e entusiasmo, dentre outras expressões, em direção ao outro, e debruçar-se nas causas sociais visando a promoção de quem sofre.

A segunda tendência apresentada por Libanio (2013) é a tendência a respeito do aspecto psíquico da juventude. O autor apresenta dois paradoxos vividos pelos adolescentes e jovens, sobretudo pela geração Y - que o autor atribui como característica principal a consciência mundial, "nascida no final dos anos 70 ou inícios dos anos 80 até a virada do milênio. Sinaliza-se pela dimensão global e pela imersão de modo profundo no universo da mídia, da comunicação, das tecnologias digitais" (LIBANIO, 2013, p. 241) - e pela geração Z - cuja característica principal são os recursos midiáticos, "A Geração Z, que agora desponta [...] conectado em facebooks, twitters, celulares de multiuso, DVD em alta definição [...]. O primeiro paradoxo trata-se de que tais gerações se portam de maneiras semelhantes, através dos vestuários, assuntos, preocupações, procuram diminuir barreiras entre culturas, etc. No entanto, se mostram de forma singular e individual em suas exterioridades, numa tentativa de viverem numa espécie de mundo paralelo, como também, vivem num conflito interior, nas dúvidas entre presente e futuro.

Num paralelo entre as gerações atuais e a da década de 60, Libanio (2013), lembra do protagonismo social das anteriores, na busca da mudança social, das utopias, da esperança de uma realidade diferente, nas causas

políticas, era uma parte pequena, mas totalmente identificados com causas libertárias. Já nas atuais, o autor identifica um marasmo, a perda das utopias, a preocupação intensa com o presente, o aqui e o agora, impotência diante das desigualdades, aversão as políticas, entre outros.

O outro paradoxo diz respeito à mostra de uma pretensa liberdade por parte dos jovens, sem limites, com desejos desenfreados, experimentações múltiplas, tudo representado e incentivado por grande parte da mídia, a felicidade a qualquer preço. Porém, por dentro, passam por crises, desilusões, desesperos, dúvidas, tristezas, descompassos que muitas vezes não dão conta de solucionar e, por isso, partem para a fuga, muitas vezes perigosas, descompromissadas e muitas vezes trágicas, devido aos excessos e transgressões. Conforme a BBC Brasil (2017), houve o aumento de quase 10% na taxa de suicídios entre os jovens da faixa etária de 15 a 29 anos, entre os anos de 2002 e 2014. Outro fator negativo, conforme Baptista (2012), é o aumento considerável de mortes externas, sobretudo entre os jovens entre 15 e 29 anos. Perder a vida por motivos externos, significa mortes não naturais, como acidentes de trânsito, homicídios, os próprios suicídios e afogamentos. Ainda, de acordo com o autor, as mortes externas violentas entre os jovens batem cifras epidêmicas: entre 1980 e 2012 a taxa cresceu 32,8%.

Dentre as justificações encontradas por Libanio (2013) para interpretar as tendências dos jovens a luz da fé cristã nas questões psíquicas, pode-se apontar para a "A tendência dos jovens de ampliar a consciência para dimensões globais favorece o sentimento de comunhão e proximidade entre eles e responde à aspiração fundamental da fé cristã." (LIBANIO, 2013, p. 249). Essa atitude vai ao encontro das aspirações SSVP, pois as Conferências Vicentinas visam a comunhão, a união e a fraternidade entre os membros visando a realização do carisma vicentino. Mas será que sua pedagogia e metodologia estão atentas a isso?

A teologia cristã da criação trabalha com duas características, também observadas como tendências nas gerações atuais, ou seja, "a dialética da

profunda igualdade humana ao lado do chamado original e único de cada um de nós" (LIBANIO, 2013, p. 250). Sendo assim, a igualdade e a singularidade são destacadas como importantes concepções que são valorizadas pela juventude. E deve mostrar uma correção de rota, já que no caso cristão as singularidades, o que corresponde a cada um, são para atuar positivamente no coletivo e nunca para algo relacionado ao narcisismo.

A outra tendência abordada por Libanio (2013) foi a do ser humano como práxis em determinada cultura. Conforme o autor, a práxis da atuação dos jovens, de modo geral, se configura em três momentos: a do anseio de corresponder as expectativas das famílias, sociedade e da cultura dominante; a da tentativa de alterar a realidade social, através de lutas e militância; e a atual, a preocupação com o próprio interesse. Conforme o autor, de modo geral, as duas primeiras estão sendo desprezadas, a satisfação própria e imediata está em voga e se sobressai sobre as outras.

Para Libanio (2013, p. 260), "O determinante da práxis da geração atual se mede pela ideologia do melhor, do maior, da retribuição, do sucesso, do dinheiro, do triunfo rápido, da aparência, da busca da beleza externa. Em vez do ser, predomina o aparecer." Nessa atual prática, praticamente não há lugar para o que seja tradicional, impera o agir pragmático ou a atitude acomodada, visando o benefício próprio, características vinculadas a cultura pós-moderna, segundo o autor.

Ao confrontar a tendência da práxis da geração atual dos jovens com a fé cristã, Libanio (2013, p. 262) ensina que "A fé cristã guarda enorme respeito à Tradição". Pode-se acolhe-la e mesmo assim agir com autonomia e liberdade pessoal, procurando entender o que foi dito ou descoberto de outrora, interpretando como olhares atuais. Será que a SSVP leva isso em conta? Mas Libanio adverte: "A fé cristã mostra a gravidade da ruptura com as tradições. Leva ao caos. E este, por sua vez, termina em fascismo e reações totalitárias. O excesso de liberalismo provoca o oposto" (LIBANIO, 2013, p. 263).

A SSVP também pode utilizar esse argumento do acolhimento das tradições, sem deixar de buscar a renovação e as mudanças necessárias, para mostrar às novas gerações que há tradições religiosas que valem a pena ser vivenciadas, já que servem para humanizar, socializar, afetar positivamente, independente da época em que foi captada (LIBANIO, 2013). Sendo assim, desde que os vicentinos consigam levar à juventude os ensinamentos tradicionais do carisma da entidade, com pedagogia adequada, e com a devida mediação entre o tradicional e o inovador, talvez logrem êxito no recrutamento dos mesmos para a renovação.

O Papa Francisco (2017) também credita à juventude a possibilidade de mudança na sociedade, em direção ao mundo mais justo e fraterno. Ele faz um questionamento diretamente aos jovens "Qual é para nós hoje esta nova terra, a não ser uma sociedade mais justa e fraterna, à qual vós aspirais profundamente e que desejais construir até às periferias do mundo? (FRANCISCO, 2017). E incentiva aos jovens a participarem ativamente: "Um mundo melhor constrói-se também graças a vós, ao vosso desejo de mudança e à vossa generosidade" (FRANCISCO, 2017). Essas exortações fazem parte de uma carta direcionada aos jovens pelo próprio Papa, em janeiro de 2017. Nela ele relembra aos jovens o compromisso de mudança, assumido por eles, na última Jornada Mundial da Juventude - JMJ, em 2016 na cidade de Cracóvia, na Polônia. Escreve o Pontífice "Na inauguração da última Jornada Mundial da Juventude, [...] perguntei-vos várias vezes: "As coisas podem mudar?". E juntos, vós gritastes um "Sim!, retumbante". (FRANCISCO, 2017). O pontífice clama por mudanças, e deseja fortemente que a juventude esteja no timão. E a SSVP, poderia assumir também esse compromisso e manter vivo seu importante carisma? Acreditamos que sim.

3.3. Conclusão

Este capítulo possibilitou a reflexão, na primeira parte, em torno da questão do assistencialismo dentro da entidade. Foram discutidas posições que confirmam essa prática e posições que a refutam. Também se identificou

as novas formas de pobreza percebidas na sociedade brasileira. Com as políticas públicas implantadas por volta dos anos 2000, as necessidades dos excluídos mudaram. Não que a questão material tenha sido resolvida, mas com as políticas de focalização e universalização implantadas no país, alterou-se a demanda dos excluídos. Sendo assim, questionou-se se os vicentinos se preparam para lidar com a nova face realidade. Ainda nesta parte, se apresentou alguns fatores intra e extra eclesiais do catolicismo que podem ter contribuído para a crise em voga.

A segunda parte do capítulo discutiu sobre os desafios da SSVP para angariar e formar novos membros para as fileiras da entidade, sobretudo dos jovens, público alvo para a tentativa de renovação. Um deles é o problema da série de exigências, conforme as orientações da Regra vicentina, para os aspirantes e principalmente os integrantes já efetivos. Essas atribuições podem ocupar boa parte da vida dos voluntários, principalmente para quem assume cargos de coordenação dentro da associação. Todas essas tarefas obrigatórias podem configurar um empecilho para o recrutamento de membros. Por fim, foram levantados alguns obstáculos encontrados pela SSVP nas sociedades atuais para atrair jovens para o carisma vicentino. Por outro lado, há características da juventude que podem ser utilizadas para despertar o desejo dos jovens de se tornarem vicentinos.

CONCLUSÃO

Com quase dois séculos de existência, a Sociedade São Vicente de Paulo – SSVP tem atuado em quase todo o mundo, e se destacou no Brasil, desenvolvendo um importante e significativo serviço caritativo, especialmente junto aos mais pobres e desassistidos. No entanto, em solo brasileiro, a entidade atravessa uma fase de instabilidade, com redução de membros, diminuição de Conferências Vicentinas e dificuldades de renovação de quadros diante das exigências dos dias atuais. Desta forma, a análise da crise institucional vivida por esta instituição foi o tema desta pesquisa, culminando nesta dissertação.

Este trabalho não teve a pretensão de abarcar toda a realidade da SSVP presente no país, mesmo utilizando diversas fontes bibliográficas, fontes primárias e secundárias, documentos da entidade, entrevistas e, até mesmo a participação efetiva em uma Conferência Vicentina. Com certeza, seria impossível traduzir tudo o que uma instituição, mais do que centenária no país, representada pelos seus mais de 30 Conselhos Metropolitanos espalhados pelo Brasil, estaria produzindo, realizando ou planejando.

Como já informado, o estudo teve como motivação inicial o objetivo de entender os motivos pelos quais o Conselho Central Sagrados Corações - BH se esvaziou e ficou pouco atuante, bem diferente da realidade das duas últimas décadas do século passado, quando era possível perceber eventos, romarias, bazares, Conferências Vicentinas em plena atividade.

A estrutura da dissertação foi organizada em três capítulos. O primeiro capítulo apresentou a história de vida e algumas obras criadas por Vicente de Paulo, o santo inspirador da SSVP. Também mostrou a biografia de Frederico Ozanam, principal fundador da entidade, explicando em qual contexto ele e seus amigos articularam e colocaram em prática o que haviam idealizado em grupo.

Ainda nesse capítulo, foram apresentadas, brevemente, a estrutura organizacional e hierárquica da associação e também as informações sobre o surgimento e o início das ações do Conselho Central Sagrados Corações, local de observação e de participação na coleta de dados para esta pesquisa, durante os últimos dois anos.

Na segunda parte deste capítulo foi relatada a chegada da SSVP em solo brasileiro, a proliferação de Conferências Vicentinas ao longo dos estados, e o começo das atividades de algumas das primeiras obras assistenciais pelas cidades brasileiras. No último tópico, mostrou-se a carta magna da entidade, ou seja, a sua Regra, explicação sobre as Festas Regulamentares, a finalidade do Compromisso Vicentino e a principal atividade dos vicentinos: a visita ao assistido.

Desta forma, o primeiro capítulo foi mais descritivo, primeiramente devido à necessidade de oferecer informações sobre as duas das principais figuras da história da SSVP, como também mostrar sua forma organizacional e hierárquica, além de expor algumas das práticas religiosas da associação. Devido às poucas opções de pesquisas relacionadas à SSVP, esse capítulo inicial poderá ser de alguma valia para investigações sobre o tema.

O segundo capítulo, na primeira parte, apresentou alguns elementos importantes do marco teórico do trabalho. Alguns autores foram fundamentais nesse processo. Berger abordou a Secularização como perda de controle da religião em locais estratégicos e diminuição de sua influência nas sociedades modernas, propiciando assim, oportunidades para as descobertas científicas. Já Hervieu-Léger acrescenta ao significado desse tema, um sentido mais paradoxal, pois acredita que as próprias sociedades secularizadas são capazes de fomentar novas configurações religiosas. E a autora ainda apresenta a racionalidade e a autonomia do sujeito e das instituições como características dessa modernidade, que contribuíram para o decréscimo da legitimidade religiosa. E ainda, tanto ela quanto Berger mostram outro fator importante: a separação da esfera pública e da privada, que Berger destaca o deslocamento

da religião do público para o privado. Com isso, segundo o autor, a religião acabou por adquirir algumas das características do mundo moderno, a individualidade por exemplo. Desta forma, o indivíduo possui a prerrogativa de aderir as confissões religiosas ou não. Dentro dessa linha, Hervieu-Léger aponta que essa adesão ou não a determinada religião, advêm da dificuldade das famílias modernas em transmitir valores religiosos aos seus entes. Pois para a autora, as sociedades modernas sofrem crises de transmissão de memória.

Ainda na visão de Berger, depois de se discutir sobre a perda de influência da religião, analisou-se a secularização e como ela contribuiu também para o surgimento do pluralismo, isto é, formas distintas de significar o mundo. Tais realidades, ocasionaram, assim, uma competição entre instituições de sentido, sejam religiosas ou não. Isso fez com que as instâncias de sentido se jogassem no mercado para disputarem seu próprio espaço. E acabaram se burocratizando, racionalizando suas estruturas na tentativa de melhorar o serviço oferecido às pessoas.

Com isso, conforme Berger e Lucimann, nas sociedades modernas emergiram crises subjetivas e intersubjetivas de sentido. Tal fenômeno ocorre por que as variadas instituições criam suas próprias normas e significados de sentido e, como são várias, as pessoas se vêem na possibilidade de escolhas, de opções, de preferências. E a possibilidade de destino predeterminado se desmonta e isso faz com que muitos se desorientem diante das encruzilhadas da vida. No entanto, a sociedade não entra em uma crise gigantesca, devido as instituições intermediárias que, conforme os autores, se localizam entre as grandes instituições de sentido e os indivíduos e servem como mediadoras e tranqüilizantes para os indivíduos. Igrejas, associações, sindicatos são exemplos dessas instituições.

Ainda no segundo momento do capítulo dois, foram apresentadas algumas características do campo religioso brasileiro na visão de Pierre Sanchis como: o protagonismo dos indivíduos na escolha religiosa, a

desinstitucionalização e a variedade religiosa. Com Pierucci, refletiu-se sobre a mobilidade do campo religioso e também o conceito de destradicionalização. Com essas referências teóricas, tornou-se possível perceber como tais características, principalmente a desinstitucionalização e a destradicionalização, contribuíram também para a crise da SSVP. Tais fenômenos atingiram, na maioria das vezes, as maiores religiões tradicionais do país. Tratando-se de Brasil, a religião católica, por ser aquela com mais integrantes, sem dúvida, foi a mais atingida. Como entidade católica, a SSVP sofreu e sofre com o advento desses dois fenômenos, expressos no declínio do número de adeptos, e a saída de antigos colaboradores.

Abordou-se também, nesse capítulo, utilizando-se os censos do IBGE como campo de análise, o declínio nos percentuais de declarantes do catolicismo, o crescimento do protestantismo e o aumento dos "sem religião", com destaque para os jovens, a maioria nesse segmento e também entre os evangélicos pentecostais. Nesse sentido, essa mobilidade no campo religioso brasileiro, que afetou o catolicismo, por conseguinte, contribuiu para a crise da SSVP, pois com a redução de católicos, as chances de angariar novos membros ou diminuir a evasão de integrantes já efetivos, diminuíram.

A segunda parte do capítulo segundo discutiu a crise institucional da SSVP, apresentando alguns dos problemas externos e internos da instituição, que produziram esse momento de instabilidade. Verificou-se através de documentos, conversas, relatórios e entrevistas, que a crise na SSVP iniciou-se por volta do começo do século XXI. Dois fatos corroboram para esta inferência. O primeiro trata-se da implantação de políticas públicas de distribuição de renda dos governos federais, a partir dos anos 2000. Com esses programas em vigência, conforme alguns vicentinos do Conselho Central Sagrados Corações, a demanda de necessitados diminuiu, ocasionando numa redução de famílias com necessidades materiais.

O segundo fator apresentado foi a publicação do novo Código Civil Brasileiro, implantado a partir de 2003, devido a algumas regras contidas nessa

lei, pois alguns vicentinos tiveram de se deslocar de suas respectivas Conferências Vicentinas para assumirem cargos administrativos de gestores nas obras assistências e patrimoniais da entidade. Isso causou um esvaziamento considerável nas bases da SSVP, que são as Conferências Vicentinas, pois são elas que possuem o contato primeiro com os assistidos.

Dentre alguns fatores externos que foram citados como prováveis causadores da crise da entidade foram discutidos a transitoriedade dos jovens no cenário religioso brasileiro, os obstáculos encontrados pelos próprios vicentinos em transferir os valores da SSVP para seus próprios familiares e a pluralidade de instituições de sentido, principalmente as religiosas. Diante dos dados apresentados ao longo do capítulo, pode-se inferir que esses fatores externos tiveram alguma parcela de afetação na crise institucional da SSVP.

Os fatores internos à SSVP citados nesse trabalho foram: a necessidade de alguns membros se dedicarem a tarefas burocráticas dentro da instituição; a necessidade da instituição de se atualizar e se aperfeiçoar para enfrentar as novas demandas das sociedades atuais; a negligência em relação aos preceitos da Regra da entidade; e a dificuldade da SSVP de se manter como instituição intermediária de sentido. Assim como os externos, todos esses aspectos internos à associação foram analisados e puderam perfeitamente serem considerados como contribuintes para a crise institucional da entidade.

O terceiro e último capítulo iniciou com uma reflexão acerca da possível prática assistencialista da instituição. A seguir, em razão da entidade visar o auxílio aos pobres, realizou-se uma breve análise dessa questão. Constatou-se que a situação de pobreza no Brasil, embora muito longe de ter sido resolvida, diminuiu razoavelmente a partir da primeira década do século XXI, devido principalmente às políticas públicas implantadas pelos governos federais ao longo desse período. Também se constatou que as necessidades dos pobres, dos excluídos se alteraram. Nem sempre a necessidade passa por produtos materiais ou bens de consumo. Muitas vezes as necessidades são outras, tais como depressão, drogas, discriminação, etc. Dai, observa-se mais esse desafio

para a SSVP, pois ao se deparar com as atuais práticas, documentos, Regras, publicações, percebe-se que os vicentinos se aperfeiçoarem no sentido de lidarem com a figura desse novo "pobre" da sociedade brasileira.

Em seguida, refletiu-se sobre a crise que o catolicismo também atravessa. Trata-se de alterações consideráveis no mundo cultural, instabilidades no papel missionário da igreja e desequilíbrios de fé. Pelo fato da SSVP ser uma instituição católica tais aspectos também se fazem presentes na instituição dos vicentinos, tornando-se assim, novos desafios a serem enfrentados pela SSVP.

Utilizando-se das orientações e normas escritas na Regra foi realizada uma análise sobre as exigências de admissão de novos integrantes, obrigações referentes aos vicentinos, deveres dos detentores de cargos de diretoria dentro da entidade, aspectos da formação e, por último, sobre o funcionamento das reuniões. Diante desse estudo, verificou-se que a Sociedade de São Vicente de Paulo ainda se encontra com obstáculos no que se refere a sua receptividade aos novos membros, a inovações, adaptações e acolhimento dos tempos atuais. Ainda mais, que nos dias de hoje, nos quais as demandas de tarefas pessoais aumentaram para todos os segmentos da população. Provavelmente será cada vez mais difícil para a SSVP angariar adeptos, sobretudo de jovens, para assumir as atividades e cargos dentro da instituição com as exigências, métodos e pedagogias vigentes. Toda essa dificuldade também se reflete para os membros já antigos, pois se forem seguir à risca todas as obrigações pertinentes a sua atividade, sobrarão pouquíssimo tempo para a vida pessoal, o que mostra um dos motivos apurados neste trabalho, sobre o afastamento da Regra da entidade por partes de alguns integrantes.

E no último tópico deste capítulo abordou-se a juventude em relação ao futuro do carisma da entidade. Foram apresentadas algumas considerações em relação aos jovens. Percebe-se que mesmo nas Unidades Vicentinas direcionadas à juventude, a presença deles dentro da entidade não decola, não

aumenta. Pela breve análise dos documentos, como também das orientações contidas na Regra, constatada também nas observações presenciais, foi possível chegar à mesma constatação anterior no que se refere à impossibilidade de cumprimento com a infinidade de obrigações, tarefas e deveres por quem assume ou pretende assumir atividades na SSVP. E já no final deste capítulo, foram apresentadas algumas tendências da juventude atual, observadas por Libanio, que poderiam ser utilizadas na tentativa do despertar de jovens para as causas religiosas vicentinas.

Ao final desta pesquisa, deve-se observar que este trabalho não teve a pretensão de esgotar o tema sobre a crise de renovação institucional da Sociedade de São Vicente de Paulo. O que se pretendeu foi fazer uma análise para se compreender essa crise, levantando algumas razões que pudessem justificar tal fenômeno. Há muito que se investigar sobre isso e novas pesquisas poderão trazer outros elementos importantes, pois constatou-se que não existem muitos trabalhos sobre a SSVP.

Espera-se que este trabalho possa servir de incentivo a outros estudos direcionados a esse tema. E, como contribuição social desta investigação, através das Ciências da Religião, na Linha de Pesquisa Religião, Política e Educação, há a expectativa que essas reflexões possam ajudar à SSVP a renovar seu carisma, sua práxis, sua metodologia e sua formação, em diálogo com os desafios da sociedade contemporânea.

Há ainda a expectativa de que este estudo possa incentivar outros pesquisadores e que essas reflexões ajudem à SSVP no seu processo de renovação, que parece ser a meta do atual presidente mundial. Com um importante carisma a SSVP precisa rever suas práticas, metodologias e pedagogias de formação de seus quadros, especialmente para acolher os jovens, que podem ser a força desse processo de transformação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ronaldo de; MONTEIRO, Paula. Trânsito religioso no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 3, jul./set. 2001. p. 92-100. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso: 24 mai. 2016.
- ALMEIDA, Ronaldo de; RUMSTAIN, Ariana. Os católicos no trânsito religioso. In: Teixeira, F. e Menezes, R. (Org). **Catolicismo plural Dinâmicas contemporâneas**. Petrópolis, Ed. Vozes, 2009. p. 31-55.
- ALVES, Ataíde. A juventude e a sociedade de São Vicente de Paulo. **Revista Adoremus**, Belo Horizonte, n. 1002, p. 45, janeiro 2016.
- ALVES, José Eustáquio Diniz; BARROS, Luiz Felipe Walter, CAVENAGHI, Suzana Marta. A dinâmica das filiações religiosas no Brasil entre 2000 e 2010: diversificação e processo de mudança de hegemonia. **Rever**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 145-174, 2012.
- ALVES, José Eustáquio Diniz; CAVENAGHI, Suzana Marta; BARROS, Luiz Felipe Walter. A transição religiosa brasileira e o processo de difusão das filiações evangélicas no Rio de Janeiro. **HORIZONTE**, Belo Horizonte, p. 1055-1085, dez. 2014. ISSN 2175-5841. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2014v12n36p1055/7518>>. Acesso em: 10 abr. 2017.
- ANDRIETA, J. M. **Mudanças de Estrutura**. Disponível em: <<http://larfredericoozanam.org.br/2015/12/18/mudancas-de-estruturas/>>. Acesso em 27 de fev 2017.
- ANTONIAZZI, Alberto. As Religiões no Brasil Segundo o Censo de 2000. **REVER** - Revista de Estudos da Religião, nº 2, p. 75-80, 2003.
- BAPTISTA, Paulo Agostinho N. **Dados gerais sobre religiões no Brasil**. 2012. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/351914582/Dados-Gerais-sobre-Religoes-no-Brasil-a-partir-dos-Censos>>. Acesso em: 12 jun. 2017.
- BAPTISTA, Paulo Agostinho N. Pensamento Decolonial, teologia pós-colônias e Teologia da Libertação. **Perspectiva Teológica**. Belo Horizonte, v 48, n. 3, p. 491-517, set-dez 2016.

BAPTISTA, Paulo Agostinho N. **Teologia da Libertação e Juventude**. Anais do Congresso da SOTER 27º Congresso Internacional da SOTER Espiritualidades e Dinâmicas Sociais: Memória – prospectivas, Belo Horizonte, p.22-36, 2014. Disponível em: <<http://www.soter.org.br/anais/27.pdf>>. Acesso em 23 de jun de 2017.

BBC BRASIL. **Crescimento constante: taxa de suicídio entre jovens sobe 10% desde 2002**. Rio de Janeiro, abril 2017. Disponível: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-39672513>>. Acesso em junho 2017.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**: a orientação do homem moderno. Petrópolis: Vozes, 2004.

Berger, Peter. **O Dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas. 1985.

BOLETIM BRASILIERO, Sociedade de São Vicente de Paulo. **Conselho Nacional do Brasil da SSVV proíbe criação de Obras Unidas**. Conselho Nacional do Brasil. Rio de Janeiro, ano 139 no. 1 jan/fev. 2017.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. O Brasil religioso que emerge do Censo de 2010: consolidações, tendências e perplexidades. In: TEIXEIRA, Faustino. **Religiões em movimento – O Censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013. pp. 63-87.

CARVALHO, Andressa. **A família na atualidade**. Brasil Escola. Disponível em :<<http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/psicologia/a-familia-na-atualidade.htm>> Acesso em 22 de dez 2016.

CELAM, **Documento de Aparecida**: V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 2007. Disponível em <http://paroquiasaocamilo.org.br/noticias_cnbb/doc_aparecida.pdf>. Acesso em 28 de maio de 2017.

COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO. **Carisma Vicentino**. Disponível em :<<http://www.cic.g12.br/QuemSomos/CarismaVicentino>>. Acesso em 15 agos. de 2016.

CONSELHO METROPOLITANO DE BELO HORIZONTE. **A Sociedade de São Vicente de Paulo**. Disponível em :<<http://ssvpcmbh.org.br/ssvp/>>. Acesso em 16 de agos de 2015.

CONSELHO METROPOLITANO DE BELO HORIZONTE. **Confrade Renato tomou posse como novo presidente geral da SSVV**. Disponível em :<<http://ssvpcmbh.org.br/confrade-renato-tomou-posse-como-novo-presidente-geral-da-ssvp/>> Acesso em 10 de out. 2016.

CONSELHO METROPOLITANO DE BELO HORIZONTE. **Especial 19 anos da beatificação de Antônio Frederico Ozanam.** Disponível em: <<http://ssvpcmbh.org.br/especial-19-anos-da-beatificacao-de-antonio-frederico-ozanam/>>. Acesso em 01 de set. 2016.

CONSELHO METROPOLITANO DE BELO HORIZONTE. **Família Vicentina.** Disponível em :< <http://ssvpcmbh.org.br/familia-vicentina/>>. Acesso em 29 de agos. 2016.

CONSELHO METROPOLITANO DE BELO HORIZONTE. **Mudanças na Regra da SSVP são discutidas na Plenária Nacional.** Disponível em: <<http://ssvpcmbh.org.br/mudancas-na-regra-da-ssvp-sao-discutidas-na-plenaria-nacional/>>. Acesso em 12 de dez. 2016.

CONSELHO NACIONAL DO BRASIL. COURTOIS, Abbé Gaston. Vida de São Vicente de Paulo. Rio de Janeiro, no. 6.

CONSELHO NACIONAL DO BRASIL. ECAFO - Escola de Capacitação Antônio Frederico Ozanam. ed. Rio de Janeiro: CNB da SSVP, 2011.

CONSELHO PARTICULAR DE ARARAS. **Hierarquia na S.S.V.P.** Disponível em: <<http://ssvpcpararas.blogspot.com.br/p/hierarquia-na-ssvp.html>> Acesso em 10 de dez 2016.

CORTELLA, Mario Sérgio. **A escola e o conhecimento:** fundamentos epistemológicos e políticos. 2. ed São Paulo, Cortez: Instituto Paulo Freire, 1999.

DES REVIÈRES, Madeleine. **Ozanam, Um sábio entre os Pobres.** São Paulo: Loyola, 1996.

EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO-EBC. **Jovens conectados à internet no Brasil são o dobro da média mundial.** 2015. Disponível em: < <http://www.ebc.com.br/tecnologia/galeria/videos/2013/10/jovens-conectados-a-internet-no-brasil-sao-o-dobro-da-media>>. Acesso em 22 abril de 2017.

FERNANDES, Silvia. Desvinculação religiosa entre os jovens é maior do que a adesão ao pentecostalismo. Entrevista especial com Silvia Fernandes. **IHU,** São Leopoldo. Entrevista a Patrícia Fachin em 25 de abril de 2017. Disponível e: < <http://www.ihu.unisinos.br/566902-desvinculacao-religiosa-entre-os-jovens-e-maior-do-que-a-adesao-ao-pentecostalismo-entrevista-especial-com-silvia-fernandes>>. Acesso em: 07 maio 2017.

FRANCISCO, Papa. **Carta aos Jovens.** Vaticano, janeiro 2017. Disponível: <http://pt.radiovaticana.va/news/2017/01/14/papa_francisco_carta_aos_jovens_-_texto_integral/1285644>. Acesso em 10 de junho 2017.

FRANCISCO, Papa. **Encíclica Laudato Si'**. 2015. Disponível: < http://fas-amazonas.org/versao/2012/wordpress/wp-content/uploads/2017/01/texto_integral_enciclica_laudato_si.pdf>. Acesso em 01 abril de 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GIDDENS, Anthony. **Modernização reflexiva: Modernização reflexiva política, tradição e estética na ordem social moderna**. Ulrich Beck, Anthony Giddens, Scott Lash. São Paulo: Fundação UNESP, 1997.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós**. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GONÇALVES, Cristovão. **Presente e futuro da SSVP**. São José dos Campos: Asseart, 2006.

HEINE, Maria Luiza et al. **A casa de Vicente** : Sociedade São Vicente de Paulo de Ilhéus. Ilhéus, Editus, 2007.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião?. **Religião e Sociedade**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 31- 47, agosto 1997.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HOBBSAWM, Erick J. **A era das revoluções: 1789 - 1848**. 9a. ed. São Paulo, Paz e Terra, 1994.

IBAÑEZ, José Maria. **Vicente de Paulo: A Fé comprovada no Amor**. São Paulo, Paulinas, 1997.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte**. 2001. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html> Acesso em 29 de maio 2017.

JORNAL DA CAIXA. **Estilo de vida: Solidariedade e amor ao próximo**. Ano 2, no. 5 março de 2012 Disponível em: <http://www.previdenciausiminas.com/comunicacao/downloads/book/jornal_previdencia_usiminas/05/index.html#/8/zoomed>. Acesso em: 27 fev 2017.

JORNAL O ESTADO DO TRIANGULO. **Personalidades do Ano de 2015: O trabalho de três grandes instituições**. Disponível em : <<http://www.etnews.com.br/noticias/cidade/2016/personalidades-do-ano-de-2015-o-trabalho-de-tres-grandes-instituicoes>>. Acesso em: 02 nov 2016.

KERSTENETZKY, Célia Lessa. **O Brasil, a Pobreza e o Século XXI**. Texto para discussão n. 59. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Sobre Desigualdade e Desenvolvimento/UFF, dez. 2011. Disponível em: <<http://www.proac.uff.br/cede/sites/default/files/TD59.pdf>> Acesso em 26 de maio de 2017.

LIBANIO, João Batista. Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento. **IHU**, Cadernos Teologia Pública, São Leopoldo, ano 2 no. 16, p. 1-39, 2005. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/016cadernosteo logiapublica.pdf>>. Acesso em 22 de abril 2017.

LIBANIO, João Batista. Juventude e a fé cristã. **Perspectiva Teológica**. Belo Horizonte, ano 45, no. 126 p.235-266, mai-ago 2013.

LIBANIO, João Batista. **Pastoral numa sociedade de conflitos**. Petrópolis: Vozes, 1982.

LIMA, Júlio César Marques. Repensando as reuniões de Conselhos. **Revista Vicentina Adoremos**, Belo Horizonte, no. 994, ano 101, maio, 2015.

LIMA, Renato. **As diferenças entre assistencialismo, filantropia e caridade**. Disponível em: <<http://soussvp.blogspot.com.br/2013/08/as-diferencas-entre-assistencialismo.html>> acesso em: 15 de nov 2016.

LIMA, Renato. **Discurso – Dia Nacional dos Vicentinos - Câmara dos Deputados - Brasília-DF**. Disponível em :<<http://www.maikol.com.br/index.php/outros/renato/2016>>. Acesso em: 10 de dez 2016.

LIMA, Renato. Vicentinos de Papel. **Revista Vicentina Adoremos**, Belo Horizonte, no. 998, ano 101, setembro, 2015.

LUIZ, Ronaldo Robson. A religiosidade dos sem religião. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, v. 15, n. 19, p. 73-88, Jul./Dic. 2013. Disponível em <<file:///C:/Users/101045/Downloads/44576-180100-1-PB.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

MARÍNGULO, Mário. Comissão de Jovens comemora 50 anos de existência e um dos precursores do movimento comenta trajetória. **Boletim Brasileiro Sociedade de São Vicente de Paulo**, Rio de Janeiro, ano 138 - no. 2 MarçoAbril, p. 02-05, 2016.

MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pósmoderna: entre secularização e dessecularização**. São Paulo: Edições Paulinas, 1995.

MAVRIC, Tomaz CM. **Carta pelos 400 anos do Carisma Vicentino**. Disponível em :< <http://www.ssvpbrasil.com.br/?p=1233>>. Acesso em: 18 de jan 2017.

MELO, Ovídeo Arande de. **Confrade de Piumhi coleciona informações históricas**. Disponível em:

<<http://www.ssvpcmformiga.org.br/noticias/visualizar/confrade-de-piumhi-coleciona-informacoes-historicas>>. Acesso em: 10 de dez 2016.

MIRANDA, Benedito Rosa. **Antônio Frederico Ozanam**. Curitiba, Gráfica Vicentina, 1983.

MOREIRA, Fernando Eustáquio Campos Utsch; SALVE, Cláudio Monteiro Goulart. Instituições seculares sob influência da globalização: estudo de caso da Sociedade São Vicente de Paulo. **Revista de Administração da FEAD-Minas**. Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 91-108, dez. 2006.

NASCIMENTO, Welci. **Sonhos Vicentinos**: apontamentos para a história da Sociedade de São Vicente de Paulo de Passo Fundo. Passo Fundo, Projeto Passo Fundo, 2006.

NOTÍCIAS VICENTINAS. **Primeira Conferência Vicentina do Brasil completa 139 anos hoje**. Disponível em:

<<http://noticiasvicentinas.blogspot.com.br/2011/08/primeira-conferencia-vicentina-do.html>> Acesso em: 03 de dez 2016.

NOVAES, Regina. Hábitos de doar: motivações pessoais e as múltiplas versões do “espírito da dádiva” in: BRITO, M; Melo, M (Org.). **Hábitos de doar e captar recursos no Brasil**. São Paulo: Peirópolis, 2007. p. 15-56

NOVAES, Regina. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. Notas preliminares. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 321-330, 2004.

NOVAES, Regina. Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo. In: TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata (Org.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis, Vozes, 2006. p. 135-160.

O SEGREDO DE ESTAR BEM. **O que é ser um vicentino**. Disponível em: <<http://osegredodeestarbem.com.br/o-que-e-ser-um-vicentino/>>. Acesso em: 23 jul 2016.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. Introdução. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de (org.) **Opção pelos pobres no Século XXI**. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 9-26.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro. **A Igreja e a atual conjuntura nacional. "Hoje a política eclesial recomenda o silêncio"**. IHU online, 2016. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias?id=560358:igreja-e-politica-a-base-nao-deixou-de-ser-protagonista-entrevista-especial-com-pedro-ribeiro-de-oliveira>>. Acesso em 01 mai 2017.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro. **A perda de capilaridade social e a desafeição dos católicos. Desafios da Igreja no Brasil em tempos de Papa Francisco. Entrevista especial com Pedro Ribeiro de Oliveira.** IHU online, 2017. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/566817-cebs-e-pastorais-sociais-sao-os-setores-afinados-com-a-proposta-de-uma-igreja-em-saida-entrevista-especial-com-pedro-ribeiro-de-oliveira>>. Acesso em: 25 de maio de 2017.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro. **Igreja “em saída” x restauração identitária: como desempatar? IHU online,** 2014. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/535020-igreja-em-saida-x-restauracao-identitaria-como-desempatar>>. Acesso em 23 de maio de 2017.

OLIVEIRA, Tatielle. Universitários e vicentinos, com muito orgulho e muito amor. **Boletim Brasileiro Sociedade de São Vicente de Paulo**, Rio de Janeiro, ano 139 - no. 1 janeiro-fevereiro, p. 28-29, 2017.

PAIVA, John Anderson Oliveira de. O exemplo do jovem Vicente de Paulo. **Boletim Brasileiro Sociedade de São Vicente de Paulo**, Rio de Janeiro, ano 139 - no. 2 Março-Abril, p. 28, 2017.

PANASIEWICZ, Roberlei. Secularização: O fim da religião? In: BINGEMER, Maria Clara; ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de (Org.). **Secularização: novos desafios.** Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012. p. 9-26.

PARÓQUIA SÃO VICENTE DE PAULO. Disponível em <<http://paroquiasaovicentede paulo.com/padroeiro>> Acesso em: 09 dez. 2015.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Bye Bye, Brasil: o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. **Estudos Avançados.** Vol. 18, n.52, p. 17-28, 2004.

PIERUCCI, Antônio Flávio. O Crescimento da Liberdade Religiosa e o Declínio da Religião Tradicional: A Propósito do Censo de 2010. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). **Religiões em movimento: o Censo de 2010.** Petrópolis: Vozes, 2013. p. 49-61.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Reencantamento e dessecularização: a propósito do auto-engano em sociologia da religião. **Novos Estudos**, São Paulo, Cebrap, n. 49, p. 99-117, nov. 1997.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Secularização em Max Weber: Da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, vol.13, n.37, p.43-73, 1998. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69091998000200003>>. Acesso em 15 agos. de 2016.

PINTO, A. P. M. **Assistência, Saúde e Sociedade:** A Sociedade São Vicente de Paulo. Anais Eletrônicos do 14º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia. UFMG, 2014.

POCHMANN, Márcio. Pobreza em transformação no Brasil. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro (org.). **A opção pelos pobres no século XXI**. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 59-85.

POGGIOLI, Mizaél Donizetti CM. **Um olhar de caridade**. no. 55 Curitiba: Coleção Vicentina, 2015.

PORTA BRASIL. **Em 10 anos, taxa de divórcios cresce mais de 160% no País**. 2015. Disponível em < <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/11/em-10-anos-taxa-de-divorcios-cresce-mais-de-160-no-pais>>. Acesso em 02 de abril de 2017.

PROVÍNCIA BRASILEIRA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO. **O que é Família Vicentina**. Disponível em:< <http://www.pbcm.com.br/o-que-e-familia-vicentina/>>. Acesso em: 23 de agos 2016.

REIS, Alex Sandro CM. **Projeto conhecendo e promovendo a Mudança de Estruturas**. Disponível em: <http://www.ssvpbrasil.com.br/wp-content/uploads/2016/09/Conhecendo-a-realidade.doc>>. Acesso em: 04 dez 2016.

REVISTA VICENTINA ADOREMOS. CMBH - 96 anos. Belo Horizonte. CMBH. jan-fev 2015 p. 15

RIBEIRO, Jorge Cláudio. Sem-religião no Brasil: dois estranhos sob o guarda-chuva. **Cadernos IHU ideias**, São Leopoldo, Ano 11, n. 198, 2013.

RIBEIRO, Paulo Silvino. **Família: não apenas um grupo, mas um fenômeno social**; *Brasil Escola*. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/familia-nao- apenas-um-grupo-mas-um-fenomeno-social.htm>>. Acesso em 22 de dez de 2016.

RODRIGUES, Denise dos Santos. Os sem religião nos censos brasileiros: sinal de uma crise do pertencimento institucional. **HORIZONTE**, Belo Horizonte, p. 1130-1153, dez. 2012. ISSN 2175-5841. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2012v10n28p1130>>. Acesso em: 11 Jun. 2017.

SANCHEZ, Wagner Lopes. Pluralismo e modernidade. **Revista Pensamento & realidade da Faculdade São Luís**, São Paulo, ano V, nº 10, p. 3-17 jul/dez, 2002.

SANCHIS, Pierre. Prefácio. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **Religiões em movimento: o censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 11-16.

SILVA, Cláudia Neves da and LANZA, Fabio. **Sociedade de São Vicente de Paulo: caridade católica aos problemas sociais?**. *História* [online]. 2010, vol.29, n.1, pp.40-55. ISSN 1980-4369. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742010000100004>>. Acesso em 15 de junho de 2016.

SILVA, Cláudia Neves da. Igreja católica, assistência social e caridade: aproximações e divergências, **Sociologias**, Porto Alegre, v. 8, n. 15, , p. 326-351, jan/jun 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n15/a12v8n15.pdf>>. Acesso em 15 jun. 2015.

SILVA, Luiz Gregório da Silva, Desativação de Conferências. **Revista Vicentina Adoremus**, Belo Horizonte, n. 993, p. 12, abril 2015.

SILVA, Vandeler Ferreira da. **Código Civil Brasileiro; Info Escola**. Disponível em <<http://www.infoescola.com/direito/codigo-civil-brasileiro/>>. Acesso em 08 de nov de 2016.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIRURGIA PLÁSTICA- SBCP, **Número de cirurgias plásticas entre adolescentes aumenta 141% em 4 anos**. São Paulo, agosto 2013. Disponível em <<http://www2.cirurgioplastica.org.br/numero-de-cirurgias-plasticas-entre-adolescentes-aumenta-141-em-4-anos/>>. Acesso em 10 de abril de 2017.

SOCIEDADE SÃO VICENTE DE PAULO. **Onde estamos?**. Disponível em: <http://www.ssvpbrasil.com.br/?page_id=263>. Acesso em: 30 de agos 2016

SOCIEDADE SÃO VICENTE DE PAULO. **Regra da Sociedade São Vicente de Paulo**. 30. ed. Rio de Janeiro: CNB da SSVV, 2007.

SOCIEDADE SÃO VICENTE DE PAULO. **Regra da Sociedade São Vicente de Paulo**. 30. ed. Rio de Janeiro: CNB da SSVV, 2015.

SOFIATI, Flávio Munhoz. Jovens católicos carismáticos nas universidades: a fé que pauta a ciência. **Perspectiva Teológica** . Belo Horizonte, ano 45 no. 126 p.179-204, mai-ago 2013.

SOLER, Joaquin Silva. A crise da Igreja Católica: alguns dados empíricos e perspectivas teológicas. **Perspectiva Teológica** , Belo Horizonte, ano 45, no. 126, p.219-234, mai-ago 2013.

SOUZA, André Ricardo de. As mudanças na intervenção social do catolicismo brasileiro. **Estudos de Sociologia**, Rev. do Progr. de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, Pernambuco, v. 1, n. 13, p. 131-160, 2007. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revsocio/index.php/revista/article/view/211/171>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

SSVP - Sociedade de São Vicente de Paulo. **Regra da Sociedade de São Vicente de Paulo**. Rio de Janeiro: SSPV, 2015.

TAYLOR, Charles. **Uma era secular**. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2010.

TEIXEIRA, Faustino, O Censo de 2010 e as religiões no Brasil: esboço da apresentação. In: TEIXEIRA, Faustino. **Religiões em movimento – O Censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 17-35.

TEIXEIRA, Faustino. Introdução. In: HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.

TEIXEIRA, Faustino. **O campo religioso brasileiro na ciranda dos dados.. IHU**, São Leopoldo, 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/512819-o-campo-religioso-brasileiro-na-ciranda-dos-dados>> Acesso em: 07 maio 2017.

TEIXEIRA, Faustino. **O Concílio Vaticano II e o diálogo inter religioso. Diálogos**, Juiz de Fora, 2010. Disponível em: <<http://fteixeira-dialogos.blogspot.com.br/2010/04/o-concilio-vaticano-ii-e-as-religoes.html>> Acesso em 25 de maio de 2017.

TEIXEIRA, Messias Gonçalves. **São Vicente de Paulo**: o sacerdote exemplar. Campinas [s.n.]. 1979.

TEIXEIRA, Vinícius A. R. Pelos caminhos de Deus e dos pobres: Itinerário espiritual de São Vicente de Paulo. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 70, n.277, 2010, p. 64-97.

TELLES, Sarah Silva. A categoria pobre: o que tem a dizer a sociologia?. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. **A opção pelos pobres no século XXI**. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 29-57.

VALERIANO, Lucas Natalio. Carta aos vicentinos. **Revista Adoremus**, Belo Horizonte, n. 993, p. 38, abril de 2015.

VILAS-BOAS, Livia. **A focalização e universalização na política social brasileira: opostos e complementares**. Texto para discussão n. 56. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Sobre Desigualdade e Desenvolvimento/UFF, out. 2011. Disponível em: <<http://www.proac.uff.br/cede/sites/default/files/TD56.pdf>> Acesso em 26 de maio de 2017.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. Mutualismo e filantropia. In: **Lócus: revista de História**. Juiz de Fora: núcleo de História Regional / Departamento de História/Arquivo Histórico/EDUFJF, 2004, V.10, n.01 p. 99-113.

ZICO, Tobias C.M. **Ozanam e o leigo na igreja**. Belo Horizonte: Editora Instituto Dom João, 1971.